



ボーイズ・ラブ

BOY'S LOVE

histórias de amor sem preconceito



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.





Organizado e ilustrado por

Tanko Chan

1ª edição

Editora Draco

Sao Paulo

2014

© 2014 by Inês Montenegro, Marcia Souza, Fábio Baptista, Priscila Barone, Diego Umino Hatake, Ágatha Yukari, Rubem Cabral, Melissa de Sá, Tanko Chan

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Publisher: Erick Santos Cardoso

Edição: Karen Alvares e Tanko Chan

Produção editorial: Janaina Chervezan

Organização e ilustrações: Tanko Chan

Revisão: Cirilo S. Lemos e Ana Lúcia Merege

Capa: Ericksama, Tanko Chan (ilustração)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Boy's love: histórias de amor sem preconceito / organizado por Tanko Chan. –
São Paulo : Draco, 2014.

Vários autores.

ISBN 978-85-8243-046-0

1. Contos brasileiros I. Chan, Tanko.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2014

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 – casa 1

Jd. da Glória – São Paulo – SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Boys Love](#)

[A última Troca - Inês Montenegro](#)

[Ilustração](#)

[A floresta branca - Marcia Souza](#)

[Sobre ele - Fabio Baptista](#)

[Reminiscência - Priscila Barone](#)

[Ilustração](#)

[A fabulosa receita de Yoshi Koga - Diego Umino-Hatake](#)

[Ilustração](#)

[Alma Mecânica - Agatha Yukari](#)

[Além da Fábrica - Rubem Cabral](#)

[A última vez - Melissa de Sá](#)

[Jaulas - Tanko Chan](#)

[Ilustração](#)

[Fujoshis & fudanshis](#)

Para gostar de histórias de amor sem preconceito

Tanko Chan

Para quem não me conhece, eu sou a Tanko, ilustradora profissional e uma grande fã de animes, mangás e claro, do gênero japonês conhecido como "boy's love" ou, mais popularmente, yaoi.

O boy's love engloba várias mídias, como quadrinhos (*mangá*), animações (*anime*), filmes e jogos, e trata de histórias homoeróticas e homoromânticas entre rapazes. Mas ao contrário do que se pode pensar, é um material vendido para um público primariamente feminino; quase que invariavelmente focado no relacionamento de um par protagonista e engloba histórias que vão desde intrincadas séries dramáticas e romances açucarados a *oneshots* curtos e eróticos.

Como os japoneses diriam, eu sou uma *fujoshi*: traduzindo ao pé da letra, uma "garota podre", ou na minha própria interpretação do termo, "moça da mente poluída". Esse apelido autodepreciativo foi alegremente adotado pelas garotas que curtem o amor entre rapazes, para se referir justamente à nossa mania de ver esse mesmo "amor entre rapazes" em toda a mídia que consumimos. Sim, eu sei, é um hábito controverso, mas foi com ele que começou toda essa história.

Se voltarmos um pouco no tempo, aos anos 70, veríamos como duas das maiores pioneiras do mangá boy's love no Japão, Hagio Moto e Keiko Takemiya foram influenciadas por uma amiga, que não era artista, mas que apresentou às duas a revista gay *Barazoku* e o

filme homoromântico francês *Les Amitiés Particuliers*. E da paixão pelo tema, apresentado por essa amiga que provavelmente foi a primeira fujoshi *per se*, surgiram os primeiros boy's love nas páginas das revistas femininas, histórias com fortes dramas psicológicos passadas em internatos no século XIX. Tramas distantes da realidade das moças japonesas, que podiam embarcar sem culpa nos prazeres e dores dos jovens e andróginos protagonistas.

Como todas as invenções humanas, o boy's love como conhecemos não nasceu de um dia para o outro. Takemiya levou anos para convencer seu editor a publicar o célebre "Kaze to Ki no Uta", por exemplo. Mas o BL caiu no gosto das leitoras, ganhou fãs.

Por coincidência, ou não, reza a lenda que foi justamente de um grupo de estudos sobre Hagio Moto que surgiu a maior – e talvez mais feminina – feira de fanzines do mundo, a *Comiket*.

Neste mesmo evento, um passante incauto nos anos 80 poderia ter visto o BOOM do boy's love e o recém-criado termo YAOI (*Yama-nashi, ochi-nashi, imi-nashi* – sem clímax, sem objetivo, sem sentido) que descrevia as paródias eróticas que tomavam emprestado os personagens das mais populares séries japonesas.

Estes irreverentes artistas de fanzine, principalmente mulheres, se profissionalizaram e começaram a compor as equipes de revistas famosas. Hoje, o boy's love é um gênero ainda de nicho, mas que tem dezenas de revistas próprias, animes, jogos, enfim, um mercado que movimenta bastante dinheiro.

Com o advento da internet, o boy's love ganhou fãs pelo mundo e o Brasil não foi exceção. Praticamente qualquer fã de anime e mangá sabe o que é "yaoi" e tivemos dois títulos do gênero publicados em português ("Gravitation" e Blood Honey").

No entanto, o público brasileiro ainda é muito carente de material boy's love. A maior parte dos fãs precisa apelar para a leitura de traduções alternativas online ou para a cara importação de mangás em inglês. Esta carência talvez tenha sido o motivo pelo qual se criou um grande envolvimento por parte dos fãs com os chamados *fics* (abreviatura de *fictions*), contos originais ou baseados em tramas e personagens já existentes. Os autores de *fics* brasileiros muitas vezes são cultuados tanto quanto os artistas japoneses.

Quando o Erick Sama me convidou para organizar a Coletânea *Boy's Love* eu fiquei imensamente honrada – e surpresa. Eu sou uma fujoshi, lembram? E sou uma fujoshi que acredita no potencial dos autores nacionais (e lusófonos) e na mistura deste conceito oriental com gosto ocidental. Acredito que sim, nós fãs somos capazes de criar nossas próprias histórias!

Embora não seja o primeiro livro a abordar a homossexualidade na literatura especulativa, acredito que seja a primeira coletânea inspirada no gênero e dedicado especialmente para este público.

Falando em “primeira vez”, foi a minha primeira seleção e logo percebi que é um processo muito gratificante e ao mesmo tempo doloroso. Buquei contos que não tivessem apenas uma bela história de amor, mas também aqueles que construíram uma ambientação fantástica encantadora, que acrescentasse à narrativa e não ficasse ali, apenas como um adorno ou pano de fundo. Fiz o máximo para apresentar histórias com variados desdobramentos e “sabores”, de modo a oferecer aos leitores um pequeno recorte das possibilidades do boy's love.

Foi notável a dedicação dos que enviaram seus contos para este projeto e a julgar pelo *feedback* recebido dos mesmos, além de escritores-fãs debutando no cenário da literatura e escritores já conhecidos pelos leitores de fanfics, vários autores se aventuraram a trabalhar com o tema apenas para participar da seleção. Acredito que neste especto, também tivemos de tudo um pouco, diferentes estilos e visões.

Neste momento em que a diversidade sexual começa a aparecer na grande mídia, ainda meio tímida, ainda mais “polêmica” do que gostaríamos, apresentamos uma coletânea com romances que transcendem algumas barreiras do convencional.

Esperamos que possam embarcar conosco nesse livro, que, usando a frase mais clichê possível, quer seja *fujoshi*, *fudanshi*, ou mesmo um leitor novo, quem sabe, alguém que goste de histórias de amor sem preconceito...

Tanko Chan
Fevereiro de 2014



A última Troca

Inês Montenegro

Eduardo espreitou por entre os arbustos, garantindo que o grupo que o perseguira se afastava sem lhe notar a presença. Respirou de alívio. Talvez não lhe fosse feito nada de mais, uns trocos roubados, uns insultos gargalhados, uma ou outra nódoa negra a juntar à colecção... Tinha perfeitamente noção de que muitos outros viviam uma realidade bem mais perigosa que a sua – tal como também tinha a consciência de que não merecia aquela em que se encontrava.

Saiu dos arbustos que ornavam a beira do passeio, sacudindo as calças com força. Não bastava que fosse homossexual, tinha de ter também nascido com um aspecto etéreo, uma mescla de anjinho e menino de coro, a que o olhar ausente causado pelas constantes divagações mentais não ajudava. Inevitavelmente crescera para se tornar na descarga de frustrações de adolescentes brancos e por demais receosos de perder o seu estatuto de machos para utilizar a massa encefálica que era o orgulho da Humanidade.

Resmungou entredentes. Os covardes não se atreviam a levantar um dedo contra ele dentro do recinto escolar, sabendo que o pensamento comum da sociedade, conquanto não totalmente aberto, estava a caminhar para a não-violência, e que outros colegas se ergueriam em sua defesa caso os gracejos e insultos verbais passassem do inofensivo ao problemático. Mas o caminho de regresso a casa era solitário, visto que nenhum dos amigos morava

para os seus lados, e nenhum dos colegas conhecidos saía à mesma hora que ele. Eduardo já sofrera suficiente *bullying* para saltar em busca do esconderijo mais próximo cada vez que ouvia passos atrás de si.

E cá está aquele cão outra vez, pensou. A criatura encarava-o do outro lado da estrada, enorme, quase bestial. Eduardo assustara-se da primeira vez que o vira, até que a sua presença diária naquele troço da estrada tornara a sua visão como algo regular e esperado. Quase o tomara por um lobo, apesar do incomum pelo branco, uma impossibilidade visto que os lobos se encontravam em extinção e existiam apenas em algumas regiões do país – certamente não sendo a cidade uma delas. Assobiou-lhe, batendo na coxa e chamando-o pelo nome que intimamente lhe dera. “Baskerville! Anda aqui, Baskerville” O cão ignorou os chamamentos, os olhos âmbar fixando-o com indiferença até Eduardo desistir e continuar o seu caminho.

O animal seguiu-o, mantendo a distância e sempre do outro lado da estrada. *Bicho esquisito*. Fazia-lhe aquilo todos os dias, até Eduardo deixar de se importar ou preocupar. Acabara por perceber que até gostava – por mais que o cão se recusasse a obedecer-lhe, sentia-se protegido com a sua presença.

– Adeus, Baskerville! – gritou, acenando, antes de entrar em casa. Não viu quando o animal se apoiou nas grades do portão, cheirando o ar. Não se apercebeu como este virou rapidamente a cabeça, ouvindo o que era inacessível à audição humana – e não soube o que ele planeava quando recuou no caminho percorrido, procurando agora pelo grupo que anteriormente o perseguira.

* * *

– E se quiserem copiar, saibam que desta vez vou anular o teste a todos os que se deixarem apanhar – avisava a professora, distribuindo os enunciados do dito pelas carteiras. Lançou um olhar de resignação ao lugar vazio de Chico, e continuou. Havia muito que as faltas do rapaz eram sincronizadas com os dias em que tinham testes marcados, pelo que a senhora deixara de se admirar. Não

havia muito que se pudesse fazer quando o próprio aluno não se encontrava interessado. Lançou um olhar de fugida a Eduardo, que se debruçava já sobre a folha de teste, escrevendo rapidamente naquele desejo de lhe despejar com tudo o que tinha estudado. Pelo menos nesse dia não teria de assistir à selvajaria do recreio. Não era ceguinha nenhuma e muito menos usava palas nos olhos: não lhe passara despercebido o *bullying* psicológico que estava a ser exercido contra o rapaz, liderado e incentivado por Chico, que gozava da admiração da maioria dos colegas de turma. Infelizmente tratava-se de uma prática demasiado sutil para que ela própria pudesse levantar acusações no Conselho Diretivo, e Eduardo fechara-se numa concha quando ela tentara que o rapaz desabafasse com ela. Inadvertidamente crispou os punhos, sentindo as garras crescendo e arranhando a pele. Retraiu-as. *Tornei-me professora porque achava que o meu trabalho ia além da sala de aulas*, recordou. E, no entanto, falhava no seu primeiro desafio. *Até o Rafael está a conseguir mais do que eu*. O irmão nada lhe dissera, mas Cristina sabia que, desde que desabafara com ele as suas frustrações, Rafael escoltava diariamente Eduardo. Também ele experimentara na pele aquele tratamento cruel por uma razão similar, e parecia ter levado a peito as dificuldades do rapaz. Não descansara enquanto Cristina não lhe dissera quem ele era.

Não o devia ter feito, pensou, mordendo o lábio inferior. A preocupação impediu-a de notar a troca de papéis efetuada numa das últimas filas. *Ele está a usar o Eduardo para expurgar os próprios demônios. E não tem o controle que eu tenho, não é tão hábil a fingir humanidade como eu sou...*

Cristina temia o que o irmão poderia fazer. Ao contrário dela, que se preocupava em estudar as moralidades e legalidades humanas, Rafael parecia considerar que as da sua própria espécie bastariam, não se apercebendo que tal seria insuficiente caso quisesse viver na duplicidade em que ela vivia. Não o podia culpar – era essa a natureza e o pensamento da grande maioria dos da sua raça. *E por isso é que nos encontramos em extinção*. A zanga relampejou-lhe momentaneamente no rosto, assustando as raparigas à sua frente que se tinham atrevido a tentar trocar algumas ideias em voz baixa.

– Vocês os três aí atrás – disparou, assustando os visados. – Se vejo mais uma troca de papéis, anulo-vos o teste.

Ignorou os pedidos de desculpa, pousando os olhos em Eduardo, que continuava a escrever, o nariz quase tocando o papel. Não, não podia deixar que Rafael continuasse o que estava a fazer – um dia, poderia ceder à fome. Teria de falar com o irmão.

* * *

Eduardo chegou a ouvir os risos atrás de si – infelizmente, não tão cedo quanto deveria.

– Eduardinho! Eduardinho! – Os rapazes gargalharam. – Abana a anca, Eduardinho!

– Pareces uma gaja – provocou outro. – Só as gajas é que se abanam todas a andar.

O trio rodeou-o, aproveitando a superioridade numérica para o intimidar. Eduardo teve vontade de lhes poupar trabalho e esmurrar-se a si mesmo: como poderia ter-se dado ao luxo de descontraír, julgando que a ausência de Chico permitir-lhe-ia ser deixado em paz?

– Não tenho nada para vocês. – A tentativa de os desinteressar soou fraca até a si próprio. – Já me levaram o *mp3* a semana passada.

O murro atingiu-o no estômago, roubando-lhe o ar e fazendo-o curvar-se. Mal teve tempo de ver o joelho erguer-se na sua direção antes de sentir o impacto. A dor explodiu-lhe a partir do nariz, cegando-o e fazendo-o cair no chão, o sangue escorrendo-lhe pelo queixo.

– Já chora – ridicularizou um dos rapazes, indiferente à dor alheia. As lágrimas deslizavam contra a vontade de Eduardo, que agarrara o nariz, tentando levantar-se novamente. O primeiro que o interpelara agarrou-lhe os cabelos.

– Ond'é que vais? – provocou. O rosnido desviou-lhe a atenção. – Qu'é isto? Um cão?

– Vadio, acho.

– Atira-lhe uma pedra – resmungou. – Afugenta-o antes que se mande a nós.

– Atira-lhe o Eduardinho – riu-se o amigo, fazendo um gesto ridiculamente floreado. – A ver se ele come veados.

Eduardo ergueu os olhos, espreitando por cima dos dedos ensanguentados. A visão desfocada pelas lágrimas e pela dor, agora mais latejante que violenta, não o impediu de reconhecer a mancha branca. O cão postara-se a pouca distância, o pelo do dorso erguido, aumentando-lhe o tamanho, e o focinho repuxado, mostrando a fileira de dentes afiados de forma a não deixar dúvidas quanto à ameaça.

– Vamos embora – decidiu o rapaz, largando-o. – Não quero aquilo no meu pescoço.

O animal lançou-se na direção do trio, que, num berro coletivo, largou a correr, deixando Eduardo, ainda atordoado, para trás. Na sua estupefação, viu o animal persegui-los durante uns segundos antes de regressar para junto de si, a atitude de ameaça desvanecida enquanto lhe cheirava as pernas. Sentou-se, erguendo o focinho na sua direção. Eduardo hesitou antes de lhe pousar a mão na cabeça, afagando-o.

– Lindo menino – murmurou, a voz alterada pelo inchaço no nariz.
– Lindo Baskerville.

Pela primeira vez, o animal permitia-lhe aquela proximidade.

* * *

– Onde vais, Rafael?

A pergunta da irmã soara como uma chicotada. Virou-se, vendo-a sustar a respiração ante o recorte da sua corpulência desnudada na noite que se estendia para lá da porta aberta. Ela própria, postada a meia das escadas com a camisa de dormir branca, assemelhava-se mais a uma assombração que a uma criatura de carne e osso. Farejou o ar, procurando aí as respostas que o rosto do irmão, escondido pelas sombras, não lhe daria.

– É tarde.

– A que outras horas podemos caçar? – replicou Rafael, a voz arranhada que o caracterizava soando o mais neutra possível. Cristina temeu esse detalhe. Alguma coisa ocorrera nessa tarde, algo que acicatara no irmão uma zanga fria, anormal no seu caráter explosivo. Duvidava que a caçada daquela noite fosse uma coincidência.

– Lembra-te das leis dos homens – suplicou.

Rafael permaneceu impassível.

– Mas não esqueço a nossa justiça – retorquiu, virando-lhe costas e saindo. O corpo reagiu, ossos reajustando-se, músculos reformulando-se e órgãos adaptando-se. Caiu de quatro, sendo já as patas almofadadas a tocar o chão em vez das palmas de mãos humanas. O pelo branco, incomum até nas criaturas sobrenaturais, cobria-lhe a nudez, tão dele quanto a pele o fora. Ciente das atenções da irmã, afastou-se da entrada da casa numa paciência que não sentia. Sabia que a preocupava e sabia que a intervenção dela seria fatal aos seus planos. Parou quando teve a certeza de que se encontrava fora do seu alcance, confirmando o caminho que aprendera previamente, quando perseguira o rapaz até sua casa. Eram tão fáceis – presas ambulantes. Rafael chegava a encantar-se com a dicotomia dos seres humanos, que numa só criatura misturavam o que de melhor e de pior conseguiam produzir.

É aqui, apercebeu-se. Podia sentir o pequeno miserável a enrolar-se nos seus lençóis, julgando-se mais seguro pelos cobertores que pelo carro da polícia que vez em quando passava pela rua na ronda noturna. Em boa verdade, nenhum dos dois lhe valeria.

A janela estava fechada. Claro que estaria. Rafael tinha sido um ingênuo por esperar que teria o caminho facilitado, por menor que tivesse sido essa esperança. A portinhola do gato era demasiado pequena para ele, quando muito enfiaria uma pata. Não gostava do que lhe restava, mas teria de arrombar a janela – esta partiu-se sem que nenhum alarme soasse e Rafael sacudiu-se, espalhando os pequenos pedaços de vidro que se tinham agarrado ao pelo. Esperou, no silêncio da casa, por um ruído que lhe indicasse que alguém acordara. *Fáceis*, pensou novamente, seguindo o cheiro do rapaz. Encontrou-o na cama, como previra, enrolado em lençóis.

Num ímpeto cruel, retrocedeu à forma humana, debruçando-se sobre o rapaz.

– O quê...

– Sssccchhh – sussurrou Rafael, a mão pousando sobre a boca do rapaz. Os candeeiros da rua atribuíam uma luminosidade de sombras ao quarto, aumentando o terror do rapaz que via perante si não apenas um desconhecido, mas um demônio de olhos dourados de malícia. – Não queremos que alguém nos ouça na nossa brincadeira, não seria bonito. – Sorriu, a saliva começando a antecipar o festim. Para seu deleite, a presa debateu-se, esperneando inutilmente contra ele, procurando mordê-lo com os dentes rasos e inúteis. – Não vale a pena. Um jovem como tu, não vale a pena. É um favor que faço ao mundo.

O rapaz desmaiou. Não voltaria a acordar.

* * *

Eduardo acordou num sobressalto, não sabendo precisar a razão da apreensão. Sentia o ritmo cardíaco apressado, o coração como um rufar correndo-lhe pelos ouvidos. *Estou a ficar paranoico.* Provavelmente não fora mais do que um pesadelo que já não recordava. Ou o desconforto de calor a mais – começava a tornar-se ridícula a quantidade de cobertores que mantinha. Passou a mão por baixo da t-shirt que usava como pijama, sentindo a umidade desconfortável do suor. A custo, sentou-se sobre o colchão, livrando-se da t-shirt e usando-a para limpar minimamente o corpo antes de a atirar para o chão. Levantou-se, abrindo a gaveta em busca doutra.

O uivo varreu o silêncio. Eduardo estacou. *Um cão? Não pareceu um cão.* Mas que outro animal podia ser? O uivo repetiu-se, arrepiando-o. Soava demasiado perto, praticamente debaixo da janela. Aproximou-se do parapeito, abrindo as persianas e espreitando para baixo. O terceiro uivo ressoou enquanto identificava o animal branco.

– Baskerville! – exclamou. Nunca o cão havia feito aquilo. Num rompante, desceu as escadas, destrancando a porta e saindo para o

exterior. A figura imponente de Baskerville, imóvel, com o focinho virado para ele, parecia ainda mais bestial à luz refletora da Lua. Eduardo ajoelhou-se, abraçando o pelo macio. – Pregaste-me um susto dos diabos. Que fazes aqui, ahn? Não sabes que não se deve fazer esse barulho à noite? É da Lua? Ou cio? – Parou de falar, passando-lhe a mão sobre o pelo em torno do focinho. A textura alterara-se, tornando-se mais rígida, seca... Eduardo levantou-se, apercebendo-se de que a sombra que escurecia o focinho de Baskerville passara-lhe também para os dedos. *Não pode ser.* Receoso, lambeu os dedos, reconhecendo de imediato o sabor metálico do sangue.

Baskerville uivou, assustando-o. Cuidadoso, recuou até o alpendre, os olhos fixos no animal que o parecia observar de volta com uma inteligência que não podia possuir. Num rompante, a criatura virou-lhe as costas, saltando sobre o muro – o movimento fluido da cauda desfazendo-se na noite.

* * *

Cristina não tentou ter mão no burburinho que se iniciou ainda mal ela terminara o anúncio. Resignada, sentou-se e permitiu que os alunos dessem azo ao seu horror e especulações – não precisava usar muita imaginação para prever como seria caso os tivesse colocado a par de como as mortes tinham verdadeiramente ocorrido.

Quando nessa manhã chegara à escola e se dirigira à convocatória urgente que o Conselho Diretivo lançara a todos os docentes, só o medo fora capaz de ultrapassar o choque. Ao fim de vinte e quatro horas desaparecido, Chico fora encontrado semi-escondido num ermo perto da escola. O peito encontrava-se estilhaçado e o coração em falta – exatamente como os pais de um dos amigos de Chico foram encontrar o filho debaixo do edredom da cama. Compreensivelmente, fora decidido que os alunos teriam apenas informações genéricas, de modo a atravessarem o seu luto sem que as imagens do sucedido os assombrassem.

Instintivamente, Eduardo virou a palma da mão, observando-a. Lavara-a vezes sem conta, esfregando-a até os vergões lhe

marcaram a pele clara. Levou os dedos aos lábios, lambendo-os – ainda assim, o sabor permanecia. A dúvida atormentava-o, lançando as suas possibilidades. Não era lógico, mas qual a coerência do que testemunhara na noite anterior? Levantou os olhos, cruzando-os por um segundo com os de Cristina. A professora corou, desconfortável, e quebrou o contacto. Como é que ele nunca reparara nas pupilas douradas dos olhos dela?

* * *

O caminho rotineiro destacava-se por alguma razão. Eduardo seguia, passo atrás de passo, observando os detalhes que já conhecia, mas que naquele dia que pareciam alterados, como se observasse algo semelhante e, no entanto, pertencente a outra dimensão.

Não seria seguido naquele dia. Ninguém o abordaria, confundindo a sua sexualidade com castração de masculinidade, minando-lhe o espírito, roubando-lhe os bolsos e magoando-lhe o corpo. Mentiria caso fingisse falta de alívio. Com um pesado sentimento de culpa, não podia sequer afirmar que a morte dos colegas o tinha entristecido ou afetado negativamente – não se alegrava, não chegara ainda a esse ponto de decadência, mas não evitava uma neutralidade, associada ao descanso infantil de se sentir seguro.

– Boas. – O cumprimento arranhado perfurou-lhe o alheamento. Surpreendido, apercebeu-se do jovem que se encostava ao candeeiro, os braços cruzados, numa atitude de espera. Parecia encontrar-se na casa dos vinte e poucos, apesar da musculatura, e o cabelo de um loiro quase branco desalinava-se na suave brisa que corria. Feições duras marcavam-lhe o rosto, onde os olhos ambarinos se destacavam. Ainda que tudo nele exalasse segurança, Eduardo apercebeu-se de um tênue receio – foi o suficiente para que não passasse por ele tentando fingir que nenhum dos dois existia. Não era propriamente um hábito dos outros dirigirem-se-lhe com receio.

– Boa tarde – respondeu, desconfiado. O outro pareceu tomar o cumprimento como uma permissão para o acompanhar, começando

a caminhar a seu lado.

– Uma grandessíssima merda, ahn? – Eduardo olhou-o, desconcertado. O mais velho continuou. – Aqueles pobres rapazes, mortos com o coração arrancado.

Eduardo arregalou os olhos.

– Arrancaram-lhes o coração!?

O outro confirmou, o rosto pesado.

– Se é que eles tinham um, para começo da conversa.

– Toda a gente tem um – retorquiu Eduardo. – Mais tarde ou mais cedo descobrem-no.

– Talvez... – concordou fracamente o companheiro. Eduardo tinha chegado à conclusão de que deveria ser um dos colegas de escola, um dos repetentes que raras vezes apareciam nas aulas. – Sou o Rafael.

– Eduardo.

Rafael riu-se.

– Sei disso. – Eduardo corou. Toda a gente sabia, não pelos motivos que ele mais apreciava. – E tu, Eduardo, tens coração?

Eduardo tinha tido a sua quota de conversas disparatadas. Nenhuma, nem mesmo a que fora patrocinada pelas *malibus* que tinham surripiado do minibar do pai de uma das amigas, tinha capacidade para concorrer com aquela.

– Óbvio.

– E dar-mo-ias?

– O quê? – Com certeza ouvira mal. Um sorriso contido forçou os lábios de Rafael.

– Guarda-o bem. Até amanhã, Eduardo.

Atravessou a estrada, indiferente à imobilidade estupefata de Eduardo, desaparecendo na esquina mais próxima. O rapaz tinha agora certeza de que Rafael não funcionava com os parafusos todos – ou isso, ou divertira-se às suas custas. Apesar de a sua presença ser uma vantagem quando os colegas de turma se lembrassem de que ele ainda existia e estava perfeitamente livre para ser importunado, Eduardo não conseguia decidir o quanto gostava ou desgostava daquele “até amanhã”.

E se Rafael lhe quisesse o coração?

* * *

Baskerville não apareceu naquele dia, a sua ausência prolongando-se tanto pela noite como pelas semanas seguintes. Rafael, por outro lado, não falhava um dia. A excentricidade – como Eduardo decidira chamar-lhe – do primeiro encontro não se voltara a repetir com tamanho ênfase, e a disponibilidade do outro acabou por vencer as barreiras que o rapaz se tinha habituado a erguer nas suas relações com os outros.

– Por que nunca te vejo na escola? – perguntou, depois de ter desistido de encontrar Rafael no local.

– Porque não ando lá – respondeu simplesmente o mais velho. Eduardo percebeu que não teria maiores desenvolvimentos. Teimosamente, insistiu.

– Mas tu sabias, naquele dia. Sabias dos meus colegas. E sabias quem eu era.

Rafael encolheu os ombros.

– A minha irmã é professora lá. – Olhou-o de lado. – E eu sabia quem tu eras porque te costumava ver a ser importunado por aqueles miúdos.

Apesar de ainda o terem seguido algumas vezes, os colegas problemáticos tinham acabado por desistir de o incomodar devido à presença constante de Rafael. *Vantagens de ter um corpanzil*, pensou Eduardo, ligeiramente invejoso. Infelizmente a proteção do outro não se estendia a todos os momentos, e o *bullying* psicológico durante os intervalos das aulas ainda se fazia sentir.

– Vias e não fazias nada?

– Fiz mais do que pensas – respondeu o outro. Eduardo resmungou sobre espertinhos a armarem-se em misteriosos. Rafael ignorou-o. – Bom, deixo-te aqui.

Eduardo admirou-se.

– Tão cedo? – Usualmente o mais velho acompanhava-o até bem mais perto de casa.

– Estou com uma fome dos diabos.

– Podes lanchar em minha casa.

Rafael soltou uma gargalhada amarga.

– Não correria bem – respondeu, dando-lhe um beijo na testa. – Nem seria seguro. Até amanhã.
– Até amanhã...

* * *

Rafael devorou a carne de borrego crua que a irmã lhe deixara no balcão da cozinha. A fome amainou, mas não o suficiente. Num desespero agressivo, virou o local em busca de mais, alimentando-se de toda a carne não cozinhada que encontrou.

Deixou-se cair no chão, as mãos sujas e os lábios besuntados. Nada daquilo o satisfazia em absoluto, seria uma hipocrisia tentar convencer-se que sim. Não sabia como Cristina conseguia. Rafael tentara, realmente tentara. Mas era mais do que conseguia suportar. O lobo rosnava, exigindo a sua caçada, o prazer de rasgar a carne ainda viva, abocanhar o coração ainda pejado de sangue quente...

Poderia magoar Eduardo. A possibilidade dilacerava-o, mas nem por isso era menos real. O rapaz tinha-lhe levado o coração – não seria ele também capaz de o fazer, com resultados bem menos metafóricos?

Seria. E por isso, nessa noite, caçaria.

* * *

O rapaz sonhava. No sonho, algo acontecia. Não se lembrava o quê, mas tenuemente, quase pedindo licença, o sonho foi-se ausentando até ele abrir os olhos para o negrume do quarto. Não podia ser ainda muito tarde – o relógio luminoso na mesinha-de-cabeceira confirmou-lhe a uma e meia da noite. Acendeu a luz e saiu do quarto, descendo as escadas como anteriormente já tinha feito. Baskerville esperava-o no exterior, entrando sem que qualquer ordem lhe fosse dada. Seguiu-o no caminho inverso, saltando para cima do edredom como seu rei e senhor. Eduardo riu-se, indiferente ao vermelho que lhe manchava o focinho e às garras que se espetavam nas cobertas da cama. Anestesiado pela anormalidade da sua presença, adivinhada numa quase intuição, deitou-se ao lado do

animal, os olhos fechando-se para o que lhe poderia ser ainda um sonho.

Os lábios desceram numa carícia pelo pescoço do rapaz. O corpo reagiu, retesou-se, relaxou e murmurou. Rafael dava-lhe, pedindo – Eduardo aceitava, oferecendo. O tempo desaparecera, fugia-lhe para o peito, cravejando-o antes de sair em arquejos. Focos de lucidez delineavam Rafael, desejavam-no, recebiam-no. A inconsciência exigiu-o novamente, e o novo despertar encontrou a manhã.

Sozinho. Nem homem nem animal o acompanhavam.

* * *

– Que bochechas vermelhas são essas, Eduardo?

A provocação de Rafael teve o condão de aprofundar o embaraço de Eduardo, que mal pusera os olhos sobre a figura do mais velho adquirira um tom rosado na pele.

– Impressão tua. É o calor.

– Ou é um ou é outro.

– Oh, cala-te – exasperou-se o rapaz, num raro momento de impaciência aflitiva. – Não tens mais o que fazer?

– Não.

Eduardo apressou o passo, Rafael acompanhando-o. A luz do Sol começava a tornar-se tímida, fiel ao encurtar dos dias, recordando a Eduardo os avisos que haviam sido feitos nessa manhã.

– Não me devias acompanhar. Já deve ser noite quando chegas a casa.

– Que é que isso importa?

Eduardo encarou-o, incrédulo.

– Não soubeste? – Rafael abanou negativamente a cabeça. – Morreu mais um rapaz. A polícia acha que é um *serial killer* e recomendou...

– A tralha do costume, suponho – interrompeu Rafael. – Não precisas te preocupar comigo.

– Mas...

– Eduardo. – A firmeza do chamamento calou-o. – Posso ir à tua casa esta noite?

– Como?

A recordação do sonho, ainda demasiado vívido na sua memória, atormentou-o.

– Deixa-me ir. É importante.

O rapaz hesitou. Um instinto frio dizia-lhe que recusasse. Talvez o devesse ter reconhecido como sobrevivência – talvez o tivesse reconhecido e decidido que merecia a ignorância. Irônica e inexplicavelmente, soube o que aconteceria – e acedeu.

* * *

– Não te atrevas a sair hoje.

A ordem ríspida e angustiada elevou-se na quietude da sala, assustando-o e fazendo-o tropeçar de encontro às escadas que acabara de descer. Cristina ouviu o irmão a praguejar sem consideração pela sua presença, antes de repetir o que já tanto lhe custara a dizer.

– Não te atrevas a sair hoje.

– O que te mordeu, Cristina!? – insurgiu-se Rafael, levantando-se enquanto massageava o ombro. – Sentada no meio do escuro, a esconder a tua presença dos meus sentidos?

– É que nem te *atrevas* a fingir que não sabes onde quero chegar.

– Cristina não elevara o tom de voz, tampouco mexera um músculo.

– Eu amo-te, Rafael, acima de tudo. Mas não posso deixar passar mais.

– Aqueles rapazes...

– Aqueles rapazes eram meus alunos, isso pelo menos devias ter respeitado.

– Eram cruéis! – A raiva ressurgiu-lhe num rosar. – Tirando proveito dos mais fracos!

Cristina cerrou os dentes, o maxilar endurecendo.

– Eram crianças que poderiam ter crescido para saber o que verdadeiramente faziam. E que hipocrisia é essa? Que fizeste tu se não tirar proveito de criaturas mais fracas? Não me atires morais, Rafael!

– De que queres que te fale, então?

Cristina ergueu-se, perdendo de uma vez o controlo.

– De promessas! – gritou. – Das promessas que me fizeste quando me pediste que te deixasse morar comigo. Achas que são cinzas que atires fora? Que o vento leva para longe e nenhum de nós volte a lembrar? Assumiste um compromisso comigo, Rafael, cumpre-o.

O rugido enrolou-se-lhe na garganta, escalando-a até ao exterior, libertando-se com as lágrimas.

– Eu tentei! – Caiu sobre os joelhos, os ombros estremecendo na violência do desabafo, a face mergulhada entre as mãos. – Por tudo, Cristina, juro-te que tentei! Mas a fome é insuportável, não posso, não consigo... Eu quero-o, Cristina, quero-o tanto... – Ouviu os passos rápidos da irmã na sua direção, sentindo os braços que o envolveram, encostando-o à sua cintura, os dedos deslizando-lhe num conforto pelos cabelos claros. – Eu preciso de o fazer.

Cristina fechou os olhos, sentindo a criatura poderosa que agora tremia, indefesa, agarrando-se a si numa esperança vã. Era tarde. Deveria ter previsto o que aconteceria – a natureza dele era por demais previsível para se permitir a desculpa do desconhecimento. Uma fera a brincar de homem – como poderia evitar que a besta se sobrepusesse à humanidade?

– Vai – sussurrou, dobrando-se e beijando-o. – Eu perdoo-te. Sabia, assim como ele, que não o voltaria a ver.

* * *

Eduardo já o aguardava, abraçando-se a si mesmo, o corpo tremendo pela falta de agasalho no fresco da noite.

– Podias ter esperado lá dentro.

O rapaz não respondeu, fixando os olhos no chão.

– Ontem à noite... Foi real?

Rafael apanhou-se desprevenido.

– Julguei que não irias conseguir perguntar.

– Então foi. – Nenhuma acusação se ouvia na sua voz. Talvez uma resignação, acompanhado a compreensão. Rafael e Baskerville – o

impossível tornava-se improvável, terminando no caminho do possível.

– Foi – confirmou. – Tens medo?

-Tenho. Mas não disso.

O mais velho concordou.

– Tens razão em ter. Infelizmente acabei por te amar.

Eduardo riu-se.

– Tive as minhas suspeitas. Não queres entrar?

O convite, leviano na aparência, descoseu o significado a ambos. Eduardo sabia – sabia e aceitava, mantendo uma condição latente. Rafael conhecia-a e esperava-a. Não pensara noutra fuga.

Seguiu-o no caminho já conhecido até ao quarto do rapaz. A cama, cuidadosamente feita, sem vinco que se lhe apontasse, desarrumou-se com o cair dos corpos, ávidos e ansiosos. O luar reflectia-se pelo vidro da janela aberta, acompanhando o movimento das peles suadas, os gemidos roucos disfarçados em suspiros, fomentado pelo êxtase da volúpia.

– É agora? – suspirou Eduardo. Rafael acariciou-lhe as faces. Era.
– E segues-me?

– Nem te aperceberás quem foi primeiro – prometeu. Beijou-o, cálido e urgente, a mão pousando no peito, acariciando o bem-amado. Ouvi-o arquejar, um grito mudo que roubara para si e tomou-lhe o coração – quente, saudoso, amoroso. Era seu.

Deixou o corpo inerte, divorciado de vida, sobre a cama. A noite aceitou-o uma vez mais no seu ventre, tal mãe que protege o filho. O coração quase lhe batia nas mãos, desfazendo-se-lhe nos lábios para se lhe unir em corpo e alma. *Eduardo*. Os dedos acariciaram o pescoço, as garras arranhando a pele manchada a rubro. *Espera-me*. Um corte leve, logo aprofundado. Outro e outro. Uivou, a garganta abrindo-se por seu próprio poder. *Eduardo*. Caiu, numa última consciência, em breve extinta. A besta reagiu, tomou-lhe a forma, dominou, sufocando no desconhecimento irracional de ser tarde demais para fazê-lo.

A noite correu, chorosa, na quietude do ainda não descoberto. O dia não poderia se furtar a nascer, e amanheceu – um encontrado com o coração do outro.



A floresta branca

Marcia Souza

Ninguém se aventura a entrar na floresta branca. Nem os mais fortes e corajosos, nem os loucos. Mas, na maioria das vezes não é a coragem que move o homem, e sim o desespero e a fúria.

A floresta tem esse nome por causa das teias. Mais alvas e suaves que a mais fina seda, a luz da alvorada faz as gotas de orvalho sobre elas brilharem como diamantes nas primeiras horas da manhã. Para as pessoas com o coração leve, é uma visão de uma beleza sublime, que envolve os sentidos tirando a percepção de tempo e urgência, colocando a eternidade dentro de um breve momento. Mas não são as pessoas que buscam deleite que entram nesta floresta.

Cuidadosamente Ravin esgueira o corpo mirrado por baixo das teias. Ele sabe que os fios das grandes aranhas sagradas de Voltan não tocam o solo, isso macularia sua pureza. As teias envolvem as altas e imponentes árvores formando casulos em seus galhos, e em cada casulo, uma aranha tem sua morada. Como a luz do sol é filtrada pelas densas teias, o solo encharcado, cheio de dejetos e lodo, é escorregadio e o avanço deve ser feito com muita atenção. A maioria das teias é rigorosamente esticada, mas há outras que pendem ao sabor do vento, como grandes bandeiras ou cortinas de janelas invisíveis. Se ele encostar em alguma das teias, por mais leve que seja, estará morto. As aranhas são muito sensíveis e sentem qualquer pequeno trepidar em seus domínios. Mas ele precisa encontrar.

Em algum lugar da floresta branca está a aranha que matou sua irmã e levou seu melhor amigo.

* * *

Agnel, a bela, com seus cabelos ruivos cacheados enfeitados com minúsculas margaridas, dançou com seus pés leves descalços na grama verdejante, durante o festival da Mora. Este ano, na festa que comemora o lucro da vila com a exportação para todo o continente das pedras doces de Mora extraídas das minas de Moral, o próprio lorde deu de presente a ela, como rainha do festival, um pingente feito de uma gota de Mor, uma rara pedra transparente que representa a pureza. Agnel, a doce, sua irmã mais velha, sua única família .

Ravin queria poder exterminar todos esses seres asquerosos e cruéis que a tiraram dele, mas sabe que é impossível. As aranhas têm um vínculo entre si, assim que uma é atacada todas as outras sentem e partem em seu auxílio. Ele segura firme sua espada, presente do querido amigo Draude, torcendo para conseguir atingir o coração da besta antes que as outras o matem. Seu amigo com certeza ficaria triste com o uso que pretendia fazer da espada. Draude era diferente, gostava de todos os bichos, mesmo os feios e nojentos. Era comum Ravin encontrá-lo em cima de uma árvore rodeado de borboletas e em outros momentos deitado na lama com lesmas passeando no seu rosto. Mesmo se um bicho o picava ou um animal qualquer o mordida, ele sempre sorria e até pedia desculpa por ter incomodado a criatura. "Os animais não são nem bons nem maus, Ravin, só seguem seus instintos. Você deve se preocupar é com os magos, os seres que roubam a vida", dizia com um olhar ao mesmo tempo inocente e sábio. Mas Draude não esteve lá, ele não viu Agnel encharcada de sangue, nem a aranha monstruosa que a matou. Como ele podia ser tão ingênuo!

É uma missão suicida, Ravin sabe que não sobreviverá, mas não vale a pena viver agora que a bondade que existia no mundo se foi, junto com Agnel e Draude. Os dois eram sua motivação, sua felicidade, sua vida.

* * *

Desde que a mãe morreu e o pai desapareceu quando tinha dois anos, Ravin vivia com a irmã Agnel. E desde que se lembra, Draude, o pequeno menino estranho, aparecia toda primavera para brincar e comer flores de Voltan, cultivadas por Agnel com todo cuidado na estufa, e ficava até o final do verão.

Agnel era garimpeira nas minas de Mora junto com a maioria das mulheres da vila, trabalhava oito horas por dia em um trabalho desgastante, apesar de leve. As pedras de Mora tinham que ser retiradas da parede esfarelenta com todo cuidado e precisão, as paredes em volta das pedras eram espanadas com um pincel macio de pelo de roventra até se soltarem sozinhas.

Draude, apesar de fraco e delicado, era a única pessoa que conseguia entrar na floresta branca e voltar vivo, estava sempre trazendo insumos e ervas raras e ajudava as curandeiras da vila. Se não fosse tão bonito, com certeza seria recrutado pelos ladrões, sendo tão esquivo e ágil, mas as mulheres da vila o protegiam mais do que a uma donzela.

* * *

Há um mês, quando completou 13 anos, Ravin achava que já estava pronto para ser adulto, apesar de pequeno era habilidoso e forte, era a hora tão esperada de participar do teste anual para a guarda do lorde. Queria que a irmã não precisasse trabalhar tanto na mina tão clara, que lentamente deixava as mulheres cegas.

Ravin voltou para casa tarde, cheio de hematomas e de mau humor.

— Foi derrotado!? — perguntou Agnel com voz meiga ao irmão caçula.

— Não — a resposta foi breve e seca, e seu conteúdo não fez jus à cara do menino.

— Vai trabalhar na guarda!? — a pergunta não veio com alegria, Agnel não queria que o menino se ferisse, ou coisa pior. O lorde lhe havia garantido que ele não passaria no teste.

— Não – com os dentes serrados para segurar as lágrimas, Ravin olhava para o chão. A frustração do menino era evidente, mas mesmo assim Agnel não se arrependeu.

— O que aconteceu então? – ela perguntou temerosa de que o lorde tivesse contado o motivo de não o empregar mesmo ele sendo um guerreiro mais capaz do que muitos adultos.

O menino suspirou antes de responder, um leve rubor apareceu em suas bochechas.

— O lorde disse... bem... ele disse que só posso ser guarda quando couber no uniforme.

Agnel segurou uma risada. E o rosto do menino franzino pegou fogo. Ele olhou irritado para ela e só então notou sua palidez. “Preciso trabalhar logo”, pensou. “Estou sacrificando Agnel”.

Notando o olhar de preocupação do menino ela se justificou.

— Estou bem, comi algo que não me caiu bem, estou um pouco enjoada. Eu vou dormir, tome um banho e vá também.

Em meio a um sonho com homens grandes de uniformes azuis gargalhando de como seu corpo pequeno estava soterrado na roupa de guarda, de repente Ravin sentiu frio. O vento entrou pelos vãos do uniforme e o levantou, insistentemente. Ele se agarrou à vestimenta, mas ela foi ficando maior, como uma tenda. Ravin abriu os olhos e percebeu que a porta da pequena casa de um cômodo só estava aberta e o vento frio do final do outono levantava suas cobertas. O fogo estava apagado e sua irmã não estava na cama. Surpreso, ele saiu trombando pela porta e correu na escuridão. Se ao menos Draude estivesse por perto, ele saberia como encontrar Agnel, mas ele tinha voltado para sua casa como sempre fazia no final do verão. Uma vez Ravin pediu que ele ficasse até o seu aniversário, e mesmo vendo o sofrimento de Draude em dizer que não podia ficar, insistiu, pressionou, ameaçou e só o deixou partir quando o outro lhe cedeu um beijo. Sem Draude e Agnel por perto, Ravin se sentia perdido, um medo incompreensível o atingia e ele se tornava a criança vulnerável que parecia. Sem saber aonde ir ele bateu na porta do velho Malten, que acordou seus filhos e todos saíram para a busca. Próximo da trilha norte o grupo encontrou um dos tamancos da moça, em direção da floresta branca.

* * *

Apesar de fazer muitos anos desde que viram alguma das aranhas de Voltam, contavam-se nas histórias antigas que as aranhas, às vezes, enviavam seus fios nas casas de moças bonitas e as controlavam como marionetes, levando-as para a morte.

Foi Angus, filho mais novo do velho, que a viu primeiro. Na entrada da floresta, seu corpo ensanguentado caído sem vida aos pés de uma imensa aranha branca. Os outros se aproximaram e ficaram petrificados com a visão pavorosa. Nenhum deles jamais tinha visto uma aranha dessa cor, e o sangue em suas presas se destacava em um vermelho vivo que fez o coração de Ravin explodir de ódio. Se Malten não o tivesse detido, ele teria corrido desvairadamente atrás da criatura.

Os rapazes carregaram delicadamente o corpo sem vida da moça de volta para a aldeia. A alvorada gelada deixava todos ainda mais tristes. Malten segurava firme o ombro de Ravin. No final da manhã, Draude apareceu abatido, ajudou as senhoras a arrumar o corpo da morta. Mesmo sendo um rapaz, ele era muito hábil em tecer e cozer, e a mortalha que tecera para Agnel, em uma seda preta muito fina e translúcida, era digna de uma princesa. Ravin não tinha ideia de como Draude ficara sabendo, ninguém além de Agnel sabia de onde ele vinha e para onde ia, mas isso não importava, ele estava aqui. Ravin não estava mais sozinho. O restante do dia passou como um sonho, um enterro triste, os pêsames, as lágrimas das amigas, os doces das velhas, tudo apareceu como névoa aos olhos de Ravin, na sua mente só havia uma imagem clara. A aranha.

Voltando com Draude para casa no final da tarde, ele olhou para a floresta branca desafiando.

— Eu vou matar esse monstro! Juro que vou! — desabafou Ravin.

— Que monstro? — perguntou Draude.

Ravin ficou surpreso com a pergunta inocente de Draude, todos na cidade sabiam que a aranha havia matado Agnel, como ele podia não saber de que monstro estava falando? E se ressentiu com o amigo.

— Que monstro pode ser, Draude? — Ravin gritou. — A nojenta aranha branca — apontou para a floresta.

O rosto comumente branco de Draude ficou ainda mais pálido, ele parecia chocado.

— A aranha não tem culpa Ravin, Agn...

— Não ouse! — Ravin estava transtornado. — Não defenda essa besta asquerosa.

— Mas Ravin, a aranha... eu... — Draude parecia não encontrar as palavras para expressar o que queria dizer. Essa hesitação irritava Ravin ainda mais. Por mais que ele gostasse de animais, como ele podia sequer pensar em defender a aranha, defender um monstro!

— Não acredito em você! Você não amava Agnel? Não há como ficar do lado daquela criatura nojenta! — Ravin estava descontrolado.

— Se acalme, você tem que entender que...

— Eu não vou entender nada... — O soco violento de Ravin, jogou Draude no chão. Lágrimas de dor se misturaram com um fio de sangue no canto da boca do menino. Mas, não era dor que se via nos olhos de Draude, e sim mágoa. Mesmo nas brigas de infância, disputas acirradas pelos carinhos e colo de Agnel, Ravin nunca havia batido no rosto de Draude. O seu rosto bonito era tão angelical que pareceria um pecado maculá-lo. Mas, antes que ele tivesse tempo de se arrepender, Draude se levantou silenciosamente e se dirigiu para a floresta, o que reavivou a fúria de Ravin. Ele odiava quando Draude fazia isso, sair assim sem falar nada, sem protestar, sem brigar, sem se desculpar. E sempre que isso acontecia, por mais que se achasse com razão, Ravin acaba se sentindo culpado.

Ravin não ficou preocupado com Draude, ele sempre andava em segurança pela floresta, então que força estranha o levou a olhar para trás? Uma sensação inexplicável, uma compulsão. E quando se virou os olhos negros da aranha branca o encaravam. Nos segundos que demorou para se recuperar do choque ela desapareceu. Ele correu até a entrada da floresta, mas as pegadas de Draude haviam desaparecido, no exato lugar onde viu a aranha. Num piscar de olhos ele havia perdido Draude também.

* * *

Depois de cinco dias dentro da floresta branca, Ravin é pego por uma tempestade, ele não pode continuar avançando e se protege em uma caverna pelos dez dias que a chuva cai sem parar. Na caverna iluminada pelas pedras de Mor ele se aquece sem saber se pelo fraco fogo de lim, ou pelo ódio que o consome. Como vai reconhecer o casulo da aranha branca?, ele se pergunta. Segurando a pequena e delicada espada com inscrições antigas, ele sente sua confiança esmorecer, será capaz de matar a aranha com isto? Draude havia lhe dito que era um item sagrado, servia apenas para seres das trevas. Mas Ravin tinha certeza que algo capaz de matar sua inocente irmã deveria ser um ser maligno. Mas seria mesmo? Ou como Draude gostava de afirmar, era apenas um animal seguindo seu instintos? Não. Draude estava errado, e tinha pago por sua ingenuidade com a vida. Aranhas gigantes pensam, têm escolhas e sabem diferenciar o bem e o mal. Aquela aranha branca escolheu matá-los, ela o encarou, o desafiou, e pagaria por isso. "Se estiver enfrentando um ser das trevas, esta espada o protegerá. Ela possui a magia do deuses gêmeos Valtan e Voltan e destruirá o mal", havia dito o amigo quando lhe deu a espada. Ravin lembra de ter lhe perguntado por que não usava a espada ele mesmo, mas Draude disse que não podia usar espadas, ele não gostaria de matar nenhum ser, "Amo a vida, Ravin, preferiria morrer do que ser a causa de morte", disse rindo. Ele com certeza pensaria diferente se tivesse visto o olhar maldito da aranha.

A chuva havia cessado, era hora de continuar.

Depois de caminhar mais quinze dias, já nas entranhas da floresta, prosseguia pelo chão encharcado, escorregando no lodo e fazendo muito mais esforço para desviar das teias. "Maldição!", pragueja depois de mais uma queda. De joelhos na lama, suas mãos agarram a mistura de lama e folhas mortas como se estivesse agarrando o que resta de seu orgulho, e lágrimas de frustração molham seu rosto. Ele não teme a morte. Mas, andar sem destino, sem saber onde encontrar a maldita aranha... Ele só não queria ser tão... fraco! Quando finalmente consegue parar os soluços, uma

calma indiferente o atinge, e se levanta determinado a desistir e se entregar, “Que seja, que me comam e pronto”, ergue as mãos machucadas e toca a teia branca.

Nada.

Ravin enlaça os dedos na teia macia e puxa, esperando que pelo menos seja morto rapidamente.

Nada.

Ele puxa com mais força, e um pedaço da teia se rompe e cai se esfarelado em contato com o solo, tornando-se apenas uma poeira branca que rapidamente é misturada com a lama pela chuva.

* * *

As antigas sacerdotisas de Voltan diziam que as teias das aranhas sagradas partilham com suas tecelãs sua força vital. Quando Valtan, o deus da pestilência, destruiu a floresta que pertencia ao deus da cura Voltan, este criou as aranhas sagradas para tecerem cura. Apenas sacerdotisas puras podiam se aproximar o bastante para colher pedaços de teia com propriedades curativas sem que as aranhas as atacassem. A teia viraria pó quando sua tecelã morresse.

Ravin olha para cima e a visão é surpreendente, todas as teias se desfazendo lentamente, em cascatas de pó branco brilhando nos raios de sol que pouco a pouco entram na floresta depois de muito tempo. Conforme a brisa sopra, o pó vai se espalhando formando uma nuvem. Ravin, envolto na poeira, sente seu cansaço ir embora e a dor sumir do seu corpo, uma tranquilidade e deleite inesperados o assolam. A poeira das teias exala uma fragrância confortável, e sua maciez acaricia o corpo, proporcionando o prazer de um carinho afetuoso. Ravin se sente embalado, como nos braços de sua mãe, como no colo de seu pai, como no afago da sua irmã, como no beijo roubado de Draude... ele se sente enlevado e feliz. Mas o vento para.

Acordado do transe, ele se sente envergonhado de ter por um momento esquecido sua dor e sua raiva. Fica irritado pelo pó das aranhas nojentas terem curado suas feridas. Até mesmo as cicatrizes mais profundas e antigas haviam desaparecido. Mas não havia nada

que pudesse fazer, aquele monte de poeira só podia significar uma coisa: as aranhas estavam mortas.

Isso não deixou Ravin feliz, pelo contrário, primeiro porque desejava ser aquele que matou a aranha, e segundo por saber que um ser ainda pior estava por perto. Um *orebrec*. Somente uma manifestação do mal, invocada por um mago, teria poder para derrotar as aranhas. O *orebrec* é uma criatura extremamente voraz que consome tudo que for vivo em seu caminho, roubando a força vital de suas vítimas para seu mestre. Era assustador pensar que um mago, tão poderoso a ponto de romper a barreira da floresta para consumir a vitalidade das temíveis aranhas gigantes, estava próximo. Ele resolveu voltar para a sua vila, devia contar o que descobriu ao lorde, pode ser que todos estivessem correndo perigo. Achou graça quando percebeu que estava preocupado com a vila, "Então ainda havia motivo para viver apesar da dor", pensou com um sorriso amargo surgindo no canto da boca.

Virando-se com cuidado, engatinha devagar aproveitando a nuvem de poeira que ainda paira próxima ao chão. Seu coração quase para de bater no instante em que seus dedos se envolvem em um pedaço de teia negra no chão. Ele fica petrificado de terror, mas não há reação. Olhando atentamente ele percebe que a teia forma um casulo envolvendo algo, e pelo formato parece uma pessoa. "Mais uma vítima inocente", pensa, seu ódio pela aranha volta a espremer seu coração e sua boca treme em revolta. Mas então ele nota um pequeno movimento ritmado no casulo. "Ah! Pelos deuses de Varinar, está respirando!", ele se apressa em tirar a pessoa do casulo. Ravin corta os fios da teia e o sangue começa a jorrar de dentro. Ele se apavora, teme que a pessoa esteja morrendo, arranca o mais rápido que pode as teias. Quando consegue finalmente tirar os fios que tampam o rosto ele reconhece horrorizado o seu amigo Draude. Sente o terror lhe dominar ao perceber que a cabeça está totalmente ensanguentada. Desesperado, ele recobre sua cabeça com o pó das teias misturado com o lodo para estancar o sangramento.

Ravin carrega o amigo no caminho de volta. Ele não quer perder mais uma pessoa querida. As curandeiras da aldeia vão poder tratá-

lo. Sem ter que evitar as teias, e refeito do cansaço e ferimento, a viagem de volta é mais rápida, mas mesmo assim seu coração segue pesado carregado de apreensão. Só espera que o orebrec não sinta sua presença. Draude está muito fraco e pálido, perdeu muito sangue e não tem ideia de quanto o tempo o querido amigo esteve sem comer ou beber dentro da teia negra. Estranho, agora que parava para pensar, nunca tinha visto uma teia negra.

Após alguns dias de caminhada, vigiando se o orebrec não estava em seu rastro, parando aqui e ali para comer, beber e empurrar pelo menos água goela abaixo do amigo desacordado, Ravin encontra um grande lago silencioso, de água e fria e límpida, um bom lugar para montar um acampamento mais confortável. Não precisa se preocupar com o ataque de animais, já que nada sobrou vivo após a passagem do orebrec. Até as árvores, tudo estava morto. Draude ficará triste quando acordar, pensa enquanto limpa delicadamente o amigo tentando retirar o resto das teias. Agora, mais calmo, nota que as teias não estão somente grudadas na pele do amigo, elas entraram em seu corpo fazendo uma conexão com suas veias. Se os fios são puxados, a conexão se rompe e o sangue corre livremente. Entende que arrancar violentamente os fios da cabeça de Draude foi o que causou a hemorragia e se sente ainda mais culpado.

— Coloque-o na água — sussurra uma voz suave e de alguma forma familiar. Ravin olha em volta sobressaltado, sem localizar ninguém ao redor. — Na água — repete a voz.

Ravin sabe que não pode acreditar em vozes suspeitas, coisas furtivas não podem ter intenções boas. Mas algo na voz é caloroso e amigável, então decide que não tem nada a perder. Devagar ele entra na água carregando o amigo, as teias vão se soltando lentamente, formando um cobertor negro em volta deles. Imerso na água nos braços de Ravin, Draude abre os olhos negros.

— Ravin? — pergunta com a voz fraca.

— Não se preocupe, você vai ficar bem agora, está a salvo.

— Não, você não entende... o mago... ele consumiu todos... — geme Draude.

— Shhhh, você está seguro agora — acariciando o rosto de seu amigo tão querido, Ravin continua com a voz firme, mas branda. —

Não se preocupe, eu estou aqui, está tudo bem.

Draude relaxa e volta a dormir.

Enquanto coloca mais lenha no fogo, Ravin olha o véu de teias negras boiando na água. De repente uma centelha de ódio acende novamente em seu peito. As teias não viraram pó, então há ainda uma aranha viva, uma aranha de teias negras. Draude está envolto nas teias. Só pode ser ela. Só pode ser a maldita aranha branca. Mas onde ela está se escondendo?

O que fazer agora? Não importa. Não deixaria o ódio o cegar novamente, tem Draude consigo, isso era o mais importante. Deita-se ao lado de Draude e o abraça, o sonho logo o envolve carinhosamente. Agnel cuidando das flores na estufa iluminada pelo sol, rindo com uma pequena aranha branca nas mãos, a aranha corre por seus braços fazendo-a sentir cócegas, ela ri e canta, feliz, a aranha desliza em seu corpo de um ombro a outro tecendo um véu negro que se transforma em sua mortalha, os olhos negros da aranha olham para trás, olham para Ravin.

— Ahhh! — Ravin acorda com seu próprio grito. Draude está sentado ao seu lado olhando para ele, seu olhar é triste. Ravin abre a boca para falar, mas Draude coloca delicadamente a mão branca sobre sua boca e meneia a cabeça.

— Me deixe falar desta vez, por favor. — Sua voz é fraca e suave.

Ravin faz que sim com a cabeça e senta-se em silêncio em frente ao amigo.

— Agnel tentou entrar na floresta branca... — Draude baixa os olhos tentando encontrar as palavras, dessa vez sua hesitação não irrita Ravin, ele não se irritaria com o amigo, não mais, estava feliz de não tê-lo perdido, esperou que o outro continuasse. — Agnel era a guardiã da floresta, você sabe, por isso cultivava as flores de Voltan, ela não podia se corromper, você sabe, ela não poderia nunca se casar.

Ravin não imaginava porque Draude estava trazendo essa história antiga à tona. Todos na vila sabiam que as primogênicas da família de Ravin eram chamadas guardiãs da floresta e tinham o dom de cultivar as flores de Voltan, que apesar de belas e perfumadas não tinham mais nada de especial. Ele sempre achou uma perda de

tempo Agnel gastar tanto tempo com as delicadas flores, pois a única utilidade que já tinha visto era que Draude gostava de comê-las. Mas Agnel levava a sério essa tradição e não pretendia se casar para não perder o dom. Todos na vila achavam que as flores não valiam a pena. Apenas as anciãs da vila apoiavam a decisão de Agnel.

— Agnel não queria aceitar os avanços do lorde... — Draude continuou. — Mas, para proteger você ela cedeu...

Do que ele está falando? Agnel e o lorde? Para me proteger? O coração de Ravin se aperta.

— O lorde sabia que ela estava preocupada com você se tornar guarda. Ele a ameaçou, disse que se ela não fosse dele, ele o empregaria e o mandaria para batalha de Lhen. — Ravin estremece sem nada dizer.

— Se ao menos ela tivesse me dito antes — as lágrimas correm nas faces de Draude. — Mas a corrupção do lorde envenenou sua pureza e seu corpo adoeceu. Ela esperou muito tempo, quis ter certeza de que você não passaria no teste. Quando me procurou à noite na floresta tentei tirar o sangue infectado, mas era tarde. E como a guardiã da floresta foi corrompida, as flores de Voltan morreram, por isso a barreira que protegia a floresta se foi. E o mago atacou. — Antes que Ravin possa dizer algo ele continua. — Desculpa, Ravin, eu não fui capaz de ajudá-la, me perdoe — as lágrimas correm livremente no rosto de Draude e Ravin abraça o amigo. Como poderia culpá-lo de qualquer coisa quando ele mesmo não foi capaz de ajudar sua irmã. Ele nem ao menos notou que ela carregava esse segredo. Será que ele era tão pouco confiável? Ainda abraçando o amigo ele pergunta:

— Por que ela não me contou?

— Acho que ela só queria protegê-lo.

— Por que *você* não me contou? — Ravin afrouxa o abraço para encará-lo.

— Quando soube já era tarde demais. Eu tentei te contar, você não quis me escutar.

— Não quis escutar você defender aquele monstro, aquela aranha nojenta.

— Você não escutou o que eu contei, Ravin? — Draude está abatido e cansado, mas o que mais impressiona em seu rosto é a tristeza. — Não foi a aranha que matou Agnel. As aranhas de Voltan são curandeiras, elas protegem a vida.

— Há! Vai me dizer que ela estava lá, com as presas asquerosas sujas de sangue, te ajudando a salvar Agnel. — Ravin não pretendia se exaltar novamente com Draude. Nem virar as costas ao amigo, como faz agora. — Desculpa, eu não quero brigar com você. — Ravin toca delicadamente o rosto de Draude, como já fez tantas vezes enquanto seu amigo mais querido dormia em seu colo nas tardes ensolaradas e preguiçosas de verão. Mas Draude afasta sua mão.

— Ora, ora. A cria de Voltan tem um protetor! — a voz sarcástica não combina com a figura pequena e bela que aparece de trás das árvores mortas. Os olhos azuis e cabelos loiros extremamente compridos, a aparência eternamente jovem, a túnica tão vermelha quanto os lábios. Um mago. E ao lado dele o temível orebrec.

Draude deixa escapar uma exclamação de terror, silenciosamente o orebrec se aproxima ameaçador, um imenso lobo feito de sombras, exalando uma fumaça negra pestilenta de sua boca e focinho que envolve e entorpece a vítima com uma dor excruciante. Draude cai no chão afetado pelo veneno. Sem pensar, Ravin saca a espada e se sente revigorado e forte. Se sentindo confiante, parte para cima do monstro, que sopra uma bola de fumaça venenosa contra ele. Ravin percebe que o monstro usa o veneno para paralisar suas vítimas para poder sugar suas energias. Uma vez que a espada o protege do torpor e da dor, ele não está indefeso contra o monstro. E quando seu golpe o atinge, a pele intangível do orebrec brilha e começa a se solidificar e ruir onde foi atingida, como uma pedra se desfazendo ao vento. O orebrec recua, e Ravin investe no ataque, pelo menos está conseguindo afastar a criatura de Draude. O mago parece surpreso, com certeza não esperava encontrar resistência em duas crianças. Ravin não comemora a vitória, o dano causado ao orebrec é pequeno e derrotar a besta por completo leva tempo. A sua luta com a fera o levou para mais longe do que pretendia. Draude está a mercê do mago. Quando a última partícula de poeira negra do

orebrec desaparece, Ravin volta desesperado para o lugar onde Draude está.

Do topo de um pequeno monte ele vê o mago, não há sinal de Draude, e ele teme pelo pior, mas não há nenhum corpo sugado, ainda existe esperança. Mas então ele a vê, a aranha branca. O mago está ocupado lutando contra a aranha branca, ele deveria procurar algum sinal de Draude e ir embora, mas o ressentimento o detém. Ele revolve se aproximar da batalha, pois de um galho baixo de uma das grandes árvores ele poderá lançar sua espada e matar pelo menos um dos monstros. Com facilidade ele sobe na árvore com restos de teia negra. Ótimo, a teia servirá de camuflagem. Através da teia ele vê o mago atacando a aranha branca, que está claramente em desvantagem. É uma luta desesperada para ela que tece rapidamente teias negras que atrapalham os disparos do mago, mas muitos a atingem e ela parece sentir muita dor.

Ravin mira em seu alvo, mas quando seu olhar cruza com os olhos negros da aranha, o vento sopra a teia sedosa e translúcida em seu rosto. Ela é macia e confortadora, a mesma seda da mortalha de Agnel. De repente tudo faz sentido. As flores de Voltan, a proteção das anciãs, o inverno, a floresta, a cura, a guardiã.

Decidido, coloca toda a sua força no arremesso derradeiro, e a pequena espada atravessa a cabeça do mago.

Exausta a aranha cai, ainda se contorcendo incapaz de se mover.

Ravin se aproxima e abraça com carinho o corpo monstruoso da aranha. E a forma que até poucos instantes lhe era repugnante, se torna tão preciosa. A forma que parecia tão amedrontadora agora é frágil e delicada. E é essa cabeça de aranha que Ravin beija com ternura.

— Shhhh, Não se preocupe, eu estou aqui, está tudo bem, você está seguro agora, Draude – e uma lágrima escorre de seu rosto.

Sobre ele

Fabio Baptista

*O amor eterno é o amor impossível.
Os amores possíveis começam a morrer
no dia em que se concretizam.*

Eça de Queiroz

Foi em uma tarde de Outubro que eu o vi pela primeira vez. O sol já quase se escondia no horizonte, tingindo as nuvens e os escombros com matizes de vermelho, laranja e saudade. Eu procurava ferramentas, comida enlatada ou qualquer outra coisa que fosse útil, ali nas ruínas daquela que outrora fora uma grande cidade. Ele estava sentado em um muro que resistira quase intacto aos bombardeios, com os olhos fixos em algum lugar do passado. Nunca tinha visto um homem tão bonito. Nem tão triste. Apesar da atração e curiosidade imediatas que me despertou, fiquei receosa de me aproximar. Não por imaginar que ele seria hostil, pelo contrário. Na época eu era uma menina boba de 22 anos e inexplicavelmente fiquei com medo que aquele então completo desconhecido não gostasse de mim e me rejeitasse caso eu tentasse puxar conversa. Voltei para o abrigo assim que a Lua brilhou no céu, com as mãos vazias e o coração incomodado. Ele ficou lá, com o semblante inerte e os pensamentos perdidos no tempo. Retornei no outro dia e o encontrei novamente no mesmo lugar, com o mesmo olhar distante.

Cheguei mais perto, mas ele nem notou minha presença, apesar de eu ter revirado os entulhos com alarde proposital. Novamente o medo da rejeição me impediu de falar.

Continuei indo naqueles arredores por algum tempo, vez ou outra achando uma lata de conservas ou um pote de mel, que garantiam forças para levar aquela vida miserável por mais alguns dias. Ele sempre estava lá, contemplando o horizonte, com a expressão de quem sabe que espera algo que nunca vai acontecer. Acho que tudo continuaria assim indefinidamente, mas um pequeno milagre ocorreu e finalmente tomei coragem de ir falar com ele. Nas ruínas de uma casa típica do subúrbio, encontrei, entre pesados pedaços de madeira, um conjunto formado por uma garrafa e duas taças de vinho. Completamente intacto. Provavelmente foi guardado para ser aberto em uma ocasião especial que nunca teve a oportunidade de acontecer e agora estava ali, inteiramente a minha disposição, como um presente divino. Peguei a caixa, como uma criança pega um presente de Natal, respirei fundo, cheguei perto dele e tentei soar o mais natural possível:

– Oi, tudo bem? Você gosta de vinho?

Virou-se na minha direção, como se despertasse de um transe, me encarou com surpresa e abriu um sorriso. Um sorriso cansado, mas por Deus, duvido que alguma mulher no mundo não se apaixonasse de imediato por aqueles dentes brancos cintilando entre lábios carnudos e pela covinha charmosa na bochecha. Com olhar companheiro que parecia desnudar toda minha essência e, com uma voz rouca que denunciava muito e muito tempo sem falar, disse:

– Você é um anjo?

Fiquei meio sem jeito e só consegui emitir um “hã?”, que obviamente me fez parecer uma completa idiota. Notando meu desconcerto ele gentilmente emendou outra frase:

– Ora, só um anjo poderia arranjar uma garrafa de vinho em meio a toda essa devastação. Ainda com duas taças tão lindas para acompanhar. Onde você conseguiu isso?

– Nos escombros de uma casa um pouco ali para baixo. Tive sorte. Tanta sorte que estou até com medo de descobrir que virou vinagre e eu me empolguei à toa.

- Quando a esmola é grande, o santo desconfia, né?
- É, tipo isso.
- Principalmente depois de tudo o que aconteceu. A gente chega a achar que nunca mais nada de bom vai aparecer em nossas vidas – disse isso e voltou o olhar para o horizonte.

Sentei ao lado dele, coloquei as duas taças em suas mãos e abri a garrafa. Tinha até um saca-rolha no conjunto. Tudo estava perfeito... Até demais. Mas no primeiro gole, todos os meus receios se dissiparam. Que vinho bom. Provavelmente todos os anos sem beber nada muito diferente de água nojenta de chuva ácida tenham contribuído para realçar o sabor, mas o que importa é que naquele momento parecia a melhor bebida que já havíamos tomado em nossas vidas. Rapidamente a garrafa secou. E, talvez devido a uma conexão espiritual, uma convivência prévia ocorrida em vidas passadas, uma afinidade cósmica entre geminianos e piscianos ou apenas devido à bebedeira e à empolgação natural por ver uma cara nova, nós conversamos e demos risada sem parar, como se nos conhecêssemos há séculos, como se fôssemos melhores amigos desde sempre. Quando me dei conta da posição da Lua no céu, percebi que já havia passado muito da hora.

As coisas estavam começando a se organizar novamente na Terra e aquela região era conhecida e monitorada, mas mesmo assim, ainda era perigoso andar sozinha no escuro. Sempre foi perigoso, mesmo quando a cidade ainda estava de pé e policiais andavam de um lado para o outro, quanto mais ali em meio àquela horrível desolação. Claro que ele foi um perfeito cavalheiro, me acompanhando por todo o caminho. Minha irmã estava aflita e quando me viu, suspirou com um misto de raiva e alívio. Quando viu meu novo amigo, suspirou por outro motivo. Pedimos que ele ficasse conosco, mas ele só agradeceu, fez uma leve reverência e desapareceu nas sombras. Minha irmã ficou tão ouriçada que até se esqueceu de me dar bronca. Ainda bem. Sonhei com o sorriso mais lindo do mundo. O sorriso do meu doce novo melhor amigo.

Voltei ao mesmo lugar no outro dia e durante o caminho comecei a me afligir, me sentir vazia e triste com o simples pensamento que insistia em não sair da minha cabeça – “e se ele não estiver lá?”.

Mas estava. Respirei aliviada. Na verdade, era mais do que alívio. Ele se alegrou com minha presença e deu uns tapinhas no muro convidando-me a sentar a seu lado, o que me fez sentir um milhão de pequenas borboletas voando dentro do meu coração. Conversamos. Dessa vez não tinha vinho, mas nós conversamos o dia inteiro. E pela primeira vez na vida fiquei triste quando vi a Lua. Ele levantou disposto a me acompanhar, mas eu insisti em voltar sozinha. Disse que o líder do abrigo não tinha gostado de eu ter levado uma pessoa até lá na noite anterior, me falou que isso podia ser perigoso, me deu a maior bronca, etc. E praticamente saí correndo. A verdade era que eu não queria que ele visse a minha irmã, nem que ela o visse. Queria ele só para mim.

Repeti essa mesma rotina, por muitos dias. Falamos sobre livros, filmes, comidas, passeios, lugares e outras coisas que gostávamos de fazer, até bem pouco tempo atrás, antes de tudo virar um inferno. Também contamos um ao outro sobre como havíamos sobrevivido nos últimos quatro anos, as diversas vezes em que estilhaços e raios laser passaram perto de nossas cabeças. Brincávamos de adivinhar citações filosóficas e nossos olhos enchiam-se de lágrimas quando lembrávamos as brincadeiras e desenhos que marcaram nossa infância – amarelinha, pião, *Barbie*, Comandos em Ação, *Sonic*, *Mario Bros*, *Dragon Ball*, Pernalonga, futebol, queimada. Falamos sobre todos os assuntos possíveis e imagináveis. Menos um. Nosso relacionamento chegou aos limites da intimidade e eu tinha certeza que éramos almas gêmeas que se entendiam e se amavam em um nível transcendental. Só que meu corpo e minha alma queriam mais do que amizade.

Amizade. Nietzsche diz que a amizade entre um homem e uma mulher depende de uma certa aversão física. Da minha parte não havia qualquer aversão, muito pelo contrário. E sabia que ele me achava bonita também, porque, sem querer parecer pretensiosa, naquela idade eu não era de se jogar fora. Antes das batalhas que viraram nossa vida de cabeça para baixo, era uma das meninas mais paqueradas do colégio e podia escolher a dedo os rapazes. Então por que ele não me beijava, por que só me tomava vez por outra em seus braços com carinho fraternal, por que não fazia comigo o que

fazem os homens e as mulheres que se amam? Decerto a resposta estava no assunto em que tínhamos uma espécie de acordo tácito de não tocar. Resisti o máximo que pude, mas o desejo e a curiosidade tornaram-se insuportáveis. Um dia acabei perguntando de uma vez, assim que sentei ao lado dele:

– Por que você vem até aqui e fica contemplando o horizonte, como se estivesse esperando algo?

Ele me lançou um olhar triste e me deu um beijo na testa, parecendo ter recebido a pergunta com alívio, como se não aguentasse mais esquivar-se da questão, como se estivesse ansioso para falar sobre isso, desabafar. Então fixou o horizonte e respondeu:

– Porque eu espero por algo... Por alguém...

– Quem? – perguntei com a voz já embargada, sabendo que a resposta faria as pequenas borboletas agonizarem em meu coração.

– O grande amor da minha vida...

– E ela... Tipo... Foi em algum lugar praquela lado e agora você espera ela voltar?

– Ele...

– Oi?

– Ele. O grande amor da minha vida é "ele", não "ela".

Sem saber se ria ou chorava, acabei optando apenas por também olhar para longe com tristeza. Após mais alguns minutos intermináveis, rompi o silêncio, dizendo quase que para mim mesma:

– Eu já sabia.

– Que eu gostava de meninos? Como?

– Ora, você é muito bonito.

– Só por isso? – ele perguntou explodindo numa gostosa gargalhada.

– Não, não só por isso. Por que você é bonito, charmoso, me ouve, me entende, me dá carinho, atenção, é sempre gentil, prestativo e principalmente, porque eu me apaixonei perdidamente por você e é lógico que tinha que ter alguma coisa errada. Tipo... Não que gostar de outro cara seja errado. Por mim, tanto faz se o seu amor é um homem ou uma mulher. Queria que fosse eu e

qualquer coisa diferente disso, no meu ponto de vista é errado. Ah, você entendeu, né?

– Sim, claro. Vem cá, me dá um abraço.

– Olha aí você sendo compreensivo, carinhoso, me oferecendo abrigo nesses braços – eu disse, desabando em lágrimas com a cabeça recostada em seu peito.

– Me desculpe, eu devia ter te falado antes...

– Não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você terá de perdoá-la por isso.

– Shakespeare?

– É. Mas essa foi fácil demais, não valeu.

– Hum, tá bom, vou te dar uma colher de chá dessa vez. Mas... Você vai me perdoar?

– Na verdade, nós dois sabemos que não há nada para ser perdoado, né? Esse não é o tipo de coisa que escolhemos conscientemente. Assim como a fé, o amor não é algo que possa ser forçado.

– Schopenhauer. E essa não foi tão fácil – disse, com um sorriso carinhoso que derreteria até o coração daquela bruxa de Nárnia.

– Bobo. Ok, um ponto pra você. Mas agora me conta, me fala sobre ele.

– Tem certeza que quer ouvir? Será que isso não vai te magoar ainda mais?

– Talvez, mas a gente é amigo, né? Agora parece que irremediavelmente. E amigos devem sempre ser sinceros, não precisam, nem devem esconder nada.

– O amor pode morrer na verdade. A amizade na mentira.

– Putz, me pegou. Não lembro de quem é essa.

– Nem eu...

– Ah, seu tonto! Então não vale! – dei um tapa no braço dele.

Nós rimos, como era corriqueiro depois daquela milagrosa garrafa de vinho. Depois, como que descrevendo um filme que estava sendo projetado em sua frente naquele exato instante, ele começou a contar.

* * *

Eu já te falei muitas dessas coisas, mas vou começar do começo, desculpe se soar repetitivo. Ali embaixo, onde agora só tem entulho, destroços e cheiro de morte, havia uma ruazinha estreita, de pouco movimento. Todas as tardes, fizesse chuva ou sol, a molecada da vila ia até lá e, com quatro chinelos e um punhado de meias emboladas, transformávamos aquela viela sem graça em um imponente campo de futebol. Pouca gente sabe que os maiores clássicos de todos os tempos foram disputados ali, por um bando de garotos descalços e sem camisa, encharcados pelas águas que fechavam o verão. Os maiores clássicos, ao menos na memória daqueles meninos. Ao menos na minha memória.

Eu, na época com oito para nove anos, ia até lá de teimoso. Franzino e sem saber jogar, era sempre o último a ser escolhido e acabava sendo o alvo principal das maldades das crianças mais velhas. Havia um garoto em especial que certamente odiava a vida e descontava suas frustrações e sua raiva em mim. Devia ter uns doze anos, mas parecia bem mais. Parrudo, alto, sardento e com dois molares avantajados, que lhe conferiam o apelido de Dentão, ele me caçava em campo, deixava minha canela roxa de tantos chutes maldosos, me dava cotoveladas e me derrubava em todas as divididas. Fora de campo, gostava de "brincar" de enforcar, envolvendo o pescoço de dois garotos com seus braços gordos. Quase sempre eu era uma das vítimas que ficavam se debatendo sufocadas, presas em meio à banha do barrigudo nojento. Esperava que com o passar do tempo ele enjoasse de pegar no meu pé, mas aconteceu o contrário. A cada dia ficava mais violento, a ponto de todas as noites eu pedir a Deus que enviasse um de seus anjos para me proteger. Na verdade, minha vontade mesmo era que Ele matasse o Dentão de um jeito terrível e depois o deixasse queimando no inferno por toda a eternidade, mas mesmo com a pouca idade, eu tinha noção que esse não é o tipo de coisa a se desejar. Então só pedi pelo anjo mesmo.

E o anjo veio.

Tinha onze anos, era mais alto, mais rápido e sabia jogar futebol melhor que todo mundo ali. Um menino que veio do interior e com sua simpatia e seu toque de bola refinado logo conquistou a todos.

Todos, menos o Dentão, é claro. A princípio, o balofo tentou implicar com o novato, mas não conseguiria fazer isso sozinho e, depois do primeiro jogo, percebeu que não teria apoio dos outros moleques. Quem iria querer se indispor com um craque daquele? A raiva era nítida nos olhos já normalmente rancorosos e ela só aumentou quando o “caipira” começou a me proteger. Ele me escolhia em primeiro para o time, tocava a bola para que eu fizesse os gols e me abraçava com carinho nas comemorações. Não deixava mais o dentuço me bater durante os jogos, nem me enforçar depois.

E, sem sequer saber o que era isso, eu me apaixonei.

Não foi uma escolha, não foi uma decisão, um ato premeditado. Simplesmente aconteceu. O amor é assim, ele só acontece ou deixa de acontecer, sem explicação, além do bem e do mal. Sentia algo muito forte, algo que me fazia querer ficar sempre perto dele, que me fazia sonhar e sentir sua falta. Era algo puro, inocente, bonito. Éramos crianças, não tinha como ser diferente. Apesar de, não me pergunte como, saber que era recíproco, permaneci calado, sem ousar jamais tocar nesse assunto. Eu não saberia o que dizer. E ele aparentemente também não. O tempo passou, nós crescemos e nos tornamos amigos inseparáveis. Qualquer que fosse a brincadeira, a matéria a ser estudada, o trabalho a ser feito, lá estávamos juntos. Sempre juntos. À noite sentávamos aqui, nesse muro que resistiu milagrosamente aos ataques, e conversávamos, olhando a Lua e as estrelas. Em uma dessas ocasiões, ele inesperadamente pegou minha mão, me encarou com um misto de ternura e ansiedade e disse, quase em tom de desabafo – “olha, eu não sei o que você vai pensar disso, mas eu não vou aguentar segurar esse sentimento no meu coração nem por mais um segundo – eu te amo. Sempre te amei, desde a primeira vez que te vi todo franzino, correndo desajeitado atrás daquela bola de meia. Eu te amo. Eu te quero. Eu te quero tanto. E isso está me deixando louco”. Então eu estava certo. Ele também me amava, o tempo todo. Por que demoramos tanto para revelar isso? Não importava. Os frutos mais doces são os que amadurecem por mais tempo.

Não disse nada, só o beijei. Nosso primeiro beijo, o melhor de todos. A partir de então não paramos mais de nos beijar e a paixão,

o amor e o desejo cresciam a cada dia. Aquela foi sem dúvida a época mais feliz da minha vida. Mas a felicidade tende a atrair olhares maldosos e destrutivos. Como nosso relacionamento não era o que as pessoas consideram normal, nossos encontros românticos se davam às escondidas, em um armazém abandonado, um pouco para baixo da rua onde jogávamos futebol. Porém, nosso vínculo era muito evidente, o ar parecia ficar carregado de eletricidade quando estávamos próximos e comentários maliciosos começaram a surgir. Em certa ocasião, estávamos jogando (é, mesmo depois de grande a gente continuou a jogar) quando o Dentão, que crescera absurdamente, me atropelou como fazia antigamente, jogando-me na calçada. Evidente que meu anjo tomou as dores e empurrou o peito do gorducho, que debochou: – “Ah, protegendo o amiguinho, né? Você acha que a gente não sabe qual é o lance de vocês, seus bichinhas de merda?”. Um segundo e um soco depois, o Dentão ficou banguela, mas percebemos os olhares hostis de todos os garotos com os quais crescemos jogando juntos e achamos mais prudente desaparecer dali o quanto antes. Cuspindo sangue e com a cara vermelha, o Dentão nos ameaçou, dizendo que não ficaria assim. E agora ele parecia contar com o apoio dos demais.

Redobramos o cuidado para realizar nossos encontros, pois volta e meia sentíamos que olhares bisbilhoteiros acompanhavam nossos passos. Com o passar do tempo, a poeira baixou e pensamos que o assunto havia morrido, que esqueceriam e cuidariam exclusivamente de suas vidas. Estávamos errados. Um dia, fomos surpreendidos enquanto nos atracávamos com volúpia no velho armazém. Um grupo de dez moleques munidos com pedaços de pau entrou e nos pegou em flagrante, liderados pelo Dentão. Ao nos ver ali, o gorducho do inferno deu um sorriso vitorioso e disse para os seus comparsas: “Olha aí, o que eu falei para vocês? Se alguém ainda tinha dúvidas, aí está a verdade”. Eles nos cercaram e nos agarraram. Tentamos resistir, mas foi inútil. Nos deram socos, tapas e cusparadas. Ainda com o riso diabólico estampado no rosto sardento, o maldito se aproximou segurando um cabo de vassoura quebrado e disse para os que nos seguravam:

– Agora abaixa a calça deles, vamos dar para esses veadinhos o que eles gostam...

Comecei a chorar e me debater, mas não adiantou nada. Então, pela segunda vez na vida pedi a Deus que enviasse um de seus anjos para me ajudar. E pela segunda vez na vida fui atendido. A salvação veio literalmente do céu, mas não tinha asas, nem auréola. Do teto apodrecido do galpão irrompeu uma nave espacial, em formato circular e cheia de luzes, idêntica àquelas que vemos nos filmes. Ela disparou um raio vermelho na direção do meu namorado e o sugou para seu interior. No instante seguinte, desapareceu na escuridão da noite, sem deixar qualquer rastro. Os dez machões que há pouco nos agrediam, fugiram borrando as calças. Eu fiquei lá, olhando para o céu estrelado, tentando entender o que havia acontecido, chorando em silêncio pelo meu amor que acabara de ser abduzido.

Voltei pensando na mentira que iria inventar para justificar o sumiço do meu “amigo”. Todos sabiam que nós vivíamos grudados, eu seria o primeiro a ser interrogado e era óbvio que se dissesse a verdade seria taxado como louco e culpado pelo desaparecimento. Mas ao entrar em casa, vi meus pais sentados no sofá olhando atônitos para a TV. Sentei junto com eles e lá estava, em todos os canais – imagens de naves em todos os cantos do mundo, relatos e mais relatos de abduções, líderes religiosos falando sobre arrebatamento, especialistas especulando sobre os impactos na economia, presidentes tentando manter a calma da população. O assunto rendeu por uma semana, mas nenhum disco voador foi visto novamente, ninguém mais foi sequestrado e, por incrível que pareça, as pessoas foram se esquecendo daquele evento. Não eu. Eu nunca esqueceria. Todas as noites procurava meu amor entre as estrelas. Três anos se foram, mas não levaram consigo a minha saudade e a cada dia que passava, um pedaço de mim morria e outro pedaço agonizava. Uma noite, quando julgava não haver mais nada vivo em meu peito, debrucei na janela, contemplei a Lua esgueirando-se entre as nuvens e senti uma leve brisa batendo em meu rosto. Meu coração disparou, aparentemente sem motivo, mas logo notei que ele percebeu primeiro o que meus olhos e minha razão tardaram a

assimilar. No quintal da minha casa pousava uma nave completamente silenciosa, pouco maior que um helicóptero. Parecia refletir o que estava atrás dela, de modo que apenas seus contornos poderiam ser notados por um observador atento. E dessa nave, saiu o meu amor, trajando uniforme estilo astronauta, mais lindo do que nunca. Ele tirou o capacete, sorriu e nós nos beijamos, com o furor que os amantes se beijam após longo período de ausência, angústia e incerteza. Depois de pular a janela, ficamos sentados na cama, conversando baixinho para não acordar meus pais.

– Pensei que nunca mais ia te ver – eu disse, acariciando sua barba.

– Eu também, meu querido. Eu também – ele respondeu, abrindo o traje espacial, revelando o tórax forte e peludo.

– O que aconteceu? Fiquei com tanto medo – acariciei seu peito peludo.

– Amor, está acontecendo um negócio parecido com Guerra nas Estrelas.

– Sério? E você é tipo um Luke Skywalker?

– Olha, acho que o pessoal lá me vê mais como um Chewbacca – ele olhava para os pelos que eu acariciava.

– Então você está sofrendo *bullying*, é? Vou te deixar bem lisinho, espera aí.

Enquanto o depilava, ele contou o resto da história.

– Existe uma raça alienígena antiga, que age como polícia do universo. São os *grays*, cabeçudos de olhos grandes e pretos, igual nos filmes. Sempre pensei que fossem maus e nos sequestrassem para fazer experiências terríveis, mas no final eles são os mocinhos. Os vilões são os reptilianos, uma raça de lagartos humanóides incrivelmente hábeis para desenvolver e utilizar tecnologia bélica. Essa habilidade é tão grande que em alguns milhares de anos tornaram-se uma ameaça potencial à paz no universo e os *grays* precisaram agir, estabelecendo sanções e controles. Os reptilianos não gostaram nem um pouco, mas sabiam que não conseguiriam bater de frente, então começaram a fazer uma espécie de terrorismo espacial. Talvez por ocuparmos um planeta jovem e cheio de recursos, talvez por sermos uma experiência que deu certo, nós

humanos somos as meninas dos olhos dos *grays* e ao descobrir isso, os reptilianos começaram a nos ameaçar. Passaram a nos abduzir e estudar nossa fisiologia, desenvolver armas biológicas, vírus e bactérias que poderiam nos dizimar. Os *grays* também nos levavam às suas naves, nos estudavam e desenvolviam vacinas. Foi aí que eu entrei. Tenho um traço genético que serviu no desenvolvimento de uma defesa para o ataque biológico fulminante que os reptilianos estavam prestes a fazer. Eu e outras pessoas abduzidas naquele dia meio que salvamos a humanidade, modéstia a parte. A urgência da situação fez os nossos protetores abrirem mão de sua habitual discrição. E também os fez tomar uma ação mais violenta contra os inimigos. Aí começou a guerra e eu acabei descobrindo que não sou bom apenas em te deixar na cara do gol – aprendi a pilotar as naves e já lutei em um punhado de combates nas imediações de Netuno e Urano. Vi tantas coisas bonitas e terríveis, meu amor. As batalhas espaciais são um balé rápido e silencioso, de mortíferos feixes verdes e vermelhos que cortam o vazio a todo instante. Estamos vencendo, com mais dificuldades do que esperávamos. Mas os reptilianos não são bons perdedores e dentro de dias atacarão a Terra diretamente. Por isso eu vim aqui, amor. Vim escondido, violando todas as regras. Precisava te avisar, precisava te ver, talvez pela última vez. Fuja para as montanhas, igual na música. Leve seus pais, tente levar os meus. As cidades populosas serão os primeiros alvos, então saia daqui. Estarei lutando por nós lá no espaço, proteja aqueles que amamos aqui na Terra.

Eu sabia que aquilo que ele havia acabado de me dizer não era bom, mas não tinha a dimensão exata do que iria acontecer. Para ser bem sincero, naquele momento eu queria apenas me agarrar a ele. Fomos para a nave e nos despedimos, com o furor que os amantes se despedem quando acham que nunca mais se verão. Antes de ir embora, ele me disse que, quando a guerra acabasse, de um jeito ou de outro voltaria e nós nos encontraríamos novamente, no muro onde nos beijamos pela primeira vez, olhando a Lua e as estrelas.

O resto você sabe. Os reptilianos vieram e fizeram todo esse estrago. Foram rechaçados, a guerra acabou e desde então eu

venho aqui esperar pelo meu amor, igual o cachorro esperava o *Richard Gere* naquele filme, mesmo desconfiando que ele não retornará.

* * *

Ele terminou de contar, e as lágrimas percorriam os contornos de seu belo rosto. Choramos juntos em silêncio, até a Lua brilhar no céu escuro, anunciando minha hora. Passei a noite com receio de não vê-lo nunca mais, de não ter coragem de voltar lá no dia seguinte. Eu o amava e isso não era uma escolha, não havia um botão "liga/ desliga". Ignorei meus medos e fui até o muro no outro dia. Ele estava lá. Conversamos, demos risadas, comemos as frutas que ele trazia não sei de onde, compartilhamos honras, promessas, lembranças e histórias, como fazíamos sempre e como fizemos por muitos e muitos dias depois daquele, até que, sem mais nem menos, a brisa bateu em nosso rosto ao alvorecer. Ali bem à nossa frente, pousava uma nave silenciosa, pouco maior que um helicóptero, praticamente invisível a olhos distraídos. Dela saiu um astronauta. Notei nesse momento que o coração do meu amigo quase saltou pela boca. Seu semblante transbordava alegria.

Mas então o astronauta tirou o capacete e, em um átimo, toda a alegria transformou-se em decepção. Não era um humano, não era o amor do meu amor, mas um alienígena, um *gray*. Mesmo sabendo que ele estava do nosso lado, aquela figura pálida, de olhos grandes e vazios, me deixou congelada de medo. Ele se aproximou, trazendo um invólucro metálico, pouco maior que uma caixa de sapatos em uma das mãos e um pequeno cubo na outra. Parou à nossa frente e não emitiu nenhum som, mas de alguma forma nós o entendemos:

– Esses são os restos mortais de um valoroso guerreiro. E essas são as suas últimas palavras, capturadas momentos antes de sua nave explodir na superfície de Nereida.

Do pequeno cubo saiu uma projeção azul. Nela um piloto removia o capacete às pressas, revelando um belíssimo rosto humano com a barba por fazer. Tentando controlar o choro e o desespero, ele disse:

– Fui atingido, amor... Nós os expulsamos da Terra, estávamos acabando com eles definitivamente, mas quis o destino que eu fosse atingido na última batalha. Agora estou indo de encontro à morte certa no chão da lua de Netuno e não há nada que eu possa fazer além de enviar essa mensagem de despedida e rezar para que os *grays* a entreguem para você. Eu te amo, meu lindo, eu te amo. Queria muito voltar com ele, mas terei que voltar sobre ele. Me desculpe. Me desculpe, meu amor, amor da minha vi...

O sinal foi interrompido. E a vontade de viver nos olhos do meu amigo também. Ele sentou nos escombros e começou a chorar. Eu o abracei. O alienígena colocou as caixas no chão e novamente se comunicou:

– Não queria ser o arauto de notícias que trouxessem tristezas dessa magnitude. Eu lamento muito.

– Obrigada, muito obrigada – respondi em pensamento e de alguma forma sei que ele entendeu.

– Os inimigos foram definitivamente derrotados e exilados. Em breve meu povo virá ajudar a humanidade a se reerguer. Até logo.

Fiquei abraçada com meu amigo, por um longo tempo. Quando consegui controlar o choro, sem eu perguntar, como se também nos comunicássemos por telepatia, ele respondeu a dúvida que eu estava sobre um ponto da mensagem do holograma:

– Aquele dia em que nos despedimos na nave espacial... Lembrei de um filme que havíamos assistido, e antes que ele se fosse, eu disse “Volte com seu escudo, espartano. Ou sobre ele”. Droga, tanta coisa pra falar e eu fui inventar logo isso.

Choramos mais um pouco, em silêncio. Depois subitamente ele levantou, segurou meu rosto com ternura e disse, olhando no fundo da minha alma:

– Nunca mais poderei ser o mesmo, minha amiga querida. Vou embora e não voltarei, mas tenha certeza que jamais esquecerei você. Te amo. Adeus.

Nossos lábios tocaram-se pela primeira e última vez, ele foi embora e ele se foi. Não tentei seguir ou impedir. Não sei o que fez, não sei se quebrou a promessa e esqueceu de mim. Só sei que dele eu nunca esqueci. Os *grays* vieram e ajudaram a humanidade a

reconstruir suas cidades e nos ensinaram a viver em paz. Esquecemos os horrores da guerra e voltamos a prosperar. Muito tempo se passou, mas mesmo assim, todos os dias eu ainda olho a Lua e as estrelas e lembro-me do meu amor eterno.

Do meu amor impossível.

Reminiscência

Priscila Barone

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original."

Beto pensava na frase de um cientista não muito conhecido, tentando distrair a cabeça da frustração e irritação.

Nenhuma ideia nova pululava em sua cabeça naquela manhã. O dia apenas se arrastara, desde que saíra da cama, até chegar ao Centro de Estudos Integrados de Kailotron.

Kailotron era a maior cidade da região, a mais avançada tecnologicamente, além de sua terra natal. Nascera e crescera nela, sem nunca deixá-la, a não ser para viagens ocasionais, a maioria relacionada à sua área de atuação. Aos 32 anos de idade, Alberto Dias era um renomado biotecnólogo, famoso pela criação de um medicamento que eliminava eficazmente os sintomas do fungo Anelos, comum em Kailotron. Atualmente, trabalhava num projeto genético que visava a reprodução em laboratório de partes do corpo, com a finalidade de auxiliar pessoas com deficiência.

O Centro de Estudos era o lugar onde trabalhava e lecionava. Naquele dia, em um momento de descanso, ocupava-se com um projeto particular. Era daí que advinha sua zanga. Estava há semanas empacado no mesmo ponto, sem saber como dar continuidade na geringonça. Teoricamente, a coisa deveria funcionar, mas havia alguma falha fundamental, que ele não conseguia

enxergar. Bufando, largou o objeto em forma de uma enorme pistola em cima da bancada.

Dando voltas sem rumo ao redor da mesa, percebeu a hora. Já passavam das dez. Mais essa. Seu novo parceiro, designado para ajudá-lo no projeto genético, estava atrasado. Realmente, aquele dia não estava sendo favorável. Pensou vagamente que talvez estivesse melhor em sua cama. Prestes a agarrar seu casaco para sair da toca e tomar algum energético, ouviu a voz de Paula, conversando animadamente com alguém no corredor. Ela era a inspetora-chefe do centro de estudos. Sua silhueta embaçada surgiu através do vidro estriado da porta, e a maçaneta começou a girar. Respirando fundo, Beto desistiu de deixar a sala e sentou-se, a mão cobrindo o rosto. Ouvia a voz cantante de Paula se dirigindo a ele.

— Bom dia, Beto. Que bom encontrá-lo sentadinho, e não tentando dividir um átomo.

— É doutor Alberto pra você. E você ainda está zoando com a minha cara por causa disso? Eu falei brincando que seria possível utilizar este laboratório para realizar explosões controladas.

— Já vi que está de mau humor. Você só sente falta do título de doutor quando está mais azedo que um limão. Enfim, se pudesse fazer o favor de olhar para mim, eu gostaria de apresentar o doutor Isaac Oliver Junior, seu parceiro no projeto.

Beto levantou-se de um salto. Apesar da petulância com Paula, ele só fazia isso porque a conhecia há séculos. Na verdade, ele era um daqueles homens retos e certinhos, afeitos a bons modos.

Esfregou os olhos para enxergar melhor. Viu primeiro Paula, uma negra exuberante com um vistoso cabelo cheio e armado, todo cacheado. Usava uma blusinha elegante com uma saia justa, e por cima, o jaleco padrão do instituto. Seu olhar então deslizou para o acompanhante dela. Um homem de aparência jovem, alto e esguio. Trajava camisa e uma calça social simples, trazendo o jaleco do centro de estudo dobrado embaixo do braço. O cabelo, curto e bem aparado, tinha um tom castanho muito escuro. Os olhos pretos eram grandes e amigáveis. O nariz era delicado, mas um pouco deslocado para a esquerda, próximo às narinas. Beto, analisando o homem rapidamente, achou interessante este detalhe. Não tinha certeza,

mas o recém-chegado parecia ligeiramente surpreso. Talvez surpreso não fosse a palavra certa. Ele parecia *maravilhado*.

Aproximou-se dele para cumprimentá-lo, e foi quando notou, por baixo da manga longa da camisa, algumas cicatrizes nas costas da mão. Pareciam antigas queimaduras. Deixou para lá e estendeu o braço. Quando suas palmas se tocaram, Beto teve a clara sensação de que o outro segurou a respiração.

— É um prazer recebê-lo, doutor Isaac. Sua ajuda realmente se faz muito necessária aqui.

— O prazer é meu, doutor Alberto. É uma grande honra conhecê-lo. Gostaria que me chamasse apenas de Isaac. Não gosto de muita formalidade.

— Como quiser. Então me chame de Beto.

O aperto de mão continuou por mais alguns segundos além do necessário, os dois cientistas se encarando profundamente, olhos nos olhos. Beto, intrigado, e Isaac com um sorriso dúbio no rosto.

Paula, enfiando as mãos nos bolsos do guarda-pó e girando os olhos, soltou um suspiro.

— Já vi que estou sobrando. Bem, terminei o meu trabalho e as apresentações estão feitas. Se precisar de alguma coisa, é só ir até o meu escritório, doutor Isaac. O benefício não se estende a você, Beto.

Nesse instante, ele saiu do transe e desvencilhou-se de Isaac, a face ligeiramente ruborizada. Se pudesse, agarraria a inspetora-chefe pelo pescoço.

— Vai, vai embora daqui, sua arruaceira.

O biotecnólogo segurou a porta para que ela passasse. Quando saiu do campo de visão de Isaac, Paula deu uma piscadela marota, indicando com a cabeça o novo cientista. O rosto de Beto assumiu um novo tom de vermelho e ele bateu com força a porta na cara dela. Pôde ouvir sua risada se afastando pelo corredor.

— Vocês parecem ser muito amigos — Isaac achou graça.

— Longe disso, meu amigo. Essa mulher é o meu carma. Devo ter sido um assassino sanguinário em outra vida, que agora está pagando a dívida, com muitos, *muitos* juros.

Isaac deu uma longa gargalhada. Beto ficou observando como a risada do outro era espontânea e sem maldade, e como a curvinha quase na ponta do nariz se movia de forma inusitada. Era bonito.

— Então, Isaac... Requisitei a sua ajuda porque você é um especialista no comportamento de neurotransmissores. Precisamos entender bem como eles vão funcionar nas pessoas que tiverem um membro reimplantado.

— Sem dúvida. Acredito que formaremos uma excelente dupla.

Beto não sabia se era impressão sua, mas o ambiente lhe pareceu mais quente. Para fugir da sensação, convidou o novo parceiro para conhecer o laboratório, as instalações e equipamentos que dividiriam. Isaac acompanhava tudo com um interesse genuíno, realmente empolgado com o trabalho. Mas Beto não deixou de notar como ele mantinha uma distância mínima entre eles, e, devido a isso, acabavam se esbarrando o tempo inteiro. Ele se desculpava e sempre dava a entender que fora sem intenção, mas havia algo de premeditado naquilo. O biotecnólogo resolveu então puxar a conversa para o âmbito pessoal.

— Que idade você tem, Isaac?

— Trinta e três.

— Você é um ano mais velho que eu, então. Você estudou aqui em Kailotron?

— Na verdade não. Me formei em uma cidade bem afastada daqui, ao sul, chamada Vitrium. É a segunda vez que venho a Kailotron. Fiquei sabendo que estavam procurando um cara com grande conhecimento em neurotransmissores. Quis saber quem era o interessado. Quando descobri que era você, Alberto Dias, não pensei duas vezes e me ofereci.

— É... É mesmo? Por que o interesse em... Em mim? – perguntou, sem conseguir se impedir de gaguejar.

— Ora! Creio que você seja um dos cientistas vivos mais famosos do mundo. Imagine o quanto isso não será ótimo pro meu currículo.

Beto sentiu certa decepção, mas no segundo seguinte se condenou por isso. O que ele esperava que o outro dissesse?

Depois disso, a manhã se seguiu sem maiores problemas. Trabalharam numa sinergia notável, para quem acabava de se

conhecer. Trocaram opiniões, fizeram apontamentos, discordaram em alguns pontos e agendaram os próximos passos. Depois de quatro horas ininterruptas, saíram em busca de algo para almoçar. Retornaram depois de uma hora, ambos com seus respectivos copinhos de café. Beto aproveitou para conferir alguns detalhes na tela do computador, enquanto Isaac se sentou à bancada, bem próximo da geringonça que o cientista mais jovem havia largado mais cedo. Sua atenção foi atraída imediatamente para o objeto, que parecia uma pistola de água, grande e desengonçada. Ele o pegou na mão e apontou para a cabeça de Beto, com a intenção de brincar.

— Ei, Beto, o que é isso? Está pensando em pregar uma peça em alguém?

Assim que viu do que se tratava, o biotecnólogo aproximou-se como um raio e arrancou a coisa de Isaac. Quando notou a expressão de assombro do mais velho, ficou vermelho como um pimentão e murmurou:

— Me desculpe, não quis ser rude. É que isso é muito perigoso, caso funcione.

— *Caso funcione?*

— Sim... É um problema no qual estou trabalhando, mas empaquei. Não é importante, deixa pra lá.

Após o incidente, o clima entre eles esfriou. Terminaram o serviço do dia e despediram-se, combinando de encontrarem-se às nove da manhã seguinte. Enquanto arrumava suas coisas, Isaac ainda fitou por vários segundos o invento, que Beto havia novamente deixado sobre a bancada. Sussurrou um pedido de desculpas envergonhado e deixou a sala.

* * *

Já passavam das dez horas. Beto corria esbaforido pelos corredores do centro de estudos. Se tinha algo que odiava na vida era estar atrasado. Seus pertences chacoalhavam freneticamente dentro da maleta, que carregava de qualquer jeito. Escancarou a porta de sua sala para encontrar Isaac há muito já engajado no trabalho.

— Me desculpe pelo atraso, Isaac. Me desculpe mesmo, há anos não me atraso assim — cuspiu as palavras atabalhoadamente, largando a mala em qualquer lugar e segurando o flanco, que doía devido à corrida.

— Não tem problema, essas coisas acontecem. Tudo isso é pressa de vir me encontrar?

Beto não deixou passar a cutucada. Resolveu levar a brincadeira adiante, apenas para ver onde chegaria.

— Ah sim, claro. Não pude deixar de pensar nos seus adoráveis olhos cor de piche a noite toda. Dormi mal e acordei tarde.

— Não imaginei que tivesse mexido tanto assim com você ontem.

Isaac se aproximou do biotecnólogo e enrolou o dedo indicador em um cacho de seu cabelo encaracolado. Ele era pelo menos um palmo mais alto que Beto e o toque era suave. O cientista mais novo ficou paralisado com a ousadia e esperou, quieto.

— Parecem pequenos caracóis, exatamente como eu me lembrava. Mas o tom do seu cabelo parece de um palha mais escuro.

— De como você se lembrava...?

Então, da mesma maneira inesperada com que adentrou o espaço pessoal de Beto, Isaac desvencilhou o dedo e se afastou. Deu as costas ao parceiro e apanhou um embrulho que estivera em cima de uma cadeira, aguardando para se entregue. Mirando o parceiro nos olhos, jogou o presente em suas mãos.

— Pra você. Pra me desculpar por ontem, por ficar mexendo em coisas que não me dizem respeito.

Beto aparou o pacote no ar, quase o deixando cair. Olhou primeiro para Isaac, depois para o papel azul laminado enrolado com uma fita prata, a desconfiança estampada no rosto. Rasgou tudo rapidamente, sem se importar em preservar a embalagem. Foi quando se deparou com a guloseima que mais adorava. Bombons de licor.

— Como *diabos* você poderia saber que...

— Que você ama esses bombons? Paula, é claro. Começo a entender porque ela é seu carma.

Ainda desconfiado, Beto abriu um bombom e o colocou inteiro na boca.

— Não tenho muita certeza dos seus propósitos – o biotecnólogo murmurou de boca cheia.

— Ahá! Esse é o princípio da incerteza.

Beto encarou Isaac com uma expressão cansada.

— Pare de misturar as coisas. Aposto que você nem sabe o que é o princípio da incerteza.

— Beto, está achando que eu fugi da faculdade? Segundo a teoria quântica, as partículas estão num estado de probabilidade quântico, o que quer dizer que um único elétron pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, por exemplo. Nunca se pode saber ao mesmo tempo onde ele está e sua velocidade. Ele é apenas uma probabilidade.

— Isso mesmo. E conforme o princípio da incerteza nos diz, você pode medir a posição de uma partícula, mas a própria medição fará com que ela mude de lugar, não sendo possível calcular sua velocidade. Da mesma forma, pode medir a velocidade dela, mas a medição afetará essa grandeza, fazendo com que seja impossível calcular a velocidade exata *antes* da medição, ou sua posição. Em outras palavras, é como se você criasse uma realidade específica para uma determinada partícula, deixando todas as outras possibilidades de lado.

— Exato. E fazendo uma analogia tosca, você pode saber dos meus propósitos, mas não a velocidade com que os alcançarei. E vice-versa. Sendo que a sua análise pode modificar meus planos.

— Você tem razão.

— Tenho?

— Tem. Sua analogia foi tosca. Que tal trabalharmos? Temos muito o que fazer.

Durante um bom tempo, trabalharam no mais absoluto silêncio. A interação entre eles, porém, tão eficiente quanto no dia anterior. Isaac, de vez em quando, lançava olhares furtivos ao companheiro, esperando que este o encarasse para tentar puxar algum assunto. Beto, entretanto, continuava com os olhos cor de mel focados no

que estava fazendo, sem dar abertura para conversas. Por fim, o cientista mais velho não se conteve e rompeu o silêncio.

— E então, você não vai contar por que chegou tão perturbado de manhã?

— Como é?

— Ah, vamos lá, Beto. Você não chegou quase pondo o pulmão pra fora só porque estava atrasado. Posso estar enganado, porque te conheci ontem, mas parece que tem algo mais te incomodando.

O biotecnólogo analisou Isaac. Ele acertara na mosca, mas havia necessidade de abrir o jogo? Afinal, como o mesmo disse, tinham acabado de se conhecer. Mas Beto teve que reconhecer que ele estava tentando desde o começo ser atencioso e simpático, até mesmo com o luxo de dar presentes. Chegou à conclusão de que mal não faria.

— Tudo bem, vá... Você tem razão. Já ouviu falar do famoso incêndio da Biblioteca Nova Alexandria?

— É claro. Acho que não existe ninguém no mundo que não saiba sobre esse incêndio. Um dos maiores desastres de Kailotron, com 301 pessoas mortas.

— Exato. Era uma biblioteca gigantesca, com muitos e muitos tomos, sobre qualquer assunto. Dizia-se que umas duas mil pessoas visitavam aquele lugar por dia. No dia do incêndio, a biblioteca estava lotada, com o lançamento do livro de Fernanda Aradon. Minha irmã era particularmente fã desta autora.

— Não me diga que... A sua irmã...

— Sim, ela morreu nesse dia. E eu sonhei com ela hoje cedo. Dezoito anos já se passaram e ainda sonho com ela, de vez em quando. Seu nome era Laura.

Um silêncio estranho surgiu entre eles. Agora era Isaac quem estava introspectivo. Seu olhar não focava nada em particular, como se estivesse pensando. Por fim, pareceu decidir algo. Puxou para cima a manga da camisa, expondo o braço direito coberto por cicatrizes. Beto pôde então observar mais atentamente, e de fato tratava-se de queimaduras antigas. Um sino de alarme tocou em sua cabeça quando ele ligou os pontos, e previu o que Isaac diria em seguida.

— Lembra que eu disse que esta é a segunda vez que venho a Kailotron? A primeira foi quando estive na Nova Alexandria.

Beto o encarou com uma expressão de compadecimento. Adiantou-se e tocou as marcas profundas no braço do mais alto. Isaac o segurou pelo pulso, delicadamente.

— Não me olhe com essa cara de pena. Não preciso disso, eu estou bem. Isso não é nada.

— Por que não fez uma cirurgia para reparar isso? Com a tecnologia que temos em Kailotron...

— Sou de uma família humilde. Não tínhamos condições na época, e meus pais, quase nenhuma instrução. Os ferimentos se curaram com o tempo, e depois, quando cresci e tinha condições, já não tinha mais a vontade. Acabou ficando como uma lembrança.

— Lembrança? Para que lembrar de algo assim?

— Em especial, para recordar da pessoa que me tirou do meio do fogo e me salvou a vida. Sou muito grato a ele.

— E quem seria essa pessoa?

Nesse momento, as pupilas de Isaac emitiram um brilho maldoso.

— Por incrível que pareça, era um cara muito parecido com você.

— Como assim por incrível que pareça? Ora, largue minha mão.

Os dois riram juntos, e o clima voltou a ficar agradável entre eles. De volta ao trabalho, conversaram apenas amenidades, e ambos podiam sentir a amizade se desenvolvendo. Beto achava que havia mais escondido por trás do manto da amizade, mas achou melhor não forçar a barra. Podia estar só vendo coisas, como frequentemente fazia.

Ao fim da jornada, Isaac o convidou para beberem algo. Teriam dois dias de descanso, afinal. Antes de deixarem o laboratório, Beto guardou a caixa de bombons e o objeto em forma de pistola dentro de sua maleta. Pretendia debruçar-se sobre ele em casa, para tentar fazê-lo funcionar.

O bate-papo e a bebedeira foram muito proveitosos. Conversaram sobre a vida, o universo e tudo o mais e, ao se despedirem, Beto inesperadamente viu a si mesmo segurando a manga da camisa do cientista e convidando-o para continuarem a conversa em sua casa.

Não sabia exatamente por que tomara essa atitude, mas atribuiu a audácia à bebida, pois se sentia um pouco tonto.

Isaac, entretanto, parecia bem dono de si, e sequer pestanejou, inclusive ajudando Beto a caminhar, segurando-o pelo braço. O biotecnólogo não fez objeções. Embalado pelo calor do corpo do parceiro de trabalho, ficou feliz apenas por ter alguém a acompanhá-lo.

Chegando em casa, a cabeça de Beto estava prestes a explodir. Isaac sugeriu que ele tomasse um banho, e foi exatamente o que tentou fazer. Quase nunca escapava do mal estar quando bebia, mas não podia evitar. O chuveiro ficava na parte de cima da casa, e quando tropeçou logo no segundo degrau, Isaac veio em seu auxílio.

A partir daí, as coisas aconteceram tão rápido que Beto não saberia ordená-las.

O homem mais alto o ajudou a tirar as roupas e entrar embaixo do chuveiro. Lembrava-se de ter achado graça quando ele tentou dar as costas, reservando-lhe privacidade. Agarrou-o pelo braço com as cicatrizes, e deu-lhe um puxão para debaixo da água. Prensou seus lábios contra os do companheiro, sem pensar por um segundo por que fazia aquilo. Apesar do choque inicial, Isaac começou a corresponder rapidamente, passando um braço por seu flanco e descendo para apertar uma nádega. A outra subiu para sua nuca, estreitando ainda mais o abraço. Beto aninhou o rosto no peito dele, sentindo o frescor da água e o calor da pele sob o tecido. O sonho e a bebida tinham mexido com ele mais do que imaginava. Mas não queria pensar naquilo agora, portanto, guiou um encharcado Isaac diretamente para seu quarto.

Estouraram de rir enquanto arrancavam as roupas ensopadas do mais velho, que iam se juntando numa poça no piso. Quando estavam completamente nus, ficaram estáticos por alguns instantes, apenas observando a forma do corpo um do outro. No próximo segundo, já rolavam em meio aos lençóis da espaçosa cama de solteiro, mãos e lábios percorrendo todas as partes livremente, num ardor abrupto.

O sexo foi frenético e durou quase a noite toda. A certa altura, exaustos, adormeceram profundamente.

* * *

Beto despertou algumas horas mais tarde, com a claridade do sol penetrando a janela através da cortina. A cabeça apresentava um distante latejar, mas que mesmo assim, o irritou. Ainda nu, observou a forma adormecida de Isaac, deitado na cama com um semblante tranquilo. O que ele tinha na cabeça para fazer sexo com seu mais novo parceiro de serviço? Tinham acabado de se conhecer! Mas Beto gostava da companhia dele, e não queria voltar para casa sozinho para ficar ruminando a morte triste e violenta de Laura. Aqueles sonhos com ela viva e bem sempre o faziam lembrar da pior forma possível como a realidade era amarga.

Afastando tais pensamentos, cobriu Isaac com um lençol e desceu as escadas, em busca de um remédio para dor de cabeça que sabia ser tiro e queda. Sempre levava um desses em sua mala. Chegando na sala, não lembrava onde tinha largado a mala. Depois de uma rápida busca, encontrou-a jogada atrás do sofá. Levou-a até a cozinha e a abriu em cima da mesa. Ao fazer isso, porém, deu de cara com o objeto em forma de pistola. Imediatamente, seu ânimo desabou, e ele puxou a cadeira para sentar-se, bufando tristemente.

— Você é daqueles que costuma andar peladão em casa?

Beto tomou um susto, virando-se para visualizar um Isaac apoiado no batente da porta, apenas de cueca, com um enorme sorriso no rosto.

— Você não está exatamente vestido, não é?

— Mas eu não estou na minha casa.

— Pior ainda. Um tarado seminu à solta na minha casa?

Isaac gargalhou até ficar sem ar, enquanto Beto soltava uma risadinha sem força. O mais velho pegou a água que Beto precisaria para misturar o remédio, e sentou-se à sua frente na mesa. Esperou que ele bebesse.

— E então? Não quer mesmo me contar o que é essa coisa? Percebo o desânimo quando olha pra isso — observou, apontando para a pistola.

— Certo. Vou contar. Isso é uma máquina do tempo.

Isaac olhou para Beto intensamente, um sorriso ameaçando se formar nos cantos da boca. Uma reação inesperada. Não achou que ele fosse acreditar em algo dito tão diretamente. Mas o mais velho ficou apenas em silêncio, esperando o biotecnólogo continuar.

— Parece loucura, mas desenvolvi essa geringonça, que é capaz de abrir um buraco de minhoca no tecido do tempo. Você conhece o conceito, não é?

— Um buraco de minhoca, teoricamente, é capaz de levar a qualquer momento do tempo ou espaço. Mas, caso existam, são infinitesimalmente pequenos e instáveis.

— O problema do tamanho eu resolvi. Posso abrir um grande o suficiente para que eu passe. O problema é instabilidade. Esse negócio não tem energia para mantê-lo aberto muito tempo.

— Usou uma bateria de 510 megawatts. Por que não tenta uma de 1.21 gigawatts? Tenho quase certeza que resolveria o problema da instabilidade.

Beto olhou para Isaac com descrença. O problema que ele levava semanas para desvendar, sem sucesso, foi resolvido em meio segundo por alguém que acabara de entrar em contato com o assunto. E o mais interessante é que ele estava certo. Uma bateria maior possivelmente resolveria a situação. Tanto tempo debruçado sobre o mesmo quebra-cabeças havia tolhido sua a visão. Enquanto uma luz pairava sobre o rosto de Beto e um sorriso de orelha a orelha se esticava, ouviu Isaac dizer:

— “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

— Onde ouviu isso? Por que disse isso agora? — indagou o cientista mais novo, realmente surpreso.

— A pessoa que me salvou do incêndio me disse isso, e nunca mais esqueci. Acho que se aplica ao seu caso, que teve a ideia de voltar ao passado para tentar resgatar a irmã.

Beto o encarou espantado.

— Como você...

— Ora, Beto, vamos lá. Não foi tão difícil assim associar uma coisa à outra. E aí? Tem a bateria de 1.21 aí?

— Eu tenho uma... Mas está no centro de estudos, no meu laboratório.

— E o que estamos esperando?

Vestiram-se num piscar de olhos e voaram para lá, chegando em poucos minutos. Na correria, passaram por Paula, que logo estampou uma expressão de suspeita no rosto.

— O que vocês dois estão fazendo aqui em dia de descanso?

— E você, o que está fazendo aqui, Paula? – devolveu Beto, sem parar de correr.

— Ah, vá! Você sabe que eu só folgo uma vez por semana! – o biotecnólogo ouviu sua voz diminuindo de volume, enquanto se afastavam.

Isaac chegou antes à porta, destrancando-a num girar gracioso de mão, e segurou-a aberta para que Beto atravessasse sem reduzir a marcha. Este foi direto a uma gaveta em sua escrivaninha e revirou à procura da bateria. Encontrou-a em um instante, quase deixando cair. Abriu o compartimento para bateria localizado no gatilho, retirando a antiga e socando a nova. Quando tudo estava pronto, parou por um segundo para sentir a realidade daquele momento. A máquina do tempo estava prestes a funcionar como teorizado, e ele finalmente poderia voltar e tentar salvar a irmã. Havia muito esperava por aquele dia. Estudou toda a planta do Nova Alexandria, por meses a fio, até decorar cada sala, entrada, saída, posição dos extintores... Sabia até que tipo de livros continha cada cômodo, por assunto. Mirou Isaac nos olhos, que estava bem quieto, apenas observando-o com muita expectativa. Era como se ele esperasse exatamente por aquele momento. Estranho.

— A pessoa que te salvou do incêndio, Isaac... Salvou mais gente também?

— Todas as pessoas que conseguiu, antes do fogo e fumaça tornar impossível entrar e sair repetidas vezes. Era como se conhecesse o lugar como a palma da mão.

Houve mais um daqueles momentos onde apenas se encararam intensamente. Beto não conseguiu decifrar ao certo o que o rosto do cientista mais velho transmitia. Deixando a questão de lado, pediu para que ele abrisse espaço e mirou a pistola em um ponto aleatório

no ar, em um local da sala onde nada havia. Puxou o gatilho, e a mágica aconteceu. Mas Beto diria que fora apenas a ciência.

Uma espécie de redemoinho azul se abriu no meio do laboratório, deformando o ar atrás dele. Era como se o espaço se dobrasse sobre si mesmo, formando um túnel sem fim.

— O buraco de minhoca parece estável. Mas como você define pra onde quer ir? Ele pode ter se aberto em qualquer lugar ou tempo! E se você for parar em Plutão, ainda em formação no sistema solar? — Isaac gritou de repente.

O buraco de minhoca deturpava todas as moléculas ao seu redor, fazendo com que vibrassem e produzissem um som estarrecedor. Beto respondeu em voz alta para se fazer ouvir.

— Por mais absurdo que possa parecer, defino isso com a força do pensamento.

Isaac o fitou de olhos esbugalhados, incrédulo. Ao mesmo tempo, ouviu passos no corredor.

— É verdade. Lembra do princípio da incerteza? — indagou Beto.

— Sim, claro. O que isso tem a ver?

— Da mesma forma que propõe o princípio, o buraco de minhoca é só uma probabilidade. Uma probabilidade infinita. Mas assim como as medições definem a realidade da partícula, elimino todas as probabilidades e escolho apenas uma, simplesmente ao pensar nela. A torno real.

— Isso é temerário. Gostaria de saber depois como descobriu isso. É quase impossível de acreditar.

— Eu sei. Por isso vai funcionar.

Naquele instante, Paula entrou na sala, estacando logo ao ver o túnel do buraco de minhoca flutuando ao lado de Beto. Sua boca pendeu até o peito e quase engasgou ao gritar:

— BETO! Pare imediatamente o que estiver fazendo! Vou chamar os seguranças!

— Vá, chame-os agora! Beto perdeu o juízo e vai acabar ferindo alguém! Vai, corre! — Isaac tomou a frente, fazendo com que ela voltasse pelo caminho de onde tinha vindo. — Vai, eu falarei com ele para tentar impedi-lo!

Paula pareceu acreditar nele e saiu correndo como um pé de vento. Logo em seguida, o cientista mais velho bateu e trancou a fechadura. Arrastando a pesada escrivaninha de Beto, colocou-a na frente da porta, barrando-a. Ainda sentou-se no tampo da mesa, para reforçar a barricada.

— Você tem algum interesse pessoal nisso tudo, não é?

— Pode-se dizer que sim. Mas veja, se eu fosse você, Beto, não perderia mais tempo.

Dito isso, um brutamontes vestido de preto forçou a porta, e como não conseguiu abri-la, começou a dar uma série de socos e encontrões. Era possível vê-lo através do vidro, ao lado de outro grandalhão, com Paula atrás deles.

— Seu carma foi bem rápido dessa vez. Vá. Boa sorte. E obrigado pelo que fez por mim. Ou ainda vai fazer.

— O que eu fiz por você?

— Quando você voltar, a gente conversa, Beto. Vai logo!

O biotecnólogo olhou de Isaac para a entrada, de onde vinham vozes cada vez mais irritadas e socos gradativamente mais potentes. Enfim, focou o buraco de minhoca, que tinha exatamente o seu tamanho. Desejou com todas as forças que os testes preliminares com objetos pequenos estivessem certos e tudo funcionasse da mesma forma com corpos maiores. Lembrou-se de Isaac logo atrás dele e de repente, teve certeza de que iria dar certo. Então, concentrou-se firmemente no local onde queria estar, a biblioteca Nova Alexandria, no dia do incêndio. A fenda temporal pareceu responder de acordo, com um forte zumbido num tom mais alto.

Quando um dos seguranças quebrou o vidro da porta, Beto lançou-se no túnel. Sentiu como se seu corpo fosse se desmaterializar, átomos sendo despedaçados pelo espaço. Mas num segundo, foi reagrupado, e deparou-se com o caos. As chamas e o calor dominavam o ambiente. Os gritos e desespero dos presentes enchiam o lugar, numa melodia sinistra. O buraco de minhoca fechou-se atrás dele, mas a pistola estava presa no cós da calça.

Um jovem de não mais de quinze anos, com o rosto cheio de fuligem e parte do cabelo queimado, o encarava embasbacado. Era o único que o havia visto surgir no meio do ar, como uma aparição.

Estava agachado, para tentar inalar o mínimo de fumaça possível, e segurava o braço direito, que exibia queimaduras profundas. Beto não conseguiu deixar de notar o nariz levemente torto para a esquerda.

— Como...? Como você pode ter surgido de lugar nenhum? — o jovem conseguiu sussurrar em meio à dor.

— “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.” Não se esqueça disso — Beto lhe disse, enquanto o aninhava junto ao peito para tirá-lo dali o mais rápido possível. Se Beto conseguiu resgatar Laura, a incógnita permaneceu. A única coisa que se sabia com certeza é que ele se tornaria o herói histórico e anônimo daquele evento, que ajudou a salvar mais de 30 pessoas, e depois desapareceu como por encanto.



A fabulosa receita de Yoshi Koga

Diego Umino-Hatake

Às vezes era difícil perceber que no meio daqueles prédios enormes havia uma pequena loja. Pequena, porém muito bonita. Um verdadeiro encanto no meio de tanto cinza.

Era uma confeitaria. A parede branca cercava a grande vidraça, onde tudo de bom que havia ali dentro era exibido. Azulejos de cor bege, quase rosa, enfeitavam um quarto da parede do prédio, uns oitenta centímetros até o chão. O telhado era bem vermelho, coisa que raramente se notava por conta do toldo de lona de listras azuis e brancas que ficava na frente da loja. A porta era de madeira, de cor azul, e toda vez que o proprietário a via pensava se deveria pintá-la de verde. No meio dela havia uma abertura oval, coberta por vidro, com um belo desenho gravado, formando uma moldura para curiosos que hesitassem em entrar.

Seu dono sempre abria sua loja às oito da manhã em ponto. E sempre acompanhado de uma gata persa de pelos brancos. Ela não fazia muita coisa, sequer chegava perto da cozinha. Entrava com ele, deitava em sua caminha posicionada perto da vidraça, onde havia um banco para as pessoas sentarem e admirarem o lado de fora, e lá ficava. Ora olhava os transeuntes, ora se distraía com seus brinquedos, mas na maior parte do tempo, dormia.

— Mais um dia começando, Mimi.

Ele sempre dizia essas palavras para sua gata antes de começar o trabalho. A gata apenas o olhava e então voltava a admirar o mundo

do outro lado da vidraça.

Antes de qualquer coisa, ele se aprontava: colocava o doma por cima da camiseta branca. Um doma branco, com botões pretos e o seu nome bordado no lado esquerdo: Yoshi. O toque final, bem, era quando ele colocava sua *toque blanche*. E, então, era hora de ir para a cozinha para produzir e abastecer o mostruário.

De coisas simples, como biscoitos comuns, até algo mais refinado e de preparo mais complexo, como um *bavarois aux fruits* ou *mille-feuille aux framboises*, as pessoas poderiam encontrar ali uma grande variedade de doces. Uma pena que a clientela não aparecia em uma quantidade equivalente ao que a confeitaria oferecia.

Cientes eram poucos, porém fiéis, e assim se mantinha. Um deles era um casal de idosos de sobrenome Donato, muito simpáticos. Yoshi sempre vendia para eles doces feitos sem açúcar, já que a senhora Donato, de nome Aparecida, era diabética. Dona Aparecida sempre comentava como ela gostava de seus doces e achava-os de um gosto peculiar:

— Incrível. Nem parece que é feito com adoçante, geralmente eles deixam um gosto tão enjoativo...

— Não uso adoçante, senhora... — respondia Yoshi sorridente.

— O que usa para dar esse gosto, afinal? — indagou Aparecida.

— Segredo!

E Yoshi dava uma piscadela. O casal ria e agradecia ao confeito pelo doce e pela atenção.

Outro cliente que Yoshi lembrava bem era uma mulher chamada Clarice. Ela gostava de comprar bombas de chocolate todo sábado para dar aos sobrinhos que vinham visitá-la junto com a mãe, irmã dela. Mais do que simplesmente enchê-los de doces, ela gostava de ver a cara de satisfação deles depois que acabavam de comer. Além disso, ela sempre fazia carinho na Mimi antes de sair.

Aliás, uma peculiaridade era que a maioria dos clientes de Yoshi era do sexo feminino. Algumas eram atraídas pelo colorido dos bolos, que certamente pareciam muito apetitosos, e algumas eram atraídas, obviamente, pelo dono da *pâtisserie*. Ele não era de uma beleza excepcional – e definitivamente não era escasso de beleza, mas talvez o maior atrativo fosse o fato de ele ser um jovem de

uniforme e que cozinhava bem. Um homem prendado. Yoshi não reclamava dessa atenção, pelo contrário... embora ele jamais tenha levado alguma cliente para a cama; sequer as convidava para sair. Era um tanto tímido para fazer tal convite. Na verdade, Yoshi esperava encontrar um dia a pessoa certa. Ele tinha um critério de escolha um tanto peculiar que nunca lhe deu problemas. Bem, ao menos até certo dia...

O relógio marcava dez minutos para as vinte horas. Yoshi geralmente fechava a loja às dezenove, mas naquele dia uma cliente encomendou *macarons* para o café da manhã – era uma daquelas clientes um tanto exigentes. Ele a esperou por um bom tempo. Por fim, em vez de passar às dezoito horas como prometido, ela só foi buscar a encomenda depois das sete e meia da noite.

— Desculpe! — disse a cliente — É que a chuva me atrasou.

Yoshi olhou para fora:

— Ué, mas que chu...

Em poucos minutos, Yoshi percebeu que uns pingos começaram a bater contra o vidro da janela.

— Ah não... A chuva chegou até aqui também. Não terei sossego nem na volta para casa! Enfim, obrigada e adeus! — despediu-se a cliente logo após dar a Yoshi o pagamento. Parou ainda em frente à porta para ajeitar sua capa de chuva e então saiu.

Mimi parecia entediada. Com a chuva, em pouco tempo, a rua tornou-se deserta. De vez em quando, um ou outro transeunte passava correndo tentando se proteger – em vão. Logo a gata se cansou e então decidiu se distrair com seu ratinho de brinquedo, enquanto Yoshi terminava de arrumar o espaço. Ele também estava um tanto distraído colocando as cadeiras em cima das mesas, de maneira que ele nem olhou para a porta quando o sino da entrada fez barulho, apenas disse:

— Já estamos fechados!

— Ah, me desculpe.

Yoshi olhou para a direção da voz. Era um rapaz de mais ou menos trinta anos. Os cabelos encaracolados, apesar de bem curtos, pareciam encharcados. O sobretudo tentava deixar o

terno, que parecia caro, protegido da chuva. Em sua mão direita, uma mala de couro.

— Eu já vou embora, só... Só queria me arrumar um pouco antes de voltar pra rua... — disse ele, tentando enxugar o rosto com um lenço tirado do bolso interno do blazer. — Devia imaginar que estava fechando, mas nunca...

— É a primeira vez que vem aqui. — Yoshi notou. Ele sabia muito bem quando um rosto novo adentrava o espaço.

— Sim, é... E decidi fazer isso na hora certa, pelo visto. — brincou ele. — Bem, obrigado por deixar eu me recuperar um pouco. Acho que já vou...

— Espere!... Quer alguma coisa? — perguntou Yoshi, honestamente solícito.

O homem de terno voltou-se para o mostruário de doces e falou:

— Não sei... Eu nunca comi desses doces muito elaborados, com nomes estrangeiros, sabe? Tem algo mais simples, sei lá, um brigadeiro?

Yoshi deu uma risada, meio sem jeito:

— Nem tudo aqui tem «nome estrangeiro», mas entendo... Sobre brigadeiros, sempre faço alguns, mas eles saem logo pela manhã.

— Então o que recomenda? — perguntou o homem, ainda olhando os doces que sobraram.

— Bem, que tal um *tartelette onctueuse à la praline rose*?

O homem fez uma cara de interrogação. O *pâtissier* explicou, com a ajuda de muita gesticulação sobre o preparo:

— É uma torta pequena... Feita com pralinê rosa.

O homem fez que sim com a cabeça, dizendo que entendeu, mas:

— Não sei... Acho que prefiro a fatia de alguma torta.

— Que tal um clássico, como uma torta de maçã? *Tarte aux pommes*? Ou quem sabe...

Yoshi foi interrompido pelo homem que, apontando para uma das tortas no mostruário, exclamou:

— Eu quero essa aqui!

Yoshi foi olhar para a torta que ele apontava: estava intacta. Na verdade, poucas pessoas haviam pedido para provar aquela torta

antes... Por mais que ela parecesse boa, raramente pediam uma fatia dela. Era algo tão raro, que Yoshi ficou um tanto surpreso:

— E-essa torta... Tem certeza?

O homem fez que sim com a cabeça e em seguida perguntou:

— Ela também tem algum nome chique?

Yoshi riu:

— *Charlotte aux fraises*. É feita com mousse de morango, rodeada por biscoitos.

— Estranho. Ela é uma das poucas que está inteira e é tão bonita... — comentou o estranho. — Eu nem sou muito fã de morangos, acho eles muito azedos, mas a torta parece boa...

Yoshi ficou confuso, mas escondeu tudo sob um sorriso gentil. Enquanto preparava um prato e o cliente se acomodava numa cadeira no balcão, decidiu puxar papo:

— Então... Primeira vez que passa por aqui. Alguma razão especial o fez decidir parar aqui e provar um doce hoje? Além da chuva, claro.

— Não exatamente... — comentou o cliente. — Eu sempre passo por essa rua na volta para casa, nunca havia notado exatamente este lugar... Daí hoje decidi fazer algo diferente.

— Resolveu vir aqui se abrigar da chuva? — observou Yoshi num tom sarcástico.

— Sim, isso também. — respondeu o outro, num sorriso tímido, porém amigável.

Yoshi cortou cuidadosamente um pedaço da torta e o colocou no prato. Fez uma pequena decoração com calda de morango ao redor da fatia no prato. Entregou o pedido ao cliente, junto com um garfo de prata e um guardanapo de papel. O homem nada comentou, mas viu o utensílio e ficou um pouco admirado pelo tanto que ele brilhava. Gostou do zelo que Yoshi parecia ter com o que fazia.

Yoshi esboçava um sorriso, mas no fundo escondia certa apreensão. Na verdade, ele sempre sentia um friozinho na barriga quando alguém provava um de seus doces... Afinal, estavam provando uma de suas criações, e ele queria muito que as pessoas apreciassem o fruto de seu trabalho. Mas, nesse caso, o sentimento era um pouco diferente...

Complicado de explicar, mas a história com o *charlotte aux fraises* era a seguinte: somente clientes «em potencial» deveriam provar aquela torta. Muitos dos que provaram não gostaram dela, por inúmeros motivos: uns acharam azedo demais, outros acharam doce demais, outros acharam sem gosto... Algumas pessoas reclamavam do biscoito, que parecia estranho, sem gosto ou «molhado». E teve quem reclamou da consistência do mousse. Enfim, a torta nunca havia sido aprovada, e havia uma razão para isso. Portanto, se a torta fosse aprovada agora era sinal que Yoshi deveria rever algumas coisas em sua vida.

O cliente terminou sua fatia. Limpou-se calmamente com o guardanapo, enquanto Yoshi fitava-o ainda apreensivo. Mimi também parecia interessada na opinião do homem sobre a torta, já que também o olhava.

Foi quando o homem terminou de se limpar. A expressão que ele fazia era um tanto estranha: tinha a testa franzida, lábios contraídos, e os olhos dançavam de um lado para o outro, como se tentasse entender o que acabara de provar. Yoshi, acostumado com tal careta, justificou-se como das outras vezes:

— Desculpe. Eu ainda estou aprendendo a fazer esta torta. Não consigo acertá-la.

— Hum... Tudo bem... — comentou o homem, voltando a si. Ele ainda tentava analisar o que provara, saboreando o gosto em sua boca.

Yoshi pôs-se a arrumar o balcão, colocando o prato na lava-louças, quando ouviu o homem falar:

— Gostei.

Yoshi arregalou os olhos. Mimi, que estava deitada observando tudo, levantou de supetão. Ficou de olho na cena, atentamente.

— Está brincando? — perguntou Yoshi, desacreditado.

— Não estou não. — respondeu o homem, que continuou após uma risadinha — Eu achei muito estranho... Geralmente detesto morangos, mas essa torta está incrível. Mas o engraçado é que você parece mais desacreditado que eu.

Yoshi não disse nada, somente tentava entender o que estava se passando. Com o silêncio, o homem percebeu que a chuva estava

mais fraca.

— Oh, acho que já posso ir sem ficar encharcado.

Colocou uma nota de vinte no balcão e disse:

— Obrigado. E perdão por ter lhe segurado aqui. Mas está de parabéns, viu? Pode ficar com o troco.

— Obrigado... — respondeu o *pâtissier* com o rosto inexpressivo.

Depois que o homem saiu, ele trancou a porta. Enxugou o prato e o garfo utilizados, guardou-os no balcão acima da pia da cozinha. Pegou uma embalagem grande de plástico e a deixou preparada para que recebesse uns pacotes com restos de torta. Ele sempre dava os restos para as pessoas que encontrava em seu caminho de volta para casa. Às vezes os afortunados eram professores de uma escola pública de ensino médio que funcionava à noite. Às vezes, um grupo de mendigos que se instalavam a alguns quarteirões dali. Outras vezes, tais doces foram para os vizinhos ou um transeunte qualquer. Ele guardou tudo, exceto o resto do *charlotte aux fraises*; este foi para o lixo. Mimi observou certa violência na hora em que seu dono jogou a tal torta no cesto. Yoshi, de costas para o animal, olhava para os restos da mesma, quase intacta, deformada pela lixeira:

— Não deu certo. — desabafou após um suspiro.

Mimi chegou um pouco mais perto. Em dois pulos elegantes, alcançou o balcão e ali se sentou, observando a indignação de Yoshi. Enquanto colocava alguns restos de comida em caixas, vociferava palavras de frustração.

— Não entendo... Devo ter feito algo errado.

«Será?»

— Como é, Mimi?

«Será que fez mesmo algo errado? Tente lembrar o que fez.»

A gata o olhou com ar de desafio. Seu animal de estimação não tinha a habilidade da fala. Ou melhor, Mimi miava como qualquer gata, ela tinha essa habilidade de comunicação entre os de sua espécie, como os outros felinos, obviamente. Mas eram raros os animais que conversavam com seus donos por telepatia, e isso era um fato.

Eis aqui o maior segredo de Yoshi: ele não era um *pâtissier* qualquer. E não falo apenas por conta dos seus dotes culinários. Ele vinha de uma família cujos ancestrais eram dotados de grandes habilidades... Habilidades que as pessoas comuns não tinham, algo que chamam de «poderes»:

— Eu não me lembro de ter feito algo errado. Fiz exatamente o que o livro ordenava! Escolhi algo feito por mim, algo que pudesse ser admirado para que revelasse o meu possível amor. Recitei o mantra do jeitinho exato que está descrito: «Que este objeto ajude a revelar a pessoa escolhida para mim» e...

Yoshi caiu em si. Mimi também percebeu e completou:

«Você não pediu que o feitiço revelasse a mulher dos seus sonhos, mas sim a 'pessoa'. Tal pessoa poderia ser homem ou mulher. Por alguma razão o destino lhe apontou aquele homem».

— Mas eu não sou... Não, não é possível! Isso não pode estar certo! — exclamou Yoshi, incrédulo.

«Nada é certo nessa vida. O feitiço só mostrou uma boa possibilidade. Algo que você está hesitando por nada».

— Como assim «por nada», Mimi?

«Vocês humanos ficam presos a coisas tão idiotas... Regras estúpidas. Medos estúpidos».

Yoshi suspirou e então refletiu um pouco:

— Bom, isso não deixa de ser surpreendente, Mimi. Não dá pra aceitar numa boa, assim, de uma hora pra outra... Mas enfim, ainda quero ter certeza. Pode ter sido uma grande coincidência, afinal ele nem gostava da torta. Quem garante que ele volte para prová-la novamente?

* * *

— Boa noite. Como vai?

Yoshi ficou paralisado. Mimi, por sua vez, deliciava-se ao assistir tudo de seu cantinho. O infame cliente sequer notou a inércia do *pâtissier*, continuando com um pedido:

— Não sei se lembra de mim, mas vim aqui uns dias atrás... Você ainda tem aquela torta que provei, aquela com morangos?

— Sim... — respondeu Yoshi, voltando a si.

— Decidi passar aqui antes de ir pra casa. Espero que não esteja atrapalhando a loja de fechar novamente.

Yoshi respondeu que não com a cabeça.

— Quero uma fatia daquela torta, por favor. Pra viagem.

Yoshi serviu então uma fatia, colocando-a dentro de uma caixinha.

— Obrigado.

Ele já estava se retirando quando Yoshi, num lampejo de coragem, perguntou a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Então... Então você... gostou mesmo da torta?

— Sim. Achei muito boa. Nem muito doce, nem muito azeda por conta dos morangos. Boa, na medida certa.

— Bem, obrigado... — agradeceu o *pâtissier*, estendendo a mão.

— Meu nome é...

— Yoshi. — completou o outro. — Acertei a pronúncia?

— Sim, mas como... — Yoshi se lembrou do bordado em sua roupa: — Isso é injusto. Você não usa nenhuma placa com o nome.

— brincou, o que chamou a atenção de sua gata para a cena de vez.

— O meu é Rodrigo. Rodrigo Martins.

— E você trabalha por aqui, nessa região... Certo?

— Sim, sim... Trabalho num escritório de advocacia a dois quarteirões daqui.

— Agora entendi a razão de tanta elegância. — observou Yoshi, que levou um susto com o que disse. Aquilo que acabara de dizer fora um... flerte? O que o outro iria pensar?

— Eu particularmente não gosto. Detesto gravata.

Rodrigo respondeu normalmente. Não parecia espantado, nem ultrajado. Yoshi ficou aliviado.

— Mas você também é bem elegante, digo... É raro alguém usar tanto branco e ainda parecer bem.

Yoshi não sabia o que dizer. Ficou vermelho. Agora *isso* fora um flerte ou não? O rosto de Rodrigo parecia neutro. Sem saber como reagir, o *pâtissier* tentou encerrar a conversa:

— Bom, tenho de guardar as coisas, eu...

— Ah, tudo bem! Sem problemas... — desculpou-se Rodrigo.

Os dois se cumprimentaram. Em seguida, sem mais nada dizer, o outro se pôs porta afora. Yoshi não imaginava o que fazer; estava numa situação esquisita, não sabia se o feitiço havia mesmo funcionado. Mas gostou de tentar puxar conversa com Rodrigo. Apesar de sempre conversar naturalmente com alguns clientes, com Rodrigo parecia mais complicado de alguma forma. Por que será que...

— Boa noite!

— AAAHH!... — Yoshi levou um susto tão grande que sua pá de bolo, que ainda segurava depois de tê-la usado, voou. A voz era de sua mãe, Melinda.

— Você está perdendo sua perspicácia, querido... Você sempre notava quando alguém usava magia perto de você, especialmente as de teletransporte.

— Eu estava distraído, pensando em... muitas coisas. — justificou-se Yoshi, enquanto tratava de trancar a porta do estabelecimento. — E já disse, mãe... «Magia» é uma maneira tão infantil de se falar.

— Você sabe que acho «feitiço» um termo muito pejorativo. As pessoas fizeram mau uso dela. — retrucou Melinda, observando o filho fechar a loja.

— Que tal «mandinga» então? — brincou Yoshi, fazendo sua mãe revirar os olhos:

— Muito engraçado... Enfim, queria saber como está.

— Muito bem.

— Seu pai perguntou se...

Yoshi interrompeu-a com a voz carregada de ironia:

— Depois de quatro anos ele ainda pergunta se eu vou voltar para o reino? Sério que ele ainda não percebeu que estou bem aqui?

— Pare com isso, querido! — reclamou Melinda, que exalava serenidade mesmo quando o filho se mostrava bravo. — Eu sei melhor do que ninguém como sua decisão de abdicar das tarefas reais para se tornar um cidadão humano comum afetou a relação de vocês. Dois teimosos! Ele não confessa, mas está preocupado com você também.

— Comigo ou com o seu trono? — Yoshi questionou com olhar desafiador.

— Honestamente? Os dois. Mas acho que ele se preocupa mais com o primeiro. E ele só perguntou se precisava de alguma coisa...

— respondeu Melinda, sorrindo, enquanto caminhava pela confeitaria. Logo em seguida, para mudar o clima da conversa, ela comentou: — Vejo que continua fazendo um ótimo trabalho por aqui. Loja muito bonita, aconchegante...

— Obrigado.

Enquanto mãe e filho conversavam, Mimi continuava a observar tudo. Ela se perguntava por que Ezequiel, o gato de Melinda, não a acompanhara. É raro um mago viajar sem a companhia de seu gato. Talvez ela estivesse visitando Yoshi às escondidas. Mas logo desistiu de pensar em porquês, no fundo ela só queria pôr as fofocas em dia. A decisão de Yoshi de tentar achar algo que gostasse longe do seu reino fez com que ela viesse junto com o amigo para o «reino terrestre» e por isso acabou ficando desatualizada com o que acontecia em sua terra natal.

— Bem, acho que preciso de algo, mas não do meu pai. Preciso de um conselho seu.

A mãe, que admirava um dos quadros da confeitaria, virou-se:

— Fale.

Yoshi engoliu a seco e lamentou:

— Usei o feitiço pra revelar o amor. E deu errado.

— Deu errado? Sua magia nunca deu errado... — estranhou Melinda.

Yoshi rangeu os dentes ao ouvir “magia”, mas em vez de reclamar, continuou:

— Bom, não deu exatamente errado... Só não deu certo.

Melinda ficou ainda mais confusa. Ao ver a cara de interrogação da mulher, Mimi interveio:

“Um homem foi apontado como possível amor dele.”

Enquanto Yoshi fuzilava Mimi com os olhos, Melinda respondia com uma risada:

— Ah, mas essa magia só mostra uma possibilidade, querido. Não há com o que se preocupar. Você não necessita seguir as mesmas normas chatas que as pessoas daqui seguem.

“Foi isso que falei”, respondeu Mimi.

— Até achar o seu pai, eu nem lembro quantas vezes usei dessa magia. Foram homens, mulheres... Experimentar nunca faz mal. Eu experimentei horrores!

— Mamãe! — exclamou Yoshi, extremamente envergonhado. Mimi segurava risadas.

— Tudo bem, tudo bem... O que posso lhe dizer é que por mais que tenha como avaliar qual decisão é a mais segura, nunca dá pra ter garantia de que vai dar certo. No fim, você só vai saber se tentar.

Melinda então olhou para o relógio da parede da confeitaria. Em seguida, abraçou o filho e se despediu. Aparentemente ela tinha "algum compromisso diplomático besta". Foi-se de maneira tão rápida quanto aparecera.

Yoshi então se dispôs a refletir sobre o que a mãe dissera. Se a magia, ou melhor, o feitiço não daria tal certeza, ele ainda detinha um poder de escolha. Do que adiantaria, se era esse tipo de coisa que ele não queria ter de fazer. Aliás, o *que* fazer?

A resposta veio em outra noite. Coincidentemente, também chovia. E uma pessoa entrou na loja pedindo abrigo perto do final do expediente. Ela era ruiva. Usava um tomara-que-caia preto, e pretos também eram os sapatos. Em contraste, as unhas e a boca eram de um tom vermelho bem forte. Pulseiras em ambos os braços e um lenço prateado com glitter, amarrado na cintura e de um comprimento grande o suficiente para dançar em suas coxas, completava o visual.

— Perdão! — ela disse enquanto tirava certas gotas de chuva de seu vestido. — Posso ficar por aqui um pouco?

Yoshi sorriu e consentiu com a cabeça.

— Eu estava indo pra uma boate perto daqui e quase nunca reparei nessa lojinha. É bem incomum um lugar assim neste bairro. — ela observou.

— Muitos dizem isso, realmente.

Mimi, que até então estava dormindo (foi acordada pelos respingos do guarda-chuva da moça que entrou no recinto), começou a prestar atenção no que acontecia. Yoshi parecia tranquilo. A moça, como muitas outras que viam Yoshi pela primeira vez, parecia bem interessada.

— Muitos devem dizer isso sobre você, não é mesmo? — disse a moça em meio a risadinhas. Yoshi ficou tímido, mas continuou a limpar o balcão.

A mulher então começou a observar os doces. Parecia pensar em provar um enquanto esperava a chuva passar. Olhou, olhou, e decidiu por um:

— Já que estou aqui, me veja uma fatia dessa torta aqui, por favor?

Yoshi parou para olhar a torta que era apontada pelas unhas vermelhas: era a famosa *charlotte aux fraises*. Agora Mimi se mostrava ainda mais interessada em acompanhar a situação.

Era a primeira vez que alguém, fora Rodrigo, pedia para provar a tal torta. Yoshi rapidamente tirou uma fatia para a moça, e logo ficou de pé em sua frente, esperando pela resposta. Só faltou cruzar os dedos. Mimi apenas observava, impassível.

Uma garfada, duas, várias... E foi-se a torta. Após se limpar com um guardanapo, ela comentou:

— Admito que foi melhor do que eu achava que seria.

Yoshi e Mimi arregalaram os olhos.

— Então... Você gostou?

— Sim. Achei que fosse ter um gosto daqueles doces que vendem em supermercados, mas achei deliciosa. Parabéns! — respondeu ela, sorrindo. Ela continuou: — Meu nome é Aline. E o seu?

— Y-Yoshi.

— Engraçado esse nome. Enfim, obrigada pela torta. Quanto lhe devo?

— Dez reais.

— Bem, Yoshi — disse ela, remexendo na sua pequena bolsa — Eu tenho apenas cinco reais comigo. Eu ando mais com meu cartão de débito... Mas tenho como compensar isso.

Ela então retira dois convites da bolsa.

— Entradas VIP. Uma amiga que ia me acompanhar não pode vir e, bem, já que está sobrando... Quer me acompanhar?

— Puxa, eu...

Yoshi estava muito surpreso. E muito confuso. Então realmente o feitiço poderia funcionar com mais de uma pessoa...

Foi nesse momento que Yoshi pensou no quanto o feitiço parecia, agora, inútil. Ele o havia usado para que a pessoa certa fosse mostrada sem que houvesse necessidade de relacionamentos – e rompimentos – desnecessários, mas, realmente, de nada adiantava. A decisão só cabia a ele, ponto final. Então...

— Claro! Posso sim.

A moça esperou pacientemente que Yoshi arrumasse e deixasse tudo em ordem para poder fechar a loja. Ele também gastou um pouquinho de tempo no banheiro para se trocar e se arrumar. Mimi tinha a impressão de que aquela noite seria surpreendente, só não imaginava o quanto.

Ao saírem porta afora, Aline e Yoshi deram de cara com uma figura subindo as escadas. Uma figura que usava um terno preto, e pretos eram também os seus sapatos. Seu tom de pele era o que alguns intitulam escuro, mas a gravata, levemente afrouxada, era de um azul claro.

— Rodrigo?

Ele retribuiu a surpresa de Yoshi com um sorriso:

— Cheguei atrasado, não é?

Nessa hora a chuva começava a enfraquecer.

— Me desculpe. Já fechei a loja. — confirma Yoshi.

— Ah, que pena. Acho que hoje exagerei no horário. — comentou o outro, sem jeito. Aline decidiu ir para a rua para ver se conseguia chamar um táxi. Os dois continuaram a conversar na escada. — Meu trabalho não tem hora certa pra sair. Mas tudo bem, fica para outro dia.

Rodrigo saiu assobiando, tentando disfarçar certo embaraço ao não conseguir uma fatia de torta. E Yoshi ainda tentava entender a situação, olhando Rodrigo caminhar calmamente pela calçada até que seu semblante se misturasse com as formas da cidade.

— Lá vem nosso táxi! — exclamou Aline, contente. Virou-se para trás e perguntou: — Vamos, então?

Mas ela acabou falando com ninguém. Yoshi seguira o caminho oposto:

— Oi! — ele disse, cumprimentando Rodrigo logo depois de uma corridinha para alcançá-lo. O advogado parecia surpreso:

— Oi. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Só achei que você talvez quisesse comer algo.

— Uma torta? — perguntou Rodrigo, ainda tentando entender a situação.

— Não. Acho que estamos um pouco longe pra voltar pra *pâtisserie*, e hoje não sobrou muita coisa lá. Só achei que quisesse companhia... Mas se me enganei, eu...

Rodrigo riu do nervosismo que Yoshi mostrava em seu semblante e indagou:

— Então, aonde você quer ir?

Yoshi sorriu:

— Ah, eu conheço um restaurante japonês muito bom que não é muito longe daqui. E o melhor de tudo: fica aberto até bem tarde.

Rodrigo parecia surpreso com o entusiasmo de Yoshi e apesar de ter certas dúvidas, não achou o que falar, a não ser:

— Tá. Tá legal.

Parara de chover. A rua, encharcada, refletia de modo turvo dois jovens conversando sobre coisas triviais, de modo muito entusiasmado. E logo atrás uma gatinha os acompanhava, desviando elegantemente das poças e se divertindo ao ouvir as besteiras dos dois logo à frente. Naquele momento, aquele bairro, cheio de cinza, nunca pareceu tão colorido e iluminado.



Alma Mecânica

Agatha Yukari

Ergui a cabeça e vi o garoto acariciar um robô humanoide cabeçudo. Eu sabia que ele deveria ser muito mais velho do que aparentava, mas seu aspecto franzino junto aos grandes olhos lhe dava a aparência de um inocente menino de 15 anos. Conheci esse garoto alguns anos atrás. Não era um dia especial, apenas mais um dia da monótona rotina de um coletor. Quando coletei a alma da agonizante mãe de Oliver, ele se virou para mim e agradeceu. Eu sabia que ele não estava agradecendo diretamente a mim, pois ele não podia me ver, mas sim ao ato de trazer paz àquela mulher.

Eu sempre considerei a humanidade injusta. Posso enumerar aqui milhares de motivos, mas o que mais me chateia é a falta de gratidão. A morte não é boa ou má, ela é simplesmente a morte. Não entendo por que as pessoas acham que quem dá a vida é bom só por fazer isso. É só o nosso trabalho. Quando eu deixo de levar a alma de alguém que está com um pé na cova, ninguém nunca diz: "Obrigada, Morte, por não me levar". Gostaria de ver como os humanos viveriam se eu deixasse de realizar meu ofício.

Foi por um motivo simples como a gratidão que me vi encarando os olhos cinzentos que lacrimejavam, e percebi que faltava algo naquele garoto. Nunca imaginaria que, para descobrir o que era esse algo, observá-lo no seu cotidiano viraria um hábito.

Ouvi uma melodia baixa ecoar e o pequeno robô no colo de Oliver se encolheu. O pai do garoto logo estava na porta, deixando entrar

um homem engravatado que segurava um pequeno quadrado de vidro. Era sempre nessa data que aquele homem o visitava, falando sobre dinheiro.

– Ander! Que bom vê-lo. – O homem engravatado entrou na residência sem pedir licença e logo se sentou na poltrona mais próxima.

– Poderia nos deixar a sós, Oliver? – Ander pediu para o filho de forma educada. Embora não fosse necessário, já que o garoto se levantara pronto para ir até seu quarto logo que a campainha soou.

– Não gosto desse garoto.

– Oliver pode ser cego, Peter, mas ele escuta muito bem.

– Ele logo completará a maioridade e ainda parece uma criança mimada! Você deveria dar logo um olho eletrônico a ele e deixá-lo sair na rua. – Peter parecia esperar algum repreendimento, mas o outro apenas se sentou em um banco a sua frente e suspirou cansado. Como não houve resposta, Peter voltou a falar. – Se eu fosse o filho do melhor engenheiro de robótica humanoide do país, já teria exigido um olho novo. Aliás, já teria substituído todos os membros por próteses.

– Você já fez isso.

– E pode ter certeza de que estou muito feliz com eles. – Peter ergueu a manga da camisa e deu um beijo no pedaço de metal que lembrava uma garra, fazendo-me sentir ânsia.

Eu não gostava de Peter. Ele era um daqueles ricos esnobes que acreditava que a robótica traria a vida eterna para a humanidade, quer dizer, apenas para os que poderiam pagar por ela. Soltei um breve riso ao vê-lo se gabando de suas inúteis próteses. Eu sabia que Peter morreria logo, pois eu seria o coletor encarregado de sua alma.

– Pare de enrolar, Peter. Não veio aqui para falar do meu filho – disse Ander.

– Ok, vou ser direto. Logo você terá que deixar essa casa.

Ander deu um longo suspiro, massageando de leve as têmporas.

– Achei que teria de fazer isso.

– Sei que gosta dessa casa, mas as facções anti-tecnológicas ficaram mais violentas depois que alguns robôs conseguiram a

cidadania. – Peter parecia preocupado.

Eu sabia que o número de almas coletadas estava aumentando ultimamente. Mas não muito fora dos padrões. Percebendo que a conversa estava ficando incrivelmente chata, decidi ir olhar Oliver uma última vez antes de voltar ao trabalho.

O quarto de Oliver estava sempre escuro, e logo eu já podia ouvir sua voz suave cantarolando uma melodia qualquer para seu robô companheiro, que ainda parecia assustado. Ele era quase tão alto quanto Oliver e tinha a aparência humanoide, exceto por sua cabeça avantajada.

– Sabe que você incomoda Head, não é? – Oliver sussurrou assim que entrei em seu quarto.

– Não é minha culpa se os robôs me enxergam.

Um estranho fato que ninguém sabe explicar é que robôs com inteligência como Head conseguem sentir a presença de seres espirituais. Normalmente eles apenas ficam um pouco mais agitados que o usual ou confundem nossa presença com a de outro humano. Humanos muito sensíveis também nos sentem, e acredito que Oliver tenha esse dom por ser cego. Ele falou comigo antes, em uma de minhas visitas a sua casa.

Não era a primeira vez que alguém me notava. Mas eu nunca havia falado com um humano antes, e para minha própria surpresa, eu respondi a ele. Não havia regra que proibisse os coletores de falar com humanos. É como se proibissem os humanos de latir de volta para um cachorro. Isso simplesmente é ridículo demais de acontecer.

– Ander podia ter feito Head menos medroso – eu disse assim que me aproximei dos dois, vendo o robô tremer ainda mais.

– Meu pai o criou para eu não me sentir sozinho, gosto dele assim.

– E eu não sirvo como companhia?

– Você não está aqui sempre. E quando chega, fica apenas me observando. Não é muito diferente do que Head faz.

– Está me comparando com um robô?

– Você não é como Head. Ele não fala.

Não consegui reprimir um sorriso. Oliver tinha uma língua afiada, mesmo que fosse incrivelmente inocente. Sentei-me ao seu lado, vendo Head pular para o canto da cama e se encolher.

– O que quer que eu faça?

– Fale mais comigo. Conte-me como é o mundo lá fora.

– Por que não sai e descobre por si próprio?

– Sou cego. O mundo não tem a mesma graça pra mim como tem pra quem enxerga.

– Pode ter certeza de que você vê muito mais do que qualquer outro humano que conheço. Peça um olho eletrônico como Peter propôs, então.

– Prefiro que me conte como é. Na minha cabeça o mundo pode ser perfeito, não quero estragar essa visão com algo tolo como imagens.

Me calei para contemplá-lo. Oliver era com certeza o humano mais interessante que eu já vi. Muito mais maduro do que aparentava, sempre estranhei o fato de sua aparência não ter se alterado por todos esses anos que o conheço.

– Então? – Ele estendeu a mão para se certificar de que eu estava mesmo lá, mas sua mão passou por mim como se partisse fumaça. – Por que não me deixa te tocar?

– Adquirir forma física é cansativo – eu disse saindo do seu lado, indo em direção da janela aberta. – E eu ainda preciso trabalhar, te conto histórias quando voltar.

– E quando vai ser? – sua voz me soou pedinte, o que me fez hesitar por um instante.

– Quando eu terminar por hoje. De noite – respondi antes de sair, sem esperar resposta.

Dei uma olhada na minha lista de almas restantes para serem coletadas no dia, percebendo que ela não era extensa. Eu poderia terminar em algumas horas se não enrolasse, como eu normalmente fazia. Sentei-me no alto de um prédio retirando meu coletor do bolso, apontando para baixo e sugando a primeira alma para dentro do frasco.

– Foi ver o garoto novamente? – ouvi a voz já conhecida soar atrás de mim e não me dei o trabalho de virar para encará-lo. –

Sabe o que os outros dizem sobre esse seu hábito.

– Já terminou sua lista de hoje? – perguntei para o vulto branco que logo se pôs ao meu lado.

– Terminei. E você fede a humanos.

– Então não chegue perto.

Kassio começou a rir. Ele ainda era novo e tinha pouco tempo de existência. Talvez por este motivo, fosse curioso e impaciente. Senti sua presença tremular um pouco e logo ele estava sentado ao meu lado, adquirindo uma forma humana comum. Engraçado como os humanos gostam de nos personificar. O setor dos coletores sempre é retratado como seres de capa negra carregando uma foice. Sempre rimos dessa comparação. Não temos uma forma fixa. Os de minha espécie são apenas vultos brancos, pois todas as cores da vida acabam por se tornar uma só, e é isso que representamos.

– Por que sua fascinação por este garoto? – Kassio me perguntou enquanto espiava minha lista.

– Não vê nada de estranho nele?

– Além de ser cego e não ter um olho biônico?

Balancei a cabeça em negativa, decidindo se contaria a ele ou não. Acabei optando por contar apenas uma parte de tudo aquilo.

– Você aprendeu o que forma um ser humano, não é?

– Claro que sim. Corpo, alma e vida. Corpo e vida sozinhos formariam os zumbis, já extintos depois da guerra apocalíptica. Apenas alma e vida compõem os problemáticos fantasmas, assunto do departamento 5.

Ele respondeu automático, como um texto decorado para uma prova oral. O que provavelmente foi o caso.

– Esqueceu um.

– Não esqueci não. Corpo e alma não podem existir se não houver vida para ligá-los.

– Eu também achava isso. Mas Oliver... Esse humano não tem a linha da vida que amarra o corpo com sua alma.

– Impossível – Kassio me olhou com deboche. Provavelmente achava que eu estava pregando uma peça nele.

Mas eu permanecia sério, coletando a terceira alma e colocando o selo de identificação no frasquinho. Era a alma de Peter, que acabara

de morrer em um acidente com sua incrível Ferrari.

Kassio voltou a virar um vulto e sumiu. Eu sabia que ele tinha ido até Oliver verificar o que eu dissera. E não demorou muito para que voltasse atônito, com uma expressão que me fazia rir.

– Impossível – ele repetiu.

– Viu que não é.

– Os superiores sabem?

– Sabem. Mas ignoraram.

– Ignoraram? Mas é só ver ele. Da pra sentir... Falta alguma coisa.

Kassio demorava a dizer cada palavra, parecendo não saber exatamente o que havia sentido em Oliver.

– Tentei puxar sua ficha, mas oficialmente a alma dele não existe. Por isso não aceitaram meu protocolo.

– Se ele não tem ficha... Isso significa que ele é imortal?!

– Não. Na verdade ele é muito mais frágil. Qualquer impacto pode tirar sua alma, porque ela está solta, mas seu corpo não envelhece porque não tem vida.

Kassio voltou a se calar, encarando o último frasco que eu guardava na bolsa. Parecia pensativo, e eu entendia bem como estava se sentindo. Ele não foi o primeiro para quem contei aquilo, mas foi o primeiro a ir verificar com os próprios olhos. Eu mesmo demorei a aceitar o que Oliver era, mas já havia deixado de pensar ou ligar pra isso fazia algum tempo.

– Por que continua vendo o garoto, então?

– Curiosidade. Quero descobrir por que ele é o único.

– Se eu fosse você, manteria distância. Se os superiores ignoraram isso, melhor não interferir.

– Não confio nos superiores. Conhece a minha fama – sorri para ele enquanto o via rodar os olhos e voltei a me tornar um vulto branco. Olhei para cima vendo água cair do céu. Em outros tempos eu gostava de adquirir a forma física na chuva, era uma boa sensação, uma sensação que chamamos de “sentimentos humanos”. Não são comuns, principalmente entre coletores experientes como eu. Mas agora, por causa do veneno e fumaça que despejaram no ar, a chuva se tornara ácida e azeda. Eu tinha saudades de sentir a

água limpa escorrer. E isso apenas se tornava mais um motivo de não gostar dos humanos.

Kassio deu um profundo e sonoro suspiro antes de também voltar à forma original, mas eu ainda conseguia ver seus olhos de cor avermelhada. Ele ainda não era muito bom com as personificações.

– Um bom coletor sempre consegue voltar sem o cheiro de humanos – Kassio disse enquanto se preparava para ir embora. – Acho melhor você se livrar desse odor.

Concordei com um aceno antes de me dissolver também. Eu gostava de Kassio, apesar da mania irritante de novato querendo mostrar serviço, ele era um dos poucos coletores que eu poderia manter uma conversa interessante.

Já era noite e a chuva engrossara. Mas foi só quando um relâmpago brilhou no céu que me lembrei de uma coisa: Oliver tinha medo de trovões.

Cheguei ao quarto dele logo, encontrando-o encolhido na cama, tremendo ao lado de Head.

– Onde está Ander? – perguntei assim que percebi que o homem não estava acalmando o filho como sempre fazia em momentos como aquele.

Oliver se assustou com minha voz. Seus sentidos ficavam confusos quando chovia.

– Ele não está. Parece que aconteceu algo ao Peter.

Mais um relâmpago cortou o céu, fazendo Oliver se encolher e Head ter uma espécie de convulsão. Robôs normalmente não gostam de chuva, pois a eletricidade passa por eles. Mas humanos não tinham motivos.

– Você pode não aparentar, Oliver, mas sei que você tem bem mais de 18 anos. Não é vergonhoso ter medo de trovões?

– Você não entende. Eu não sinto mais as coisas e meu corpo fica estranho. Não é um medo qualquer.

– Isso se chama adrenalina. É só mais uma forma de medo.

– Não zombe. Isso é diferente... – ele se encolheu novamente com um estrondo alto e sua mão se estendeu na minha direção. – Fica aqui comigo, por favor.

Sua voz saiu chorosa e trêmula, tirando minha resistência. Me transfigurei, adquirindo o corpo físico de um humano e segurei sua mão, me aproximando mais e sentando no canto da cama. Mais um clarão partiu o céu, e Oliver me agarrou com força, contornando os braços em volta da minha cintura. Apesar da surpresa pelo toque brusco, resolvi deitar junto a ele para aninhá-lo em meu peito. Meu corpo relativamente alto, forma que eu sempre mantinha por costume, parecia acalmá-lo. E me senti bem quando ele relaxou, embora eu sentisse seu coração continuar batendo forte.

Fiquei um tempo contemplando seu rosto, tentando entender por que eu continuava o visitando mesmo em momentos como aquele.

“Curiosidade”, lembrei-me do que havia dito a Kassio. A verdade é que já deixara de ser curiosidade a um bom tempo. “Quero descobrir por que ele é o único.”

Não consegui deixar de sorrir. Ele era mesmo único de várias formas, principalmente para mim. Oliver era o único que me fazia ter sentimentos humanos, e com certeza era melhor que a chuva. Aproximei mais meu rosto do dele, o vendo abrir os olhos e sentindo sua respiração bater contra minha pele. Seus olhos acinzentados brilharam, mesmo sem vida, eles pareciam me encarar de forma intensa. E em questão de segundos que eu não cheguei a perceber, nossos lábios se tocaram. Era uma sensação estranha, algo mais forte do que eu poderia controlar.

Oliver me segurou com mais força, caso eu tentasse me afastar quando percebesse o que acontecia ali. E eu realmente faria aquilo se eu desse ouvidos à minha consciência, que eu já jogara fora no momento que eu tive vontade de lhe tocar daquela forma. Puxei seu corpo para mais perto, massageando sua cintura para lhe passar segurança, querendo dizer que eu não me afastaria. Mas ele me agarrou ainda mais forte. E apesar de mais um raio cruzar o céu, quem tremeu não foi ele. Me assustei quando senti um arrepio me subir a espinha. Porque aquele sentimento não era algo novo, e eu tinha consciência disso. Eu estava inevitavelmente me apaixonando pelo garoto, e apesar de não ser algo explicitamente proibido, eu sabia que aquilo não era bom.

* * *

Já fazia dois dias que eu não ia visitar Oliver. Dois dias que o trabalho dos coletores havia praticamente dobrado.

Lembro quando criavam livros e filmes sobre uma grande revolução das máquinas sobre os homens. É engraçado que todos previam esse tipo de coisa, mas é comum ao homem se achar onipotente e que a humanidade nunca seria exterminada, não por algo que eles mesmos criaram. O mais estranho de tudo é que não foi uma revolução das máquinas que ocorreu, foi uma revolução humana.

Tudo começou quando um dos andróides que conquistou a cidadania realizou uma chacina. “Ele não conseguiria fazer isso se não fosse uma máquina”, disseram os humanos. Uma séria discussão começou, e as facções anti-tecnológicas ganharam força. Mas os robôs não foram os únicos a serem atacados. Há dois dias, a matança também se espalhou para ricos como Peter, que trocavam seus membros a ponto de realmente serem confundidos com andróides. E uma espécie de guerra civil se iniciou.

Eu observava uma das manifestações sem interesse, apenas esperando o tumulto começar. E quando olhei para o lado, percebi que Kassio vinha em minha direção.

– O que faz aqui? – perguntei quando ele já estava perto o bastante. – Sua designação é em outro lugar.

– Eu estava checando minha lista de hoje, e vi um nome. – Kassio falava apressado, sem sentido. – Achei que deveria saber, quer dizer, a alma daquele garoto não estaria listada.

– Espera. O que está querendo dizer?

– Ander Saix. Não é ele o pai do garoto?

Não precisei de mais que isso para entender o que Kassio queria dizer. Já havia me dissolvido no ar, indo em direção à casa de Oliver o mais rápido que podia.

Ander era famoso afinal, o melhor engenheiro de robótica humanoide do país e criador de um dos modelos que conseguiu cidadania. Eu fui idiota em não ter previsto aquele ataque, tão óbvio.

Quando eu cheguei lá, entrei pela janela como sempre fiz. Foi então que o encontrei, o sangue de Ander ainda fresco escorria de uma grande fenda aberta em sua cabeça. Senti asco. Não pela violência da cena, pois já estava acostumado a ver mutilação pior que aquela. Mas eu conhecia ele, e o via praticamente todos os dias durante esses anos. Ver alguém tão próximo morto não era algo que eu estava acostumado.

A casa já estava destruída, os pertences saqueados. Senti um calafrio seguido de uma espécie de estrangulamento. Medo. Eu sabia que era isso por conhecer os sentimentos humanos em teoria, mas era a primeira vez que aquilo me acontecia. E a sensação daquele sentimento era terrível.

Tomando uma forma física caso fosse necessário usar força, fui até o quarto de Oliver. Eu não estava mentalmente estável, então provavelmente não me parecia com o humano que normalmente me transfigurava.

O quarto de Oliver estava igualmente destruído. E bem no canto dele, em meio a uma poça de líquido azul escuro, o corpo de um garoto de aparentes 15 anos se encontrava misturado a fios e aço. Por um momento, eu realmente cheguei a pensar que por Oliver ainda aparentar ser uma criança cega, poupariam sua vida. Mas a esperança é um sentimento traiçoeiro.

O choque me causava uma estranha fraqueza e acabei caindo de joelhos em frente ao corpo. Tudo passou a fazer sentido com aquela cena: sua alma não listada e a falta da vida; o não envelhecimento do seu corpo; Ander não ter dado um olho eletrônico a ele; seu medo de trovões; o fato dele poder me sentir.

Oliver era uma das criações de Ander.

Senti algo dentro de mim doer e gritei. Gritei o bastante para ser ouvido como um trovão. Gritei até perder minha energia e não conseguir mais manter minha forma física. Gritei até fazer a dor passar. Mas a dor não passou. E eu não conseguia mais gritar.

Aquelas verdades me abateram como um soco no estômago. Oliver era um robô. E eu o amava.

* * *

Um ano havia se passado desde a grande revolução tecnológica. Muita coisa havia mudado, não somente no mundo dos humanos, como no espiritual também. Aquele grande surto de almas causou um excesso de trabalho para os coletores. Muitas almas acabaram se perdendo no caminho por falha de encaminhamento de pessoal, conseqüentemente criando mais fantasmas e dobrando o problema do setor 5. A cobrança agora era maior.

Já no mundo humano, a revolução foi se acalmando quando o partido purista entrou no poder e apoiou as facções anti-tecnológicas. A tecnologia continuava avançando, mas a inteligência artificial foi totalmente proibida e todos os robôs foram eliminados. Todos, exceto um.

– Hey, não vai trabalhar não? – Kassio passou por mim apressado, trabalhando mais do que deveria, como sempre.

– As coisas estão tranquilas hoje. Já coletei a maior parte. – balancei minha sacola em sua frente, mostrando metade dos frascos já cheios e etiquetados. Ele fez uma careta.

– Achei que você ficaria arrasado depois da morte daquele garoto. Mas você me parece ainda mais eficiente.

Kassio tinha a péssima mania de me lembrar constantemente da morte de Oliver. Provavelmente o lado sarcástico dele sempre fora mais forte, embora eu nunca tenha me mostrado realmente abalado ou até mesmo triste depois daquele fatídico dia.

– Você me conhece, sabe que não sou sentimental.

– Eu sei – Kassio deu um sorriso triste, como se não gostasse do que eu afirmara. Ele deu uma volta e logo pulou para outro prédio, o que fez com que precisasse gritar para que eu o ouvisse. – Aliás, não vá perder nenhuma alma, viu? O Gunter quase foi rebaixado de cargo ontem.

Afirmei com um aceno em resposta e dei mais uma olhada na minha lista de coleta, feliz por já estar acabando. Olhei para o lado quando ouvi o som de pés se arrastando e vi um pequeno robô humanoide cabeçudo sair de trás da caixa d'água, na qual ele estava escondido. Vindo até mim e abraçando minha cintura.

– Não vai contar ao Kassio? – ele sussurrou em meu ouvido.

– Não.

– Achei que ele era seu amigo.

– Ele é. Mas não confio tanto assim a ponto de te pôr em risco.

O robô veio para a minha frente e sorriu. Nesses momentos eu agradecia por Ander ter feito Head com expressões tão reais.

– Sou tão importante pra você assim? – ele perguntou enquanto se aproximava.

Não respondi, mas ele sabia a resposta. Ele soube naquele dia há um ano. Quando seu corpo foi destruído e sua alma saiu, procurando abrigo no objeto que mais se assemelhava com o anterior. E que naquele momento era o robô Head.

Eu o encontrei encolhido em meio aos escombros da casa, inconsciente. E quando seus olhos se abriram com a mesma luz acinzentada de antes, eu o reconheci. Uma alma que não tinha registro, que era eterna se eu o mantivesse seguro. Solitário, longe de outros coletores e de qualquer humano.

– Nunca vai me apresentar a ele e a nenhum de seus amigos, não é? – Ele disse chegando ainda mais perto, encostando nossas testas.

– Não – respondi simplesmente.

Oliver parecia querer me testar. Eu conseguia perceber que ele queria me fazer admitir o que eu sentia, como se precisasse disso para não hesitar na decisão que havia tomado. Por que ele aceitou continuar comigo eternamente, concordando naquele mesmo dia em que renasceu.

– Se arrepende? – perguntei depois de um tempo.

Ele continuou me olhando com aqueles olhos sem expressão, e por um momento eu quase tive medo novamente. Por que eu sabia que ele ainda sentia falta de Ander, de Head e até mesmo de Peter.

– Nunca. – Oliver respondeu antes de sorrir e me puxar pela nuca. Seus lábios gélidos tocando os meus em um acordo silencioso.

Era um voto secreto e proibido. Aquela prisão que eu o mantinha era diferente da que Ander impunha, embora nossos motivos fossem de certa forma, parecidos. Mas meu egoísmo o fazia viver preso a mim daquela forma. Por que ele era meu sentimento humano, era aquilo que todos almejavam e buscavam.

Oliver era a minha felicidade. E eu não aguentaria perdê-lo novamente.

Além da Fábrica

Rubem Cabral

Dizem que houve um tempo em que a Fábrica não existiu. Certamente isso ocorreu há tanto que não existem mais registros fósseis confiáveis, fora as lendas que muito discretamente passaram de boca em boca, modificadas um tantinho em cada relato impreciso. No entanto, diriam os mais sensatos que ela sempre existiu; que contribuiu ao fornecer os pilares, os tijolos e demais componentes para erguer as extintas montanhas, para sustentar os continentes sobre o magma e reter os oceanos em seu devido lugar. Talvez não se fale do tempo de antes da Fábrica porque, afinal, os primeiros relógios foram em verdade feitos lá, ou talvez mesmo o próprio tempo.

O Empregado TOM-43878 não tinha nada de especial; possuía o típico DNA mestiço em perfeito equilíbrio, o que em seu caso resultara em olhos oblíquos de pupilas douradas, cabelos pretos e porte médio e esguio. Vivia nos microalojamentos a menos de um quilômetro do seu posto de trabalho, frequentava a cantina e os cafés comunais, descansava aos domingos, reciclava o lixo e, religiosamente, trabalhava doze horas diárias na fundição de hastes de ferro-gusa de 0,7 polegadas.

Vinte e nove anos antes TOM fora gestado na *automater* do macro setor, crescera e fora educado ali mesmo, naquelas exatas imediações. Brincara com outras crianças nas supercreches e fizera inúmeras excursões escolares por aqueles corredores infinitos e

cinzentos, iluminados por frias e trêmulas lâmpadas fluorescentes, tão distantes quanto estrelas.

Curiosidade nunca fora o forte daquele indivíduo; vivia uma espécie de existência conformada, de pensamentos formatados. Jamais deixara seu subsetor e não tinha intenção de fazê-lo, mesmo nas curtas férias anuais de uma semana. Diariamente conduzia carregamentos de minério até a esteira rolante da siderúrgica, avaliava o grau de impurezas, corrigia com os aditivos necessários, observava a temperatura correta do forno industrial e cumpria sua cota prevista na última avaliação trianual. Estava plenamente satisfeito e confortável com sua rotina.

Faltavam pouco mais de trinta minutos para as oito da noite e ele se preparava para encerrar suas atividades quando MMU-5321 ligou com certa urgência na voz.

— Alô? TOM? Meu chapa, escorreguei no banho ainda há pouco e torci a perna, acho que rompi algum ligamento; tô com o joelho todo inchado. Já chamei os MEDs e liguei pro chefe do turno, mas um substituto só chegará dentro de uma hora mais ou menos. Ele pediu que você esperasse além de seu horário, para não deixar o seu posto vazio. A produção nunca pode...

— Parar. Droga! Mas o que fazer, não é mesmo? Vou perder o começo da novela, mas tudo bem... Então, melhoras pra você, meu velho.

— Que a Fábrica te abençoe. Que tuas cotas sejam sempre cumpridas e tuas avaliações sempre positivas, meu rapaz.

— Amém. Tchau!

Uma hora extra numa terça-feira enfadonha não seria tão ruim. Se o incidente perturbou TOM, ele certamente não demonstrou. Continuou o trabalho tranquilo, assoviando enquanto eliminava o excesso de enxofre de um carregamento e observando através das câmeras o fluxo contínuo de hastes em brasa que era cuspidos dos fornos ininterruptamente.

— Oi, boa noite. Sou KAL-100032, vim substituir o Funcionário que se machucou.

O rapaz o pegou de surpresa. Jovens não costumavam trabalhar naquele subsetor. E que número de lote ridículo era aquele em seu

nome? Devia ser muito novo! TOM observou o substituto discretamente. O macacão de brim verde que ele vestia era novo e cheirava bem, não se assemelhava em nada ao seu, cheio de manchas, áspero e ardido de suor. O rosto animado do moço, a rara cor de chocolate de sua pele, seu físico esguio e os cabelos cacheados sob o capacete formavam um todo muito harmonioso.

— Noite – ele respondeu e ofereceu a mão para um aperto. — Sou TOM-43878. KAL, você já operou antes uma *SidMelt 3000* feito a que temos aqui? Vai precisar de alguma ajuda ou instruções?

— Tá tranquilo, eu já operei uma velha série 2500 e até a nova 3500a, a que regula os aditivos automaticamente. Não deve ser difícil. Pode deixar que eu dou conta.

TOM sentiu-se um pouco ofendido: ninguém tão jovem poderia ter adquirido tanta experiência, tampouco achar sua ocupação fácil. Mas a simpatia e sorriso do rapaz o ganharam.

— Você tem um sotaque engraçado. É daqui do subsetor mesmo?

— Não. Nasci no 50003, macrosetor 50, população 210.000. A gente fala outra língua por lá. Fica a três semanas de viagem de turbotrem. Pedi transferência no ano passado e tô aqui na reserva do 34 faz pouco mais de três meses.

— Nunca ouvi falar deste subsetor. Que língua vocês falam?

— *Sisi kusema swahili. Lugha nzuri zaidi* – ele falou como se cantasse.

— O quê?

— Falamos suaíli; a língua mais bonita...

— Que coisa! Sempre me espanto com o tamanho da Fábrica. Bem, só pra prevenir, anota meu telefone pra qualquer emergência. A produção...

— Nunca pode parar, eu sei. Obrigado! E, hã, TOM, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— No próximo domingo, você tem algum compromisso? Desculpe a ousadia – ele coçou a cabeça, meio sem graça. — É que ainda não conheço quase ninguém e gostaria de fazer amigos.

TOM ficou levemente vermelho ao lembrar seus domingos monótonos, de tevê reprisando novelas com personagens digitais,

de comer ração diretamente das embalagens e de dormir quase o dia inteiro. Não precisou pensar para responder, de forma quase solene.

— Ficarei mais que contente em encontrar com você no domingo e lhe apresentar tudo por aqui. *Queafabteab!*

— Que Ela te abençoe também.

* * *

Durante o resto da semana encontraram-se brevemente nas trocas de turno. Às vezes KAL chegava alguns minutos mais cedo apenas para conversarem antes de começar seu expediente, o que não era procedimento em absoluto comum. TOM já não se importava com sua novela; o rapazinho era certamente muito mais interessante, engraçado e agradável. No sábado, o moço trouxe algo diferente consigo.

— O que é isso? – perguntou o homem, ao ver uma fatia de algo amarelo e fofo, embrulhada em papel.

— Um bolo. Eu economizei um pouco da ração dois, da sete e da vinte e cinco, misturei tudo e assei ontem à noite. Usei um capacete de aço bem limpo como forma...

— E por quê? Por que você fez e por que me trouxe isso?

— Meu aniversário – ele respondeu.

Diante da expressão interrogativa do colega, ele explicou:

— Segundo o meu registro eu nasci há dezenove anos, neste exato dia do mês. Pensei que seria uma forma original de celebrar.

— Costume curioso celebrar a data do nascimento... Você não deveria criar alimentos a partir das rações. A Fábrica tudo provê.

— Mas não há regras contra criar algo com o que a Fábrica nos deu, não? Pecado seria desperdiçar. Trouxe o bolo para compartilhar com meu único amigo a minha alegria.

O rosto de TOM iluminou-se com o súbito entendimento, por ter sido chamado de “amigo” em tão pouco tempo e com o gesto gentil do colega. Seu semblante ficou ainda mais alegre ao provar do presente.

— Está delicioso – falou, com toda sinceridade.

* * *

O domingo chegou e TOM acordou excepcionalmente disposto. Fez a barba, banhou-se e vestiu suas roupas menos antigas. Lembrou-se então de um sonho estranho que tivera e, num impulso incomum, desenhou algo no verso de uma embalagem, recortou e levou consigo ao sair.

Às dez da manhã, como haviam combinado, encontrou KAL sentado num banco do Centro de Lazer Central Quatro. O garoto vestia uma camiseta branca justa que destacava o abdômen definido e o tórax bem modelado. Usava calças de brim personalizadas artesanalmente com mosaicos de rebites metálicos, seus cabelos cacheados estavam trançados. Ao redor, a praça acinzentada e asséptica tinha algumas esculturas abstratas de concreto e um chafariz. Música sintética tocava suave e melancolicamente através do sistema de som.

— Bom dia! – TOM disse.

— Bom dia. Está diferente hoje... – KAL comentou, girando a cabeça e sorrindo um sorriso muito branco.

— Senti vontade de fazer algo e penteei o cabelo de outro jeito depois do banho. Fiquei engraçado, eu acho. Olha, trouxe uma coisa pra você, mas não repare... Não é nada tão incrível como o bolo que você fez.

— E o que é?

TOM mostrou um desenho colorido feito em papelão e recortado a faca depois. Assemelhava-se a um tubo verde e fino que era encimado por uma espécie de coroa vermelha meio irregular. Projeções largas e delgadas, igualmente verdes, com um padrão nervurado, brotavam de alguns pontos da haste principal.

— Tive um sonho e nele havia um lugar extenso e plano feito uma esteira transportadora, coberto de coisas assim. O teto da Fábrica era azul... Era tão bonito e surreal, mas não sei o que era isso, exatamente...

— Uma flor – ele disse. — Se parece com uma flor.

— Flor?

— Eu vi uma vez num livro na biblioteca do meu subsetor. Porém quando fui à biblioteca outra vez o livro não estava mais lá. A funcionária me disse que aquele volume fora por engano colocado à disposição do público geral, mas destinava-se somente à Supervisão. Flores eram órgãos sexuais de coisas chamadas plantas. Seres vivos que cresciam na terra, uma espécie de substrato macio, feito minerais triturados e úmidos.

— Seres vivos que não são pessoas? Que fantasia infantil! Felizmente as bibliotecas daqui do subsetor só têm livros técnicos e romances sintéticos.

— Eu sei. Já fui numa delas. TOM, você...

Ele hesitou por alguns segundos.

— O quê?

— Você nunca se perguntou o que há fora da Fábrica? Ou o que está por trás Dela? Quem são nossos Supervisores Gerais?

— Além da Fábrica? Ah, que bobagem! A Fábrica é tudo; sempre existiu, sempre existirá. Não há nada por trás Dela, ora. A Fábrica simplesmente é.

— Pô, mas que falta de criatividade... Você tá recitando o catecismo sem nem sequer pensar. Nunca imaginou que ela poderia ser até criação nossa? Talvez... Talvez além de todos os corredores, quem sabe, exista alguma parede que seja a última, onde uma porta ou janela permita ver o "lado de fora", um lugar com flores e outras coisas que nem podemos imaginar.

O pensamento de algo assim causou quase que uma tontura instantânea em TOM. Ele balançou a cabeça, meio confuso.

— *Queafabteab!* – Ele benzeu-se fazendo o sinal dum retângulo com os dedos. — KAL, cuidado com suas palavras, com estas ideias esquisitas. Eu já gosto de você, mas isso que você diz cheira a heresia. Lembre-se sempre de JUD-0666, "O Grevista". Ele tinha ideias heréticas assim e lembre-se como ele acabou. Vamos mudar de assunto, que tal? Me conta sobre a sua terra, sobre o subsetor, hã...

— 50003 – ele respondeu meio desapontado.

— Então?

— Bem, em meu subsetor produzimos principalmente minérios. Só aprendi o ofício de siderurgia através do estudo de manuais, antes de conseguir ser transferido.

— Minérios? Que interessante!

— Introduzimos hastes de ferro-gusa de uma, 0,7 e meia polegada numa máquina que aleatoriamente acrescenta enxofre e outros contaminantes e produzimos então o minério, através de um processo de siderurgia reversa. Você percebe?

— Não estou muito certo se entendi.

KAL abaixou o tom da voz e comentou quase cochichando:

— Provavelmente ninguém usa as hastes que este subsetor produz; nós as reciclamos para produzir os minérios outra vez, para vocês então fazerem mais hastes, num ciclo infinito.

TOM exibiu uma expressão atordoada, logo a substituindo, no entanto, por uma nova máscara de otimismo.

— Não, não pode ser. Ah, não faz sentido. Em algum lugar devem construir novos prédios, novos alojamentos, escolas e cantinas, usando os nossos produtos de qualidade. Sabe, nós temos muito orgulho do que produzimos, do padrão altíssimo que conseguimos alcançar. Nos últimos três anos nosso desvio de padrão ficou abaixo de 1%, você sabia? Somos o terceiro subsetor mais eficiente de toda Fábrica! Tenho até uma medalha de mérito.

— O pior cego é aquele que não quer ver. Bem, você é um homem simples, talvez seja melhor não encher sua cabeça com meus devaneios. Me conta então: qual é a sua novela digital preferida? “O corte da chapa”, “A nova cota” ou “O improdutivo”? – Na verdade KAL não parecia em absoluto interessado no enredo das novelas.

* * *

Duas outras semanas se seguiram e a amizade entre os dois somente cresceu, em bate-papos diários, através das brincadeiras e piadas do rapaz. Envergonhado, TOM acordou certa vez excitado ao ter sonhado com KAL, banhando-se no vestiário, exibindo o corpo torneado e liso sob uma vaporosa torrente de água e sabão.

Não existiam impedimentos legais ou morais para relações de qualquer tipo, mas TOM era simplesmente tímido demais e nunca tivera qualquer contato íntimo com alguém do mesmo sexo. Talvez o amor ficasse para sempre platônico se não fosse certo domingo em que, como de costume, os dois se encontraram na praça.

— TOM, nós podemos ir ao seu apartamento? Eu tenho algo muito importante para lhe mostrar – disse o moço à queima-roupa.

— Mas... Eu não sabia que teria visitas, está tudo uma bagunça e... – TOM começou a gaguejar.

— Eu juro que não reparo, vamos?

TOM sentiu o coração disparar, uma moleza nas pernas e um calor no rosto que não era normal. KAL quase riu ao perceber a vermelhidão nas orelhas do amigo.

Com efeito, o apartamento estava abarrotado de embalagens vazias de alimentos, desenhos e papéis rabiscados, roupas emboladas. Por quase quinze minutos os dois apenas juntaram todo o lixo acumulado e dispuseram sacos cheios na estação coletora da esquina.

Quando voltaram, suados pelo esforço, KAL etirou a camisa para se refrescar.

Seu tórax liso, porém definido, apoiava-se magnífico sobre um abdome que nunca sequer tomara conhecimento de tecido adiposo na vida, com um vão profundo vertical e músculos como nós ou degraus, que só permitiam que as costelas aparecessem quando o moço inspirava.

Apesar do suor, sua pele emanava uma fragrância de especiarias. KAL se espreguiçou e TOM notou suas axilas depiladas.

Seus olhos se encontraram sem querer no aperto do cômodo minúsculo. TOM esqueceu sua timidez, aproximou-se – sentiu calor, como se aproximasse do forno da siderúrgica – e beijou o rapaz apaixonadamente.

Nunca um beijo foi tão doce, nunca um abraço foi tão apertado... Lágrimas emocionadas chegaram a molhar o canto dos olhos de TOM, mas ele não quis dar espaço a nenhum pensamento triste.

Aquela tarde passou tão rápido quanto um sonho bom, os dois nus e enrolados na estreita cama de solteiro. A noite chegou e KAL

levantou-se, apressado. Vestindo-se rapidamente, admirou a capa de um livro que trouxera na bolsa.

Beijou os cabelos de TOM e cochichou em seu ouvido:

— Comprei um livro no mercado negro. É um presente, amanhã eu te entrego. Há flores e muito mais... Muito mais!

* * *

Na segunda-feira, próximo de terminar o expediente, TOM já aguardava ansioso a chegada do rapaz. Surpreendeu-se, porém, com a chegada de outro Empregado desconhecido.

— Boa noite! Sou VOX-45681. Serei o substituto de MMU-5321 até o fim do mês.

— E KAL? KAL-100032? Onde ele está?

— TOM-43878, não é isso? Isso é assunto que você deve conversar com seu supervisor. Não sei de KAL algum. Eu...

Legitimamente preocupado, TOM largou o homem falando sozinho e correu até um console de consultas eletrônico, a meio caminho de sua casa. Pesquisou no diretório geral de Empregados: "KAL-100032". A ficha surgiu na tela, coberta por uma faixa negra onde se podia ler em caracteres vermelhos: "Demitido".

* * *

Tentou descobrir a localização do alojamento do moço, em vão. Não conseguiu pregar o olho naquela noite. Ligou para KAL tantas vezes que julgou ter perdido o juízo. Pela manhã, sem querer pensar nas consequências, juntou alguns sacos de ração e algumas roupas numa mochila e partiu.

Não comparecer a seu posto de trabalho sem aviso ou justificativas, arriscando uma parada da produção, era um ato imperdoável, que certamente lhe custaria um rebaixamento de cargo ou até prisão se fosse reincidente. Sem se importar, explorou corredores que ele não sabia ao certo onde levavam e, pela primeira vez desde que nascera, deixou o subsetor 34.

* * *

Com o passar dos meses e depois dos anos, aprendeu a improvisar, a evitar as patrulhas ineficientes por raramente precisarem lidar com fugitivos ou criminosos, a conseguir alimento em cantinas usando crachás forjados, a tomar banho e dormir em centros comunitários fingindo ser um Temporário ou Aprendiz.

Uma foto sua aparecia nos boletins policiais e jornais, mas ele ficara muito diferente ao raspar a cabeça e deixar a barba crescer.

Em sua busca conheceu exóticos subsetores onde o ar era purificado, o esgoto era beneficiado em água limpa e em blocos de proteína enriquecidos com vitaminas, que os locais encaravam como procedimento absolutamente normal, assim como o processamento dos mortos que chegavam congelados em carregamentos regulares. Complicadas peças de concreto eram produzidas em alguns subsetores e eram pulverizadas e transformadas em brita, calcário e argila em outros. “O ciclo infinito” – observou.

Algumas vezes passou fome ou teve que fugir rapidamente após já ter se acostumado a alguma nova cultura, língua ou dialeto. Mais tarde arrependeu-se por sua fuga, por sua amizade ou amor por alguém que conhecera tão brevemente, que talvez já estivesse reciclado e distribuído em mil porções de ração que ele mesmo comera. Mas, às vezes, sem ter motivo racional para tal, pensava que KAL poderia estar vivo, esperando-o em algum lugar onde ele lhe contaria mais verdades.

TOM seguiu fugindo, porque simplesmente não enxergava um jeito mais fácil de ter sua vida e rotina antigas de volta. Ou porque em sua mente alguma maldita e nunca satisfeita dúvida crescera naqueles últimos anos feito câncer.

Às vezes sonhava com KAL. O garoto tinha contas engraçadas no cabelo trançado, trajava uma tanga estampada de amarelo e negro, dançava sobre um piso que não era asfalto, borracha ou concreto, recoberto por um tapete ondulante daquelas *flores*, e lhe perguntava: “Como você pôde sonhar com flores se você jamais viu uma? O que será que escondem de nós?”.

Certo dia, ignorando a sinalização, seguiu por um corredor ao norte, que descobriu estar bloqueado depois de alguns quilômetros à frente. Ao invés de retornar, escalou o monte de placas retorcidas

empilhadas que faziam o papel de barricada, arriscando-se a um ferimento sério nas bordas afiadas. Por uma semana explorou o que ele então batizou de Subsetor Zero; um lugar abandonado e fantasmagórico, vazio de gente e cheio de estranhíssimas e gigantescas máquinas cujas funções lhe escapavam por completo.

Com suas rações de alimento e água já no fim, pensou ter visto algo piscar tenuemente numa área muito escura na direção leste. Chegou a avaliar que provavelmente estaria vendo coisas por ter restringido demais sua dieta ou devido ao extremo estresse físico e mental. Contudo, algo em sua mente martelava, demandava respostas, e isso o forçou a investigar.

Irritado, quase fora de si, arrancou uma perna de metal de uma cadeira arruinada e saiu batendo no chão e nas paredes, logrando quebrar algumas janelas ricamente decoradas com vitrais. O eco grave do metal contra o piso soava bastante diferente do ruído agudo daquelas paredes metálicas muito mais finas. Continuou como um louco até o fim daquele corredor. Ao bater na parede que fechava seu caminho escutou um som de sino; profundo e poderoso. Um som que nenhuma outra parede fizera.

Seu coração de pronto encheu-se de esperanças e espancou o peito com força. Devido à escuridão, TOM precisou tatear a imensa parede recoberta por fuligem negra, tentando perceber alguma irregularidade na superfície com seus dedos. Abriu um sorriso ao ser ofuscado pela luz branca de um painel de cristal líquido, que ele involuntariamente limpou com a mão.

— Uma antiga trava de segurança – reconheceu. — Nossa, parece ainda mais antiga que as velhas *Lock 2000*!

Recordou que os modelos antigos de travas compartilhavam um defeito já corrigido desde o obsoleto modelo 2800: às vezes um curto-circuito poderia ser interpretado como entrada de senha válida.

TOM sacou um canivete emborrachado do bolso, desparafusou o painel frontal e expôs alguns cabos sanfonados coloridos. Sob a luz precária, não era fácil determinar a cor de cada um; tinha de cortar o circuito de alarme antes e depois causar um curto no cabo de alimentação principal. Inspirou, sentiu gotas gordas de suor na testa

e as mãos escorregadias, fechou os olhos e desativou o alarme primeiro. A seguir, cortou o que parecia ser a alimentação principal, descascou alguns fios e com todo cuidado os colocou em contato, provocando um jorro impressionante de faíscas branco-azuladas. “Senha aceita” aparecia na barra de mensagens da tela.

Luzes vermelhas brilharam em vários pontos do teto e das paredes e uma sirene tocou.

— Maldição! Não devo ter desativado o alarme corretamente!

Preparava-se para fugir quando notou um portão que esteve embutido na parede, projetando-se para fora, estalando e abrindo. Devia ter talvez dez metros de altura e pesar centenas de toneladas. Nunca vira em sua vida tamanha espessura de metal.

Lá dentro, um único corredor iluminado por luzes frias, que terminava numa porta simples cem metros adiante. Avisos luminosos piscavam nas paredes: “Confidencial”, “Acesso Restrito”, “Exclusivamente para Supervisores Gerais Autorizados”.

Repentinamente, um estrondo de explosão ecoou desde a direção da barricada que ele havia escalado para entrar no Subsetor Zero. Se quisesse ter alguma chance de escapar, tinha que sair naquele momento exato.

No entanto, como em transe, caminhou pelo corredor, ignorando o som de passos e gritos de soldados, ainda que certamente distantes. Levou a mão trêmula à maçaneta redonda – ficou surpreso ao notar que ela não estava travada -, girou, fechou os olhos e abriu a porta.

Sentiu uma lufada de ar frio, como se o piso movesse sozinho sob seus pés, por uns três minutos. Não teve coragem de olhar antes que parasse.

Olhava para baixo quando entreabriu os olhos. Havia um segmento estreito de piso escuro, cercado por corrimões dourados até a altura do peito, feito uma prancha longuíssima sobre um abismo brilhante. Arrastou os pés, como se pesassem toneladas, até o extremo da prancha, apoiou-se contra o corrimão, ergueu a cabeça e... Viu.

Nada.

Um infinito branco feito leite por todos os lados; para cima, para baixo, para todo sempre. Ao olhar de volta para dentro só se via a

Fábrica, cinza-metálica, colossal, tão inconcebivelmente alta, tão extensa que era impossível ter noção exata de seu tamanho, que tomava todo o horizonte, boiando na nulidade, naquele vasto oceano de não-realidade.

Permaneceu de pé ali, por minutos que lhe pareceram séculos, com lágrimas descendo abundantes, primeiro tentando entender, depois desistindo e aceitando aos poucos o dogma.

Quando os guardas finalmente o prenderam, TOM-43878 tinha um sorriso calmo no rosto, feito um santo ou alguém que tocara o divino e experimentara a revelação. Recuperara sua fé; esteve certo no início e se perdera ao desconfiar, ao aceitar racionalizar a crença por seu amor a KAL, mas isso era passado.

Era a mais pura, a mais absoluta e divina verdade: a Fábrica era realmente tudo e agora sua alma estava salva.

A última vez

Melissa de Sá

Em tempos como aquele, andar sozinho pela Floresta Sem Caminhos era algo perigoso.

Mas não havia nada que Lorremin pudesse fazer. Era um fugitivo agora. Não estava na posição de escolher coisa alguma.

Tentava não chamar a atenção, mas era difícil com a túnica vermelha típica do Templo. O brasão ele jogou fora assim que viu um curso de água, mas a túnica era mais complicado. Não podia se livrar dela ou passaria frio à noite. O jeito foi passar barro na coisa toda numa tentativa inútil de torná-la marrom, mas mesmo assim, carmim era cor facilmente associada ao Templo de Kian. Sua única saída era pedir aos deuses que não fosse visto.

Estava velho, ah como estava. Não tinha mais seus vinte anos e mesmo se tivesse, nunca fora do tipo vigoroso. Seu irmão Lorramet sabia manejar bem uma espada e segurar um escudo. Tinha força e aquela inteligência militar típica. Já Lorremin sempre fora inclinado a outro tipo de astúcia. Gostava de fórmulas, poções, tabelas e cartas estelares. Não foi à toa que se tornara um estudioso do Templo. Seu irmão sempre dissera que era o trabalho perfeito para ele, ficar perdido em meio a pergaminhos enquanto o mundo lá fora entrava em batalha. Mas agora Lorramet estava morto e Lorremin estava na floresta. Meio mundo estava em batalha e nem os deuses pareciam saber onde estava o futuro.

Ele não tinha para onde ir, essa era a triste verdade. Uma vida no Templo lhe garantiria uma trajetória sem muitos amigos. Já não tinha mais família. O que sobrara fora uma cunhada. Sabia que ela morava do outro lado da Floresta Sem Caminhos, na Encruzilhada de Bram, mas ela tinha sua própria dor para cuidar e um filho pequeno. Além disso, Lorremin sempre achara que faltava algum tipo de sanidade àquela mulher. Nas poucas vezes que a vira, ela sustentava aquele brilho fanático nos olhos, como se estivesse sendo sempre perseguida. Não, não seria bem-vindo lá.

Então só havia uma alternativa em sua fuga e depois de três dias de caminhada intensa comendo apenas o que encontrava no mato, chegou à soleira de uma cabana velha que ficava próxima a uma vila. Era um lugar perto o suficiente para dar menos de uma hora de caminhada até o povoado, mas longe o bastante para não receber hóspedes indesejados do vilarejo. Típico.

Bateu à porta e esperou, puxando a túnica mais para perto de si.

Quando a madeira pesada se abriu, tudo que Lorremin conseguiu pensar foi em como ele estava velho.

“E assim se vai Malerk, tão velho quanto eu”.

* * *

O terceiro ano era o ano decisivo para qualquer jovem aprendiz no Templo de Kian e Lorremin tinha toda consciência do fato. Era o ano em que os mestres separavam aqueles que tinham potencial – e os incitavam para os círculos mais específicos de aprendizado – dos que não tinham jeito algum – aqueles que seriam mandados de volta para casa com um pedaço de papel dizendo que poderiam ser curandeiros ou mestres-de-obra em alguma aldeia no fim do mundo. Mas era também o ano quem que os Excelciors eram detectados. Aqueles que tinham verdadeiro talento e seriam iniciados no Templo.

Normalmente, a cada turma de aprendizes, havia apenas um ou dois Excelciors. Para ser um, era necessário ter a aprovação de todos os mestres. Era necessário ser mais que excelente em todos os ciclos de aprendizado. Todas as noites, Lorremin analisava os

colegas de turma e chegava sempre à mesma obsessiva conclusão: só havia mais dois que poderiam ser seus rivais para tal posição.

A primeira era Brucei.

O primeiro membro da realeza a entrar no Templo de Kian. Lorremin lembrava-se do dia em que ela chegara, a Princesa Brucei, com seus cabelos loiros compridos e seu rosto sempre petrificado numa expressão neutra de curiosidade. De início, pensara que era hipervalorização dos mestres, afinal, era uma *princesa* tendo aulas no Templo, um sinal de que, graças aos deuses, a monarquia estava mudando, mas Brucei era mesmo boa. A cada lição, a cada aula, Lorremin tinha a impressão de que ela realmente iria descobrir como transformar chumbo em ouro. Talvez os boatos de que ela desse conselhos políticos ao pai não fossem apenas boatos.

Depois vinha Malerk.

Displicente, quase que descompromissado, Malerk tinha aquela coisa rara: talento nato. Diferentemente de Lorremin, que passava noites inteiras acordado decorando fórmulas e treinando poções, Malerk mal prestava atenção nas aulas. Mas mesmo assim, ao final de cada tarefa, lá vinha ele, com o exemplar mais perfeito, o cálculo mais rápido. Ele aprendia sem esforço. Não tinha nome de família, Malerk. Na verdade, Lorremin achava que nem família ele tinha.

Ao contrário da maioria dos alunos, aprendera o básico da alquimia e das poções com um curandeiro ambulante. Depois de alguns anos, diziam que o próprio Malerk tratou um mal do pulmão do curandeiro que então recomendou que ele viesse para o Templo. Os mestres não viam com bons olhos as artes da cura – coisa de gente mundana, perto demais da doença – mas não conseguiram negar uma vaga de estudo quando Malerk preparou um unguento só com folhas de salgueiro e água – ou assim corria a história. E acabou provando-se merecedor da fama também em outras matérias. Em astronomia, era sempre o primeiro a terminar as cartas estelares e em alquimia, fazia os cálculos de elementos sem anotar nada. Seria fácil para Lorremin se odiasse Malerk, mas não era assim.

Gostava de Malerk e de seu jeito sério, de sua pele morena e seca, típica de quem morara na rua. Além do mais, ele era

inteligente e rendia boas conversas. Brucei também rendia boas conversas, mas ela era realeza demais. Malerk tinha um jeito torto de sorrir, um jeito de olhar de soslaio que se assentava mais com o mundo de Lorremin. Ele o fazia lembrar-se de quando ia visitar o mercado com o pai e via aquele monte de gente falando em língua estrangeira que não entendia.

Com Malerk era assim, Lorremin estava sempre um passo atrás de entendê-lo. Maravilhado e confuso.

* * *

– Então isso significa que o Templo foi finalmente tomado? – perguntou Malerk assim que colocou Lorremin para dentro.

– Sim – respondeu o outro de voz fraca enquanto sentava-se numa cadeira – Era uma questão de tempo, mas mesmo assim...

– Esses são tempos definitivos – disse Malerk, olhando para o chão de forma concentrada.

– Alguns ficaram, outros foram mortos. Eu tive que ir embora. Não podia aceitar o que fizeram, eu jamais poderia viver...

– Uma coisa que você sempre teve foi integridade, Lorremin. Isso não podemos negar. Eu imaginei que você jamais ficaria. Não com esse tipo de invasão.

Por um leve instante, Lorremin sorriu, mas o sorriso desvaneceu.

– Sou um covarde, Malerk. Eu fugi.

Um silêncio estranho tomou conta do casebre. Desconfortável, Lorremin mexeu-se na cadeira, procurando algo para dizer. Mas não conseguiu frear o inevitável:

– Eu não tive outra escolha. Se ficasse lá, eles teriam me matado... Eles não têm coração aqueles soldados, além do mais...

– Lorremin, você sempre falou demais – interrompeu Malerk num sorriso. – Não é a toa que os mestres sempre deduziam alguns pontos das suas avaliações de retórica.

– Eu? – sentiu-se inundado de ar quente. – Pelo menos eu dizia alguma coisa. Pior era você que falava pouco mais que um minuto.

– É verdade! – e Malerk riu mais ainda. Aquela risada torta e rouca. Agora, já um pouco velha.

– Mas eu me lembro que você desmontava os argumentos dos professores. Eles diziam que retórica era uma arte de ser prolixo, mas você vinha com vários contra-argumentos precisos e rápidos. Eles nunca tiveram a coragem de te reprovar!

– Aqueles velhos... achavam-se muito espertos. Mas venha – a voz de Malerk ainda era uma mistura de maciez e desatenção –, aconchegue-se mais. Vou atizar o fogo e preparar algo quente. O lugar é simples, mas você poderá se virar bem. Amanhã podemos ir ao vilarejo trocar alguma erva por uma galinha. Você deve estar morrendo de fome.

Lorremin fez que sim a cabeça. Tinha sido uma jornada longa.

– Como soube onde eu estava? – perguntou Malerk. Ele estava de costas, mexendo na lenha com um tição e Lorremin se perguntou se ele não estaria curioso.

– Há alguns anos atrás correram algumas histórias sobre um curandeiro milagroso na Floresta Sem Caminhos, perto da foz do Irau. Diziam que o homem era santo e que curava qualquer coisa. Que até levantava mortos. Na hora eu soube que era você.

– Rá! – Malerk soltou uma risada seca. – Então você continua sendo o crédulo de sempre. Vamos, tire essa capa úmida e venha se aquecer aqui.

Lorremin estendeu a túnica carmim para Malerk. O olhar dos dois se encontrou por alguns segundos e Lorremin sentiu-se envergonhado. Lá estava ele entregando o símbolo do Templo para Malerk, lembrando-o de algo que ele tinha renunciado. Como ele deveria se sentir? Tentou ler em seus olhos, mas não conseguiu. Com isso, veio uma velha raiva dentro de seu peito, antiga e poderosa, típica daqueles que sofreram abandono.

– Isso aqui vai dar um ótimo cobertor depois de lavado.

E como mágica, o ar ficou mais leve. Malerk ainda tinha aquele dom. O de tornar tudo mais simples quando ele queria.

* * *

Lorremin estava decidido. Daquela noite não passava, iria falar com Malerk, não aguentava mais aquela situação. Ficaria doente se

aquilo continuasse.

Na noite anterior, os dois tinham ficado pra trás na aula de astronomia, como de costume. O varandão estava iluminado pela noite de lua cheia e as estrelas pareciam um tanto quanto tímidas. Ficaram conversando, aquelas conversas estranhas que normalmente tinham. Lorremin falando e Malerk fazendo seus comentários alheios, enquanto parecia prestar atenção em qualquer outra coisa.

Era aquilo que estava matando Lorremin. Aquela apatia, aquela coisa distante. Passava horas pensando em Malerk, ansiava por sua companhia e tudo que ele fazia era parecer mais interessado em besouros do que nele. Às vezes tinha seus momentos de alegria, quando conseguia chegar mais perto dele, tocar seus cabelos, encostar em seu ombro. Ele tinha aqueles cachos negros grandes que combinavam bem com seus olhos escuros. Lorremin tremia por aqueles mistérios.

Mas não tinha nada. Malerk permanecia sempre impassível. Mesmo quando ele ousava mais, um sussurro no ouvido, um aperto de mão mais suave. Nada. Chegou a pensar que não tinha diferença na expressão que Malerk exibia durante a aula de teoria dos ventos e de quando estava com ele, Lorremin. Talvez na aula ele até fosse mais expressivo, pois fazia cara de sono.

Daquela noite não passaria, não suportava mais. Falaria com Malerk, ainda que não soubesse muito bem o quê. Tinha raiva dentro de si, mas havia outra coisa queimando também. Lorremin não sabia dar nome àquilo, mas era forte. Como uma poção que demorara demais para ser fervida e agora ebulia com força total.

Malerk estava no jardim observando qualquer coisa. Lorremin se fez notar pisando no chão com mais força e Malerk se virou para saudar o amigo.

– Eu pensei que você estava estudando pra prova de alquimia amanhã – ele observou, voltando-se para o que quer que estivesse olhando antes.

– Não. Eu já revisei a matéria.

– Bom, revisar é bom – mas ele mesmo nunca revisava nada.

Lorremim estava inquieto, tinha alguma coisa entalada em sua garganta. Medo, raiva, não sabia direito.

– Você realmente quer isso, não é? – perguntou Malerk, ainda sem encarar nada em particular.

– Eu quero o quê? – perguntou Lorremim, assustado. Agora, já não queria que tudo ficasse tão óbvio assim.

– O Templo. Você realmente quer fazer parte disso.

Lorremim sentiu algo se desprendendo do peito de alívio.

– Claro que quero. É por isso que estou aqui. Além do mais, é a única coisa que sei fazer. Meu irmão é bom com armas, eu sou bom com estudo. Sempre foi assim.

E era mesmo assim, apesar de nunca ter falado naqueles termos com ninguém. Se não tivesse o Templo de Kian, o que mais teria? Carregar a espada de Lorramet? Cuidar dos cavalos dele?

– Você é bom nisso – falou Maler, mirando Lorremim pela primeira vez na conversa. – Eu vejo que você estuda, se dedica.

– Se eu sou bom, você é fantástico. Você pode ser um Excelcior e...

– Eu não ligo pra quem vai ser Excelcior ou não. Você e a Realeza podem competir o quanto quiserem.

– Então quer dizer que você não quer ficar no Templo? – perguntou Lorremim, com medo na voz.

– Não é questão de querer – falou Malerk, devagar. – Pessoas como eu não podem querer muita coisa. A gente se vira com o que tem.

Lorremim já ouvira Malerk falar daquele jeito. Ele estava falando daqueles que não eram nobres, nem comerciantes, nem camponeses. Daqueles que dependiam da bondade de estranhos.

– Você está indo muito bem aqui.

– Eu sei. Por isso é tão difícil.

– O que é difícil? – perguntou Lorremim, cansado daqueles enigmas todos.

– Você.

E antes que pudesse pensar, Malerk estava beijando-o. Não um beijo tímido e rápido como deram outras vezes, mas um beijo de verdade. Ele o segurava pelos cabelos e jogava o corpo contra ele de

um jeito quase desesperado. Por um instante, Lorremin achou que estava louco, afinal, aquele não podia ser Malerk, mas quando o beijo cessou e Malerk o encarou nos olhos, sorrindo, ele teve certeza.

Não conseguia pensar em muita coisa, só que Malerk o beijava e levava as mãos quentes por baixo de sua túnica branca de aprendiz. Os cachos negros faziam cócegas em seu rosto, mas Lorremin não correria o risco de parar. Não agora. Abraçou Malerk com força, beijou seu nariz, seu pescoço.

– O que está acontecendo? – perguntou, sorrindo.

– Você não devia falar tanto – riu Malerk, voltando a beijá-lo enquanto soltava o cordão de sua túnica.

* * *

No dia seguinte, Lorremin acordou tarde. O sol já estava a pino e o casebre estava vazio. Havia água e frutas secas ao lado de sua cama. Suas costas ainda doíam e as bolhas de seus pés estavam agora na carne viva.

– O Mestre mandou preparar um unguento, não se preocupe, senhor.

Lorremin quase caiu da cama de susto ao ver a jovem sardenta sentada na cadeira perto de sua cama.

– Quem é você?

– Eu não sou mestre de ninguém, Tamina! – bradou Malerk da porta. – E agora deixe disso e venha aqui, preciso que me ajude a carregar um homem pra cabana!

A garota saltou da cadeira e foi atrás de Malerk, deixando um intrigado Lorremin para trás. Mas antes que este pudesse sair da cama de forma decente, os outros dois voltaram carregando um homem ensanguentado.

– Vamos, sai daí, Lorremin, que agora tenho um paciente!

Aquele era o tipo de voz firme que Malerk só usava quando estava cuidando de alguém.

O homem parecia estar mais que ferido, no entanto. Sua perna tinha sido praticamente destruída por um ferimento que

infeccionara. Por mais que Lorremin confiasse nas habilidades de cura de Malerk, tinha lá suas dúvidas com o homem. Ele já estava de mãos dadas com a morte.

Observou, nervoso, o trabalho do mestre e da jovem aprendiz. Os dois trabalhavam em sincronia enquanto limpavam a ferida com água quente, passavam unguentos e pastas de erva para depois entregar poções para que o ferido bebesse. Lorremin sentiu ciúmes da garota. Não porque achasse que ela tinha qualquer envolvimento amoroso com Malerk, oras, ele podia ser avô dela, mas porque ela o conhecia mais que ele. Conhecia seus trejeitos, sabia o que ele queria, entendia-o só com um olhar. Coisa que ele nunca tivera.

– Vá buscar mais água fresca no poço, Tamina. Ele está queimando de febre e temos que baixá-la o mais rápido possível.

A garota foi sem dizer uma palavra. Em seu rosto sardento estava aquela ansiedade jovem de querer aprovação. Lorremin entendia bem aquilo.

No casebre, ficou o silêncio e o cheiro de sangue infectado.

– É um mensageiro da morte, Lorremin – a voz de Malerk era baixa. – Ele encontrou batedores do exército de Brucei na floresta, o mesmo exército que tomou o Templo. Eles estão vindo pra cá.

– O quê? – Lorremin quase caiu no chão. – Por que estariam vindo...?

– Estamos numa guerra. É isso que acontece na guerra. Eles devem ter deixado uma base no Templo e agora precisam abastecer seu exército. O Templo não possui plantações nem reservas.

– Mas as cidades e vilarejos baixos da floresta, sim – completou Lorremin numa voz grave. Malerk afirmou com a cabeça.

– Temos que avisar as pessoas. Pra se defenderem.

– Malerk, esse vilarejo não tem condições de resistir a um exército. Seria melhor se eles se rendessem.

– Tem algumas coisas aqui que você desconhece, Lorremin. Agora, por favor, observe o ferido enquanto eu vou até o vilarejo. Quando Tamina voltar, ajude-a a banhar esse homem.

E Lorremin ficou a observar Malerk deixar a cabana. Aquele sentimento ácido em seu peito estava crescendo.

* * *

Ao acordar de manhã, Lorremin não pôde deixar de sorrir. Finalmente aquela fera que o devorava por dentro tinha se acalmado. Estava ali, deitado na cama de Malerk, olhando o sol lançar seus primeiros raios fortes no Templo. Naquele momento, podia dizer que sabia um pouco sobre felicidade.

Malerk não estava no quarto, o que era uma pena. Devia ter ido fazer o desjejum no refeitório, como todo mundo. Lorremin riu alto ao pensar como seria a vida a partir de então. Sorrisos trocados durante as refeições, horas de estudo à noite pautadas por toques desajeitados e palavras macias, encontros no varandão de astronomia.

Vestiu a túnica e saiu para o refeitório, mas não encontrou Malerk por lá. No entanto, nada poderia lhe tirar aquele ótimo humor. Nenhuma aula tediosa, nenhum aluno irritante. Nada.

Mas não voltou a encontrar Malerk até a hora de almoço. Tentou não pensar nisso de forma negativa, afinal, Malerk era dado a ignorar as regras. Ainda assim, algo começava a incomodar. Não sabia bem o quê.

– Boa tarde, Lorremin.

– Boa tarde, Alteza – e observou Brucei franzir o cenho como sempre fazia quando alguém se dirigia a ela como “alteza” no Templo. No entanto, velhos hábitos não se perdiam tão facilmente.

– Estou procurando Malerk. Ele ficou de me passar uma lista de ingredientes raros para poções do sono. Você o viu?

– Não – falou Lorremin, a voz um tanto quanto instável. – Acho que ele deve estar no pátio.

– Não está. Já procurei. Na verdade, estou procurando a tarde inteira. O professor Brastides inclusive foi procurar no dormitório. Pensei que você soubesse onde ele estava, já que são amigos.

– Não, eu não sei.

Lorremin não ouviu o que a princesa disse depois, muito menos o que o professor Brastides começou a lhe dizer quando o chamou até sua sala. Só voltou a si quando o homem baixinho e carrunco à frente dele disse:

– Malerk se foi. Deixou um recado com um aluno do primeiro ano dizendo que não tinha mais interesse em prosseguir com seus estudos no Templo. Eu só queria checar com você para onde ele pode ter ido, se tinha alguma família a quem podemos contatar, veja bem, Malerk era um de nossos alunos mais talentosos... Estava cotado para ser Excelcior, junto com a princesa e...

– Ele se foi?

– Receio que sim, Lorremin. Você, como amigo dele, deve saber alguma coisa...

Mas Lorremin só sabia que Malerk não tinha família alguma. E que Malerk se fora. E que se fora para nunca mais ser encontrado.

* * *

Lorremin ajudava Tamina a banhar e alimentar o homem ferido.

– Pobre homem – exclamou, com voz pesarosa.

– Mestre Malerk irá curá-lo – a garota falou numa voz tranquila.

– Ah, Tamina, ele está com um ferimento muito grave e seu sangue já...

– Você não conhece Mestre Malerk. Ele já curou casos muito piores.

A garota pôs-se a limpar o sangue que tinha caído no chão da cabana e Lorremin ficou em silêncio.

– Você não vai ajudar? – ela perguntou, os olhos acusadores.

– Ah, sim, claro.

Fazia anos que não pegava num esfregão, mas Lorremin achou que se saiu bastante bem ao tirar as manchas vermelhas do assoalho de madeira.

– Nem um dia aqui e já vejo que Tamina colocou você no modo de vida do campo – riu Malerk, encostado à porta.

– Oh! Eu sempre gostei de ser útil – retrucou Lorremin pondo-se de pé.

– Eu nunca pensei o contrário. Vamos, venha comigo buscar lenha.

Lorremin assentiu e seguiu o amigo.

Ou o que quer que Malerk fosse.

– Existem homens nessa aldeia que se opõem à tomada de poder de Brucei – falou Malerk depois de um tempo, quando se aproximaram das árvores. – Eles não vão fugir. Eles vão lutar.

– Você é um deles? – perguntou Lorremin sem tirar os olhos do chão.

– Digamos que é possível, mas entenda uma coisa. Não vai sobrar nada aqui. Até o mais corajoso dos homens não é nada perante a um exército poderoso. Amanhã ao entardecer não sobrá nada dessa cidade.

Lorremin respirou fundo, devagar. Talvez tivesse só adiado a morte em alguns dias fugindo do Templo.

– Ela pouparia você, Malerk. Brucei. Ela o conhece. Sabe que você tem talento. Você poderia viver.

– E viver sob o comando dela? Fazendo poções e curando os soldados de seu exército nefasto? Ah não, Lorremin, você deveria saber mais sobre mim.

– Saber mais sobre você? – berrou Lorremin. Sua voz de velho saía aguda e frágil. – Como posso saber mais sobre você? Você foi embora, sem ao menos me dizer! Você nunca me quis por perto! Sumiu, sem dar notícias, sem ao menos dizer adeus! Como é que você quer que eu saiba alguma coisa sobre você?

Malerk o encarava, o olhar sombrio.

– Então é isso. Você ainda me culpa por ter partido!

– Não é por isso que o culpo. Porque você não partiu, você me abandonou. Está aí uma diferença importante.

Lorremin segurou as mãos, nervoso. Parecia uma criança, sabia. Mas não diziam que os velhos nada mais eram que crianças com uma roupagem murcha?

– Eu fiz o que fiz por você, Lorremin. Depois de todos esses anos, pensei que você tivesse entendido isso. Pensei que fosse mais inteligente!

– Por mim? Que bem fez a mim ficar esse tempo todo amargando aquela única noite, hein? Sentir-me usado, destrutado. Até um aluno do primeiro ano parecia mais importante pra você dizer adeus do que a mim!

– O que você queria que eu fizesse, hein? – e pela primeira vez, Malerk parecia realmente presente, os olhos furiosos, a boca vermelha de raiva. – Que eu ficasse lá? Quantos membros do Templo têm algum tipo de relacionamento, Lorremin? Nos círculos superiores, nenhum. Eles sempre dão preferência ao celibato. E quantas pessoas como nós você acha que existem por lá? Você simplesmente acha que eles aceitariam uma coisa dessas? Ou quem sabe talvez eu pudesse me mudar pra floresta e ser curandeiro, e você me visitaria às escondidas? Acha que ninguém descobriria? Estávamos no Templo, Lorremin, com as maiores mentes da nossa geração! Acha que ninguém desconfiaria de um romance entre dois alunos importantes do séquito? Acha que eles não nos expulsariam de lá? Você sempre quis a carreira no Templo, era o seu sonho, você dizia isso o tempo todo. Acha que eu poderia viver com isso? Acha que *nós* poderíamos viver com isso? Sabendo o tempo todo que você não seguiu seu caminho por minha causa? Você acha mesmo que eu não esgotei todas as possibilidades? Todas as opções? Acha mesmo que eu teria partido se tivesse outro jeito?

Lorremin queria gritar, mas lágrimas quentes escorreram. Lutou para contê-las, mas não conseguiu. Tornara-se um velho tolo, afinal.

– Não me olhe como se você fosse o único a sofrer – finalizou Malerk, a voz dura.

* * *

Podia-se ouvir ao longe o vilarejo se preparando para o ataque. Lorremin conseguia distinguir o barulho metálico das armas forjadas de modo improvisado, e vislumbrava as chamas das fornalhas ainda acesas ao longe.

O homem ferido delirava na cama enquanto Tamina separava frascos de poções.

– É para os feridos – ela disse de modo firme.

Lorremin observava-a do lado oposto da sala. Ela tinha aquela fé bruta dos jovens, aquele destemor ardido. Ele já fora assim um dia também. Talvez a maior crueldade de envelhecer fosse justamente

ficar preso a velhas visões de mundo, mas sem aquele calor. Um ferro torcido, incapaz de se moldar novamente.

Pegara sua capa carmim e comera algumas frutas secas. Se caminhasse sem dormir durante toda a noite, conseguiria chegar à casa da cunhada do outro lado da floresta? Não sabia dizer. Sua perna doía e tinha começado a tossir. Tamina quisera examinar seu peito, mas ele se recusara. Era um velho e sabia o que trazia uma sequência de noites mal dormidas num chão úmido.

Malerk tinha sumido, possivelmente para ajudar os homens no vilarejo. Por que ele, Lorremin, não conseguia ser assim? Por que sempre tinha que estar fugindo? Trancando-se em templos, em quartos, em si mesmo?

Nada o impedia de ir até o vilarejo e compartilhar seus conhecimentos de alquimia com aqueles homens. Poderia ajudar, ser verdadeiramente útil, como sempre quisera ser. Mas não conseguia. Por quê?

Sem dizer nada a Tamina, saiu da cabana, a poucos metros, enrolou-se na capa carmim. Aquele era seu destino, afinal.

* * *

A primeira prova para os alunos do Templo dava-se ao final do primeiro ano. Os mestres colocavam os pupilos em uma longa fila e os chamavam para uma arguição oral. A avaliação exigia não só o domínio do conteúdo ministrado como também a habilidade do aprendiz em responder e reagir a questões mais difíceis que fugiam dos temas gerais. O exame era conhecido por deixar alunos à beira da histeria e casos de desmaio, vômito e ataque de nervos não eram raros.

Lorremin estava na fila, no oitavo lugar, e achava que comeria todas as unhas antes que fosse chamado. De vez em quando, até batia os dentes com força demais. Certamente os mestres já estavam ouvindo lá de dentro da sala de avaliação.

– Eu estou com medo – disse, para ninguém em particular.

– Ah, é só uma prova.

Olhou ao redor para identificar a voz. Era de um adolescente de cabelos e olhos negros que estava fora da fila. Fora da fila, ele devia ser completamente maluco.

– É só um monte de perguntas – repetiu ele. – Não é nada demais.

– Ir mal nessa prova significa não poder ingressar nas matérias específicas do próximo ciclo – falou Lorremin levemente ofendido.

As pessoas ao redor começaram a ficar interessadas na conversa. Afinal, era um alívio de tensão.

– Tá, mas o que acontece nesse exame é que ele vai olhar os seus nervos, não seu conhecimento. Será que você ainda não entendeu isso? É sobre sua capacidade para trabalhar sob pressão. Porque qualquer que for sua especialidade aqui, cura, poções, alquimia ou mesmo astronomia, você terá que fazer coisas muito complicadas em pouco tempo. Eles só querem ver se damos conta.

Ele falou aquilo tudo de um jeito bastante tranquilo, encostado à parede de pedra. Os alunos em volta o olhavam de olhos arregalados, como se de repente alguém tivesse explicado o sentido da vida.

– Mas mesmo assim, é uma prova séria – insistiu Lorremin. – E eu estou com medo sim. Todos deveríamos estar.

– Que nada, os mestres não passam de um bando de velhos. Quer saber como não ficar nervoso nesse tipo de coisa? – os outros alunos assentiram com a cabeça, claro que queriam saber. – Imaginem que os mestres são sapos velhos vestidos em túnicas de acadêmicos.

Alguns da fila ousaram rir alto, outros ficaram apenas empolgados com a ideia.

– Aprendi esse truque com um saltimbanco em Terracota e funciona bastante bem.

– Isso é bobagem – retorquiou Lorremin.

– Ah, não é não – insistiu o adolescente de olhos escuros. – Só existem dois modos de enfrentar o medo, sabia? E esse é um deles. Tornar alguma coisa bem ridícula.

– Foi o saltimbanco que te ensinou também? – Lorrenim queria ter soado engraçado, mas foi apenas cruel.

– Não – respondeu o garoto de forma tranquila. – Foi um velho eremita que morava sozinho no alto da Montanha de Is.

Os outros alunos soltaram uma exclamação em uníssono.

– Ninguém mora sozinho na Montanha de Is! Além do mais, isso fica a meio mundo de distância!

– Se é você quem diz – retorquiu o garoto que voltou a encarar o teto.

Lorremim ficou irritado. Aquele era um momento importante que devia ser respeitado como tal. No entanto, não queria tremer tanto na frente dos mestres.

– E qual é o outro jeito? – perguntou a contragosto.

– Que jeito?

– De enfrentar o medo?

– Ah, isso – fez o outro colocando um cacho de cabelo negro atrás da orelha. – O outro jeito é lutar por algo ou alguém que se ama.

* * *

Podia ouvir os primeiros gritos da batalha. O barulho dos cavalos castigando a estradinha de pedra, das primeiras casas pegando fogo.

Lorremim corria depressa. Talvez ainda houvesse tempo.

Os arbustos secos arranharam sua pele e sua túnica foi rasgada. Tudo bem, aquilo não era importante, Lorremim tentou dizer a si mesmo.

O cheiro de fumaça começou a ficar insuportável bem como os gritos dos feridos. Tentou mentalizar algo positivo, como fora ensinado a fazer no Templo, mas não conseguiu. Não tinham ensinado a meditar enquanto pessoas eram mortas em algum lugar próximo.

Havia uma descida inclinada que por pouco não o fez cair. Lorremim acelerou o passo. Tinha medo. Seu coração parecia que ia saltar pela boca, um coração velho e negro.

Mas se pôs a correr. Lembrou-se de Lorramet, seu irmão tão honrado em batalha. Se estivesse ali, teria descido no pelotão de frente com os homens da vila para enfrentar o inimigo. Lorremim

podia vê-lo com sua espada sempre polida e afiada rasgando as linhas inimigas. Aquele tipo de ato nunca fora para ele, no entanto.

Então era necessário correr.

Avistou Malerk no final da descida. Ele tinha o rosto coberto por fuligem e segurava uma espada tosca de metal enquanto fazia sinal para algum soldado mais à frente.

– O que é que você está fazendo aqui? – berrou Malerk, chocado, ao ver Lorremin correr em direção a ele, quase caindo em cima dos próprios pés.

– Eu vim ficar com você – bufou o outro. – Eu vim ficar com você!

E Lorremin segurou a mão de Malerk com força. Aquelas mãos calejadas e sempre quentes. Aquele mistério único que inspirava nele tanta confiança.

Pela segunda vez na vida, viu Malerk sorrir de forma diferente.

– Vamos juntos, que a batalha não tarda a terminar – ele disse.

E os dois saíram correndo, ainda de mãos dadas. Ao fundo, imperava o crepitar do fogo.

Jaulas

Tanko Chan

X, 10 de maio de 1890.

Caro A.L.

Minha intenção ao escrever esta carta não é a de que compreenda os meus motivos, mas para que possa tirar proveito de minhas experiências, que acredito capazes de lançar alguma luz sobre a questão que vem tirando o sono das maiores mentes de nosso tempo.

Dito isso, é bom que saiba que não tenho a pretensão de equiparar-me a estas mentes, mas me parece claro que adentrei um terreno ainda inexplorado por meus pares. E estas descobertas jamais seguiram o caminho do papel impresso, embora possam ter mais substância que todo meu material escrito.

Como naturalista que sou, sempre honrei o dever de buscar o entendimento profundo dos seres que povoam a Terra. Considero o método científico a forma máxima com que o Homem pode extrair compreensão do mundo que o cerca, respeitadas as limitações de seus sentidos e de sua mente. Por isso não culpo a Ciência pelos inúmeros pecados que cometi em seu nome, antes responsabilizo a falha natureza humana pelos pecados que foram cometidos por todos nós, sobretudo aqueles frutos de meus sentimentos. Ironicamente, estes últimos, dos quais não me arrependo, foram a razão de minha desgraça e atual exílio.

Ainda temo ser perseguido ou pior, ser extirpado do meu bem mais precioso no infortúnio desta missiva cair em mãos mal intencionadas, portanto não revelarei meu atual paradeiro.

É com esperança, mais um vão sentimento humano, que aguardo o dia em que minha história possa ser revelada ao público sem que a exposição cause inevitável desastre. Mas por ora meu coração se satisfaz em saber que lerá minhas memórias e anotações, pois confio em teu julgamento, isento das mesmas paixões e talvez por isso mais sábio.

Sinceramente,

L.N.

** * **

Londres, 12/9/1887

O zoológico da cidade de N. recebe este sábado seus mais novos ocupantes, dois exemplares de "mimesia", os homens-lêmure da Ilha K., Madagascar. Os visitantes poderão ver as misteriosas criaturas em uma fiel reconstrução de seu luxuriante habitat natural, no saguão África Exótica.

** * **

Tão logo a notícia do descobrimento da ilha K. e seus peculiares nativos se espalhou por toda a Europa, meu desejo era o de ter partido em expedição imediatamente. Ansiava por estudar o comportamento das criaturas na natureza, e qualquer outro contato me pareceria uma experiência de segunda mão. Havia confirmado a intenção de viajar: planos feitos e passagem comprada, mas o repentino falecimento de meu pai me impediu de deixar o seio familiar por longos meses.

No entanto, foram as boas relações de meu pai que me conduziram a partir de então.

Assim que o Sr. W.G., velho amigo da família, adquiriu os primeiros exemplares de mimesia no Zoo de N., recebi uma carta na

qual ele me convidava a fazer uma visita, não sem, é claro, um parágrafo inteiro exaltando a beleza e as prendas de suas duas filhas moças. Embora não estivesse com boa disposição para participar de eventos sociais, mesmo os íntimos como um jantar, a possibilidade de ver um mimesia de perto já bastava para que eu ignorasse quaisquer inconvenientes.

Não tinha com o Sr. W.G. desde que era um rapaz, e tão logo cheguei à sua casa em N., após a cansativa viagem, compreendi – ou melhor, lembrei – os motivos pelos quais nunca nos associamos. É certo que posso me considerar um homem orgulhoso, mas o Sr. W.G. era ímpar nesse mister e sua residência refletia isso. Em estilo vagamente mourisco, não havia uma única parede da mansão despida de souvenirs de gosto duvidoso, sendo a cereja do bolo uma grande cabeça de leão empalhada sobre a mesa de jantar.

Durante a refeição, que me pareceu se estender por tempo suficiente para que os vegetais em meu prato criassem perninhas, o Sr. W.G. contou todo seu repertório de viagens, a história de seus antepassados, a sua própria, chegando afinal até a filha mais jovem, Helen. A moça era pianista talentosa e ótima cristã, ou tinha qualquer outra qualidade que pudesse atrair um homem solteiro. No entanto, Mary, que não era tão bonita e radiante quanto a irmã, provou-se mais sensível, guiando a conversa para um lado que fosse menos desconfortável para mim. Foi quando, graças a ela, finalmente entramos no assunto “mimesia”. Convencemos o Sr. W.G. a visitarmos o zoo após a refeição, embora não tenha conseguido fazer com que aceitasse o pedido de Mary, que desejava ardentemente nos acompanhar.

Os mimesia viviam em um grande fosso arborizado, dividindo o espaço com animais também encontrados na ilha, e vários deles também pertenciam exclusivamente à fauna daquela região. Apesar da raridade destas espécies, poucos teriam olhos para um novo tipo de mangusto ou de lagarto diante de criaturas fascinantes como os “homens-lêmure”.

E a visão de tais criaturas não me desapontou. A beleza em movimento dos mimesia superava em muito o encanto das fotos publicadas nos jornais. Seus cabelos cor de ferrugem brilhavam ao

sol, o que lhes conferiram os nomes pouco inspirados de “Red” e “Ginger”. Vistos de longe, metidos em túnicas coloridas, pareciam-se muito com um homem e uma mulher caucasianos. Mas bastava uma aproximação para que as diferenças saltassem à vista: tinham as orelhas compridas, os olhos amarelos como os dos gatos e finas caudas que terminavam em chumaços de pelos que de quando em quando espanavam o ar. Notei que Ginger encontrava-se em estado de prenhez e que os dois pareciam um tanto emaciados. Se o Sr. W.G. tivesse me perguntado a opinião, teria dito que precisavam de mais tempo para se aclimatar, mas para minha frustração, o estrago já estava feito:

– A visitação começa na semana que vem. – anunciou ele. – Encomendei a publicação da notícia em todos os jornais. Teremos filas e mais filas! É uma pena que o outro não esteja em condições para a exibição.

Eu não sabia que havia um terceiro! Ele tinha vindo na barganha com os mercadores franceses e, diferentemente dos demais, estava longe de ser dócil. De acordo com o Sr. W.G., o mimesia mordida e recusava-se a comer, além de ser hostil também para com os membros da própria espécie. Ele esperava que a criatura pudesse ser amansada, mas os tratadores falharam miseravelmente, no que vira em mim uma esperança de solução.

A visão dos primeiros mimesia havia me encantado, mas creio que nada poderia me preparar para a experiência com o terceiro. Não que fosse mais belo. Em verdade, o mimesia tinha todo o feitio de um prisioneiro: magro, sujo e cheio de escoriações, algemado às barras de ferro. A jaula mal iluminada recendia a podridão. Agitou-se com nossa chegada, rosnando. Não sei bem o que senti. Pena? Nojo? Meu estômago embrulhou.

A farta cabeleira opaca loiro-rato caía em volta de sua face e descia até o meio das costas feito uma juba. Vestia uma tanga puída que mal lhe cobria os ossos protuberantes. Naquele estado miserável, não aparentava ser ameaçador como diziam e não parecia justificada a presença de dois tratadores armados ali. Mas os olhos... Eram verdes e tão humanos quanto podiam ser. Faiscavam com um brilho que expressava compreensão, sofrimento e ódio, muito ódio.

– Este rapaz nos tem dado bastante trabalho. Ninguém pode com ele e temo ter que sacrificá-lo... Seria um terrível prejuízo. – o Sr. W.G. explicou-se. Quis pensar que minhas motivações eram mais altruístas, mas enquanto o Sr. W.G. via o mimesia como uma mina de ouro, eu o enxergava como um objeto de estudo.

– Farei o que estiver ao meu alcance para impedir estes transtornos. – disse, embora não estivesse totalmente certo de que curso seguir. Toda minha experiência até então era com outras criaturas mais conhecidas e menos sofisticadas. – Qual o nome dele?

– Não lhe demos um nome. Mas os homens o chamam de demônio. – os tratadores riram junto ao Sr. W.G. em escárnio e o sangue subiu à minha cabeça.

Pedi que providenciassem água fresca, frutas e carne – que precisava estar cozida, uma informação básica que causou certo espanto nos presentes. Quando os pedidos foram atendidos, agachei-me o mais perto possível do mimesia e ofereci uma lasca de maçã, no que ele virou a cara. Eu mesmo comi um pouco de fruta, o que não o impressionou. Então ergui um pedaço de frango diante de seus olhos. Ele o abocanhou com raiva e por muito pouco escapei de perder as falangetas.

Resolvi dar a ele um pouco de água, os lábios rachados denunciavam o quanto estava sedento. Relutante, aceitou a caneca que aproximei de sua boca. Virei a caneca com delicadeza, ele bebeu todo seu conteúdo. Senti-me orgulhoso do meu feito, o que me encorajou a tomar atitudes mais ousadas e, portanto, mais estúpidas.

Ordenei que soltassem o mimesia, garantindo que assumiria toda a responsabilidade. Presumi que nada poderia dar errado, éramos três homens em boa forma física e a criatura não tinha mais recursos do que tínhamos. O Sr. W.G. saiu da jaula, enquanto um dos tratadores fechou o portão e o outro libertou o mimesia das algemas. Este não esboçou nenhuma reação agressiva a princípio. Com as mãos trêmulas, agarrou pedaços de frutas e carne, devorando-os sofregamente. Sorri. Cedo demais.

O que aconteceu em seguida foi muito rápido: a criatura me empurrou, no que cambaleei mais pelo susto do que pela força –

embora esta não fosse desconsiderável. Aplicou um soco bem dado no nariz de um dos tratadores e abriu o portão, enquanto o outro empunhava a pistola, sem saber para onde apontar. Levantei-me e gritei para que o homem não atirasse.

Corri o mais depressa que pude atrás do mimesia que já ganhava o jardim, vendo quando sumiu entre os arbustos do labirinto. Ele era ágil, mas não sabia o caminho. Com isso ganhei vantagem, surpreendendo-o em uma das encruzilhadas. Naquele momento, percebi que era quase tão alto quanto eu. Ele tomou o corredor que eu sabia terminar em uma parede. Aproveitei o momento de desorientação para derrubá-lo, montando em suas costas. Tentei acalmá-lo, mesmo que ele não pudesse me compreender as palavras. Ficamos assim por minutos, até que vendo-se subjugado pelo meu peso e força superiores, parou de se debater.

Quando saí do labirinto com o mimesia, os homens me esperavam com armas em punho, enquanto um arfante Sr. W.G. limpava o suor da testa. Para o espanto de todos, que me seguiram feito sonâmbulos, a criatura obedientemente fez todo o trajeto até a jaula, onde sentou-se em um canto. Eu me prontifiquei a dar-lhe de beber, antes mesmo de me preocupar com minha própria sede. O Sr. W.G. alegou que os homens o tratariam dali em diante, mas o mimesia ainda rosnava quando eles tentavam chegar perto. Parecia claro que só admitiria a mim.

Não consegui descobrir seu nome, mas o chamei de Primo.

* * *

Helen, e principalmente Mary, deleitaram-se com a história de como eu dominara o homem-lêmure selvagem. Exagerado como era, o Sr. W.G. aumentara a magnitude de meu feito, sem mencionar o estado deplorável da criatura e, claro, menosprezando o fato de que eu tinha sido inconsequente. E no final de tudo ainda achou um jeito de se gabar:

– Quando vi esse garoto, soube logo que era igualzinho ao pai, um homem de verdade, com sangue nas veias.

Eu não admitiria, mas não havia nada mais desagradável que a comparação com meu pai. Ele fora um paleontólogo, desbravara terras inóspitas e perigosas em busca de registros fósseis. Quando criança o via como herói, não cansava de ouvir relatos de como sobrevivera a picadas de escorpião e desenterrara ossadas de dinossauros em Gobi. Então, quando passei a ter algum discernimento, percebi que em sua ousadia havia muito de rudeza e essa se traduzia em erros e prejuízos científicos sem par. Mas ainda existiam homens como o Sr. W.G. que admiravam essas qualidades sobre todas as outras. E aquela era minha carta na manga.

Persuadi o Sr. W.G. a me deixar estudar os mimesia e tratá-los da forma que me fosse conveniente. Então me comprometi a ir ao Zoo todos os dias para cuidar de Primo, que se mostrou receptivo ao me ver.

Comecei o trabalho cortando os cabelos emaranhados que de outra forma não poderiam ser limpos, o que não foi trabalho fácil. Primo não queria que eu passasse a tesoura naquela estopa suja que ele tinha na cabeça. Eu não tinha como saber a importância cultural dos cabelos dos mimesia e honestamente não me importava, só não queria pegar seus piolhos. Negociei com um espelho, com um brinquedo. E nada dele parar de se queixar naquela língua ininteligível que mais parecia uma coleção de grunhidos. Então apelei para um último recurso, ofereci um bombom.

Os hormônios da felicidade atingiram em cheio suas papilas gustativas e o doce passou a ser a minha moeda de troca. O que fazia não era muito diferente do que meus pais faziam, mas tinha que admitir que funcionava.

Sem toda aquela juba, pude ver seu rosto melhor. Não era tão bonito quanto Red ou Ginger, mas tinha uma certa distinção. Em geral os mimesia eram agradáveis aos olhos, embora aquele parecesse ter saído de uma chaminé.

No dia seguinte, consegui uma tina para banhá-lo. Maravilhou-se e horrorizou-se com a água morna, as bolhas de sabão e o inevitável sabão no olho. Embora não se opusesse às minhas mãos em seus cabelos, não aceitou bem a ideia delas em seu corpo, retesando-se todo quando deslizei a esponja sobre seu peito e o estômago quase

côncavo. Ele expôs dentes, estalando a língua, e não precisei de palavras para entender que estava passando dos limites. Dei a esponja em sua mão para que fizesse o serviço sozinho e ele pareceu orgulhoso em demonstrar que podia se cuidar sem a minha ajuda. Não sem o bombom. Voltei para a mansão todo molhado, mas feliz com o meu progresso. Ensinei-lhe a primeira palavra: “não”.

Em duas semanas, Primo estava outro, com mais carne sobre os ossos, limpo e corado. Parou de atacar os tratadores, embora não fingisse gostar deles. Os homens diziam que Primo se fazia de santo na minha presença, mas que quando entravam na jaula o drama se repetia, com o diferencial do uso da palavra “não” berrada a plenos pulmões.

Na verdade, Primo já poderia ser exposto no Zoo, mas a socialização com os outros mimesia seria um problema durante a gestação de Ginger. E a ideia de metê-lo em jaula comum era inadmissível para mim. Por isso comecei a mentir. Sempre que conversava na mesa de jantar do Sr. W.G., contava a ele uma mentira nova. Disse-lhe que Primo não poderia receber visitas tão cedo, pois o estresse o faria regredir à condição inicial. Afirmei categoricamente que ele ainda precisaria muito de mim.

E conforme o tempo passava, mais difícil era convencer-me de que Primo era apenas um animal. Ele cantava música nativa e até fazia desenhos, além de já ter aprendido mais de cem palavras da língua inglesa. Compartilhei essas impressões com um colega e jamais esquecerei como ele me desacreditara. “Até um papagaio pode falar” – foram suas palavras. Apesar de muito ter me aborrecido, este comentário foi importantíssimo para determinar o rumo de minhas ações: percebi que desvendar o idioma e cultura mimesia pouco faria para mostrar sua inteligência aos olhos dos súditos da Rainha Vitória.

Os relatos deste período estão detalhados em meu artigo *A Capacidade Cognitiva dos Mimesia*, onde explico como consegui que Primo fosse o primeiro mimesia alfabetizado do mundo. Para tal feito, passei a me corresponder com cientistas de diversas áreas. Encontrei em doutor A.L., do Zoo de Londres, um grande incentivo, e

também muita inspiração em Anne Sullivan, a educadora estadunidense que ensinou as palavras à jovem Helen Keller, cega e surda desde bebê.

“Os mimesia parecem pessoas como outras quaisquer.”, Anne escrevera. “Com um rabo, não posso negar. Mas a julgar pelo que conheço das gentes, a falta de um rabo nunca foi garantia de civilidade.”

Seguindo conselhos de Sullivan, fiz com que o Sr. W.G. cedesse uma rústica casa de caça, situada a apenas uma milha da mansão, para que eu pudesse viver com Primo em um ambiente mais adequado às minhas pesquisas. Era um pedido exótico, que foi aceito prontamente. Um mês antes eu havia feito o parto de Ginger com sucesso, e o Sr. W.G. comemorava o fato de ter os primeiros mimesia nascidos fora da ilha de K. E gêmeos! Não duvidaria que naquelas alturas ele teria consentido qualquer coisa, até uma de suas filhas se fosse do meu agrado.

A vida com Primo na casa de caça foi o período mais feliz de minha existência. Nossa rotina consistia basicamente de estudos e exercícios físicos, mas era pontuada por fascinantes descobertas. No primeiro verão nadamos juntos no lago, descansamos na relva ensolarada. No inverno, Primo passou a me enlouquecer com as coisas que destruía para fazer o tédio passar. Então, nos dias sem neve, vestia-o com pesados casacos, um chapéu que disfarçava suas orelhas e passeávamos anônimos pelo zoológico, onde ele se divertia vendo os bichos e eu mais ainda com suas reações exageradas. Não me importava se alguém nos olhava torto, como se eu fosse acompanhante de uma criança grande que bebera muito café. Para mim até suas maiores idiosincrasias eram a coisa mais incrível na face da Terra.

Primo nunca chegou a gostar de Red e Ginger. Juntando as peças aqui e ali, descobri o motivo. K. era uma ilhota que vinha perdendo território para o mar, então as disputas por recursos tornaram-se frequentes entre os mimesia. Em uma de suas primeiras batalhas, Primo fora capturado pela tribo Vermelha, que o trocara com os contrabandistas, talvez por um punhado de quinquilharias. Mal sabiam Red, Ginger e seus parentes ruivos que eles também

acabariam no mercado negro cedo ou tarde. Iriam para zoológicos, circos, serviriam nas casas das famílias abastadas ou em bordéis exóticos para os que estavam cansados das raças de mulheres conhecidas.

Um dia Primo conseguiu expressar seus sentimentos:

- Eles matam Primo.
- Eles não podem te machucar. São só dois.
- São quatro. – Primo me corrigiu, apontando os bebês.
- Ora, por favor!

Quando entendia um pouco mais como a cabeça de Primo funcionava, sentia-me recompensado por ter feito dele o meu mundo.

Mas não posso esquecer que também havia Mary. E Helen.

No começo, vinha apenas Mary. Tinha por hábito desviar livros e bolos da mansão, os quais me passava pela porta entreaberta. Depois de algum tempo, resolveu começar a entrar na casa. Primo gostava dela, dos seus lápis de cor e claro, seus doces. De todo modo, ter contato com outras pessoas fazia bem para Primo, ele aprendia a ter limites.

Logo Helen passou a acompanhar a irmã, que precisava de um alibi para suas escapadas. Helen geralmente permanecia alheia a nós, fazendo cara de desagrado com o nariz metido na Bíblia. Vez ou outra Mary ia conosco ao Zoo, enquanto Helen deixava claro que odiava aquele lugar.

Havia um grande esforço por parte de Mary em entender o funcionamento do Zoo e as ciências biológicas. Ela era a sucessora natural do Sr. W.G., que por sua vez a alienava. Certamente o homem preferiria legar o patrimônio ao estranho que a desposasse. E desconfiava que o estranho seria eu.

Um dia, Mary me perguntara muito seriamente se eu acreditava que Primo tinha alma.

– Quem sou eu para saber? – respondi, quando minha vontade era a de dizer que os seres não estavam se esforçando para sair da água, subir em árvores, evoluir para se transformarem em damas e cavalheiros. Mas esta era uma conclusão para poucos; nada fácil para os que acreditavam em um Deus onipotente, nem para os que

se julgavam no topo da árvore evolutiva. Por isso evitava comentar sobre meu trabalho com Primo, entregando à comunidade apenas dados concretos sem muitas especulações.

Só para os olhos de A.L. escrevi reflexões com algo de mais profundo. Ele também evitava alardear estas ideias, mas estávamos convencidos de um ponto: os mimesia eram... gente.

Ainda assim, nem mesmo ele soube de todos os detalhes.

Detalhes, por exemplo, de como Primo passou a ansiar por contato físico. Frequentemente praticávamos luta ou brincávamos de lutar, dependendo de nosso humor, se eu queria ou não sair inteiro. Sem cerimônias, de vez em quando ele apenas me agarrava e jogava no chão. Tentava ralhar com ele, mas não conseguia. Gostava de vê-lo rir, os cabelos desalinhados, as faces vermelhas pelo esforço.

Surgiram também abraços e carícias espontâneas que quase invariavelmente me faziam manchar a escrivaninha de nanquim ou derrubar o chá. O arrepio que sentia quando ele mordiscava minha orelha era desconcertante. Eu me iludia dizendo a mim mesmo que Red e Ginger tinham o hábito de mordiscar um ao outro, então aquele deveria ser um gesto de reconhecimento entre membros da mesma tribo ou família. Sentia-me honrado por ser considerado um igual, preocupava-me com a falta de decoro. Por isso pensava até que ponto mimesia e pessoas poderiam estabelecer laços íntimos aceitáveis.

Como que respondendo minha pergunta, o destino fez com que naquela semana encontrasse Ginger muito abatida, com os olhos vermelhos de choro, embalando morosamente seu terceiro bebê. Alarmou-se quando me aproximei. Havia algo errado. Levei-a para fazer os exames de rotina e aos meus olhos estava óbvia a violência sexual.

Não acreditava que aquela era obra de Red. Ele era carinhoso com Ginger e a prole, tanto que nunca precisamos separá-los como fazíamos com muitos dos animais.

E se Ginger tivesse engravidado de um dos tratadores? Ao mesmo tempo em que estava horrorizado, a curiosidade me consumia. Ainda não havia registros de fêmeas mimesia prenhes de homens, ou de

mulheres grávidas de machos mimesia; muito menos de bebês híbridos.

Poderíamos ser espécies próximas, como tigres e leões, ou para sempre divergentes. A dúvida era o motivo pelo qual se evitava comentar o assunto, pois como recomendaria Sir Darwin se estivesse entre nós: a única forma de determinar algo é com a experiência. Diante daquela situação, calei-me. Mais que tudo, precisava saber.

Um mês depois, confirmava-se a terceira prenhez de Ginger, acontecimento tão celebrado que a tornou capa de revistas. O Sr. W.G. queria que Primo também se tornasse popular. Apesar de seu talento ímpar, Primo não trazia lucros para o Zoo como a fábrica de lindos bebês ruivos que eram Red e Ginger.

Concordei que Primo fosse entrevistado e fotografado para os jornais. Ele portava-se com muita decência, tinha um vocabulário razoável, conseguia imitar fonemas em inglês que para outros mimesia eram impronunciáveis. O público ainda gostava mais das mimesia dançarinas de Paris, mas começava a nos dar algum crédito.

As coisas iam bem, até demais.

Foi exatamente quando Ginger perdeu o bebê que tudo desandou. O aborto aconteceu por um acidente. Uma queda, foi o que disseram os tratadores. Fingi que acreditei na história. Ginger estava coberta de hematomas. Com a cauda e orelhas ainda em formação, era cedo demais para provar a paternidade de um humano no feto abortado. Eu não podia dividir aquele pensamento com a comunidade científica ou com o Sr. W.G., mas para mim estava claro o que tinha acontecido.

O Sr. W.G. ficou profundamente irritado, como era de se esperar, deixando implícito que o aborto tinha sido fruto de minha negligência, do excesso de atenção dispensada a Primo. A reprimenda completou-se com a ordem de que Primo fizesse uma aparição pública no Zoo. Tentei argumentar contra aquela ideia, mas ele me ameaçava nas entrelinhas como sabia fazer bem.

Eu me vi sem escolhas e o resultado foi pior do que poderia imaginar. Quando chegamos aos bastidores do teatro, o Sr. W.G. ordenou que Primo tivesse os tornozelos presos por correntes.

– Não é seguro deixá-lo solto, seria terrível se ele machucasse um cliente, não é?

Mais uma vez meus argumentos de nada valeram. Primo fora reduzido a um prisioneiro sob a minha supervisão e não tinha certeza se iria me perdoar. Ele foi para o palco como um boi indo para o matadouro. Monossilábico e taciturno, lançava-me olhares cheios de ódio. Mal começou a recitar um poema, quando para meu desespero, ignorou o roteiro ensaiado e exigiu para que o soltassem. A despeito dos esforços do apresentador para disfarçar, a plateia logo se percebeu enganada. Entre gritos, vaias e pedidos de dinheiro de volta, só se conseguiu acalmar os ânimos gerais com promessas de fotos com os bebês mimesia.

O Sr. W.G. nunca encheu tanto os meus ouvidos com suas reclamações. “Prejuízo” era só o que podia entender daquela verborragia toda. Fiz promessas falsas até que consegui levar um bufante Primo para casa.

Lá tentei de tudo para que Primo entendesse minha falta de controle sobre o ocorrido. Mas ele não queria me ouvir, queria gritar. Sua capacidade de falar inglês estava em muito comprometida pela raiva: misturava rosnados e berros às palavras. A falta de habilidade em comunicar todo o espectro de suas emoções o frustrava profundamente, fazendo-o descontar em todos os objetos que viu, até que me esmurrou o tórax. Caiu aos meus pés, em prantos. Eu nunca o vira assim.

Ignorando seus protestos, envolvi-o nos braços. Antes que percebesse, ele me beijava o rosto e a boca, em meio a lágrimas e pedidos de desculpa. Sentir o corpo dele junto ao meu me fazia abrasar de um modo que nenhuma mulher fizera. Ele consentiu que eu o despisse, permitiu os meus avanços. Não conseguimos parar até consumarmos o ato, ali mesmo.

Não. Não conseguimos parar de todo.

Nosso relacionamento, nosso segredo, talvez fosse uma aberração, mas eu não sentia culpa. Muito menos havia culpa nos olhos de Primo quando nos amávamos, era o que me bastava.

Não muito depois, outras desgraças sucederam-se.

Começou com uma garota inglesa que tinha uma mimesia como criada. Ambas morreram pela mesma doença. Então outros casos surgiram. Mimesia e pessoas caindo de febre, tossindo, com a pele irrompendo em vermelho. Algumas vezes com consequências fatais.

Aquele ano fora bastante frio – mesmo no verão – e a doença nada mais era que um surto de rubéola. Os mimesia não tinham resistência natural, sendo as vítimas mais frequentes do vírus, apontavam os estudos. Mas ninguém se interessava por fatos naquelas alturas. O temor se alastrou e as pessoas comportavam-se como ratos em uma enchente. Alguns mimesia eram postos em quarentena, outros simplesmente sacrificados por precaução.

* * *

Através da janela, divisei o rolo de fumaça subindo para o céu sem estrelas. Sobre as copas das árvores, o lume denunciava um grande incêndio. Talvez estivesse imaginando coisas, mas era como se pudesse ouvir cada grito de sofrimento cortando a garganta dos animais que ardiam ainda vivos em suas jaulas.

Não imaginava que aquela onda de pânico movida à ignorância chegaria tão cedo à nossa porta. Mas chegou.

Primo acordara, estava agitado. Notei que ele espremia duas cartas nas mãos. Entregou-me o envelope que ostentava um selo dourado e pediu que eu lesse.

Para o meu total espanto, tratava-se de um convite do monarca brasileiro, desejava nossa presença na corte, após muito ler sobre nossos feitos. Estava tudo arranjado para nossa partida num vapor em três dias.

A conclusão era óbvia, alguém vinha se passando por mim já há algum tempo.

– Você fez isso, Primo? – ele sacudiu a cabeça em negativa. – Mary?

– Helen. – ele disse, mostrando-me a segunda carta.

Não hesitei. Aquela era nossa melhor chance, pois era a única.

* * *

Prezado Sr. L.N.,

Não pense o senhor que fiz o que fiz por amá-lo, pois garanto que não lhe dedico sentimentos desta natureza. Fiz para poupar o coração de Mary, que como bem sabes, nutre pelo senhor um grande afeto. Mas o senhor não seria um bom marido para ela, nem para qualquer mulher, já que te encontra irremediavelmente comprometido com a Ciência.

Julgava que apenas minha família seria beneficiada com teu afastamento. Hoje acredito que será o melhor para todos, inclusive para a criatura de Deus que o acompanha.

Digo isso porque, a mim (ao contrário de Mary) os bichos do Zoo nunca despertaram a curiosidade, somente a dó. Mas até então nos valíamos apenas dos seres criados por Deus para servir-nos... Oh, conveniente cegueira!

Estava a tocar uma sonata melancólica uma tarde na casa de caça. Mary e o senhor conversavam à porta. Foi quando Primo entrou na sala, apoiou-se no velho piano e ali permaneceu concentrado, até o final da música. Então ele disse, olhando as próprias mãos:

"Sua música é bonita, mas triste. Sinto falta da minha música, minha gente."

"Quem sabe um dia você possa voltar?", disse, para testá-lo.

"Não há para onde voltar. Não com este corpo.", refletiu. "Mas tudo volta ao pó da terra."

Um bicho não se emociona com Beethoven, Sr. L., um bicho não almeja a nada mais do que comida e abrigo!

Então pensei, se Deus fez os homens a sua imagem e semelhança, como seria possível que seres tão diferentes fossem todos do mesmo pó, reflexos de um único Ser? Imaginei que o feitio de Deus nada tinha a ver com a aparência exterior e que Primo deveria ser animado pelo mesmo sopro divino que nos anima.

Eu já tinha por hábito interceptar algumas de tuas cartas, até encontrar aquela que tornou minhas ações possíveis. Creio que fiz um bom trabalho copiando tua letra.

O senhor deve estar se perguntando se me envergonho do pecado da mentira. Mas, de outra forma, como poderia encarar a Deus no dia do Juízo, sabendo que nada fiz pelo bem do sangue de meu sangue, com a culpa da morte de um inocente a me atormentar a consciência? Sei que fiz o que tinha que ser feito.

Cuide bem de Primo, o senhor é a única coisa que restou a ele neste mundo.

Olhei para Primo, que se debruçava sobre a balaustrada do navio. O vento salgado agitava os cabelos que escapavam da touca. Passava-se facilmente por um jovem cavalheiro.

Lembrei do ocorrido no labirinto, quase dois anos antes, quando nos defrontamos pela primeira vez. Ele era tão diferente! Algo então me ocorreu: as minhas peripécias de macho alfa pouco ou nada tinham feito para domá-lo, como não tinham feito as algemas, a dor ou a fome. Naquele momento, o que Primo vira diante de si era a parede. Deparara-se com uma barreira conceitualmente intransponível. Mesmo que pudesse escalá-la, nada havia para ele atrás da sebe. Para viver, para ser, ele teria que se tornar outra coisa.

E eu me perguntava: desde quando vinha sendo refém dele?

Ele me sorriu com seus olhos verdes enigmáticos.



Fujoshis & fudanshis

Tanko Chan

É ilustradora profissional e vive em Petrópolis - RJ. Estudou Belas Artes na UFRJ e trabalhou na produção de quadrinhos nacionais, além de mangás independentes lançados nos EUA. É apaixonada por mangá, viciada em café, videogame e fotos de gatinhos. Administra um dos maiores sites dedicados ao Boy's Love em língua portuguesa, o Blyme Yaoi.

SITE www.blyme-yaoi.com

Inês Montenegro

Nasceu em novembro de 1988 na cidade do Porto, Portugal, onde estuda atualmente. Formada em Direito pela FDUP, encontra-se agora a tirar o segundo curso, em Línguas, Literaturas e Culturas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem publicados uma diversidade de contos que se espalham por antologias e fanzines, quer portuguesas quer brasileiras como *Super-Heróis* (2013), além de participar no Fantasy & Co, um espaço dedicado à publicação de contos fantásticos.

SITE www.talesofgondwana.blogspot.pt

Marcia Souza

é uma pessoa comum, com interesses incomuns.

Fabio Baptista

Nasceu em São Paulo, cidade que ama e odeia conforme o trânsito e o número de pessoas que resolvem ir aos mesmos lugares. Sempre gostou de ler e queria ser roteirista de HQs, mas tornou-se analista de sistemas. Escreve pelo prazer de escrever e ser lido. Esforça-se para produzir textos com qualidade acima do medíocre. Ainda não conseguiu, mas continua tentando.

Prsicila Barone

Formada em Publicidade e Propaganda e atualmente trabalhando como bancária, a autora admira a cultura pop em geral. Nas horas vagas, gosta de jogar videogame e comer um suculento temaki.

Diego Umino-Hatake

Por crescer numa família de professores, teve uma infância rodeada de livros, e é muito grato por isso. Jornalista e escritor de Manaus, Amazonas, percebeu que escrevendo poderia não só se divertir colocando no papel as histórias que aparecem em sua cabeça, mas que poderia tocar a vida de outras pessoas, outros jovens pelo mundo afora, assim como aconteceu inúmeras vezes com ele próprio a cada palavra devorada... Bom, ao menos é isso que ele espera.

TWITTER @diegoatake BLOG diegoreflections.blogspot.com

Aghata Yukari

20 anos completos com uma mente infantil. Formada em Jogos Digitais na PUC. Webdesigner e animadora, tocadora de taiko e ficwriter de carteirinha. Viciada em fantasia e ficção científica.

BLOG yukarishii.blogspot.com.br

Rubem Cabral

Carioca, engenheiro de software, radicado em Zurique, Suíça. Entusiasta das letras, sempre foi um leitor ávido de todos os estilos fantásticos, em especial a FC. O autor já foi publicado em várias antologias e o seu livro solo está na segunda edição, *A Linha Tênu*.

BLOG contosagridoces.blogspot.com

Melissa de Sá

é escritora e blogueira. Nascida em Belo Horizonte, escreve fantasia e ficção especulativa desde a infância. Passou a adolescência no fandom de Harry Potter e foi por lá que encontrou seu estilo próprio para escrever. A paixão pela fantasia – em seus vários subgêneros – a levou a fundar o BLOG livrosdefantasia.com.br, uma referência *online* no assunto. Melissa ainda mantém seu blog pessoal, onde reflete sobre escrita, música, cinema e artes em geral. Atualmente faz mestrado em literatura pela UFMG e é professora de inglês

BLOG mundomel.com.br

